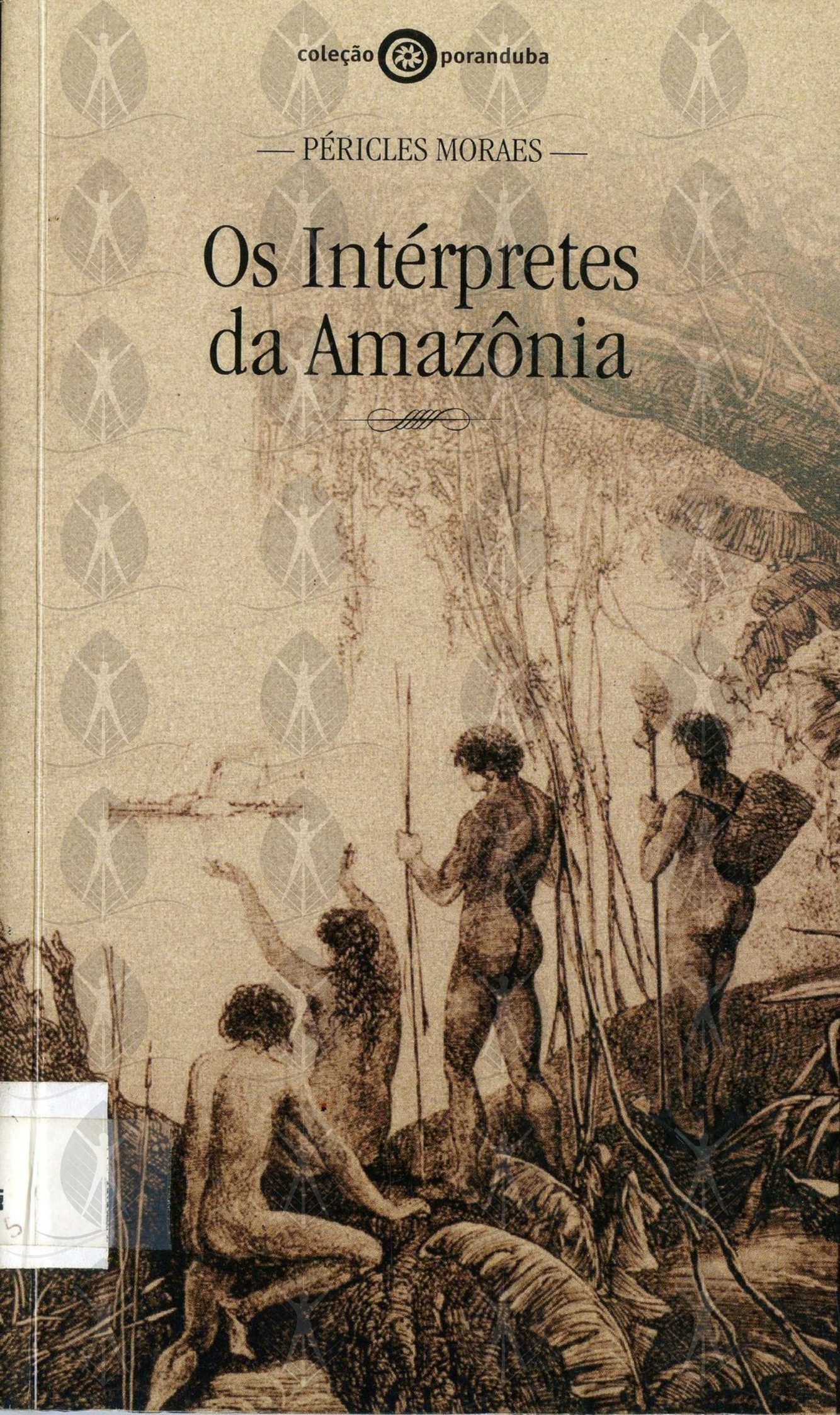


coleção  poranduba

— PÉRICLES MORAES —

Os Intérpretes da Amazônia



Os Intérpretes da Amazônia

CULTURA

Edições
Governo do Estado


Valer
EDITORA

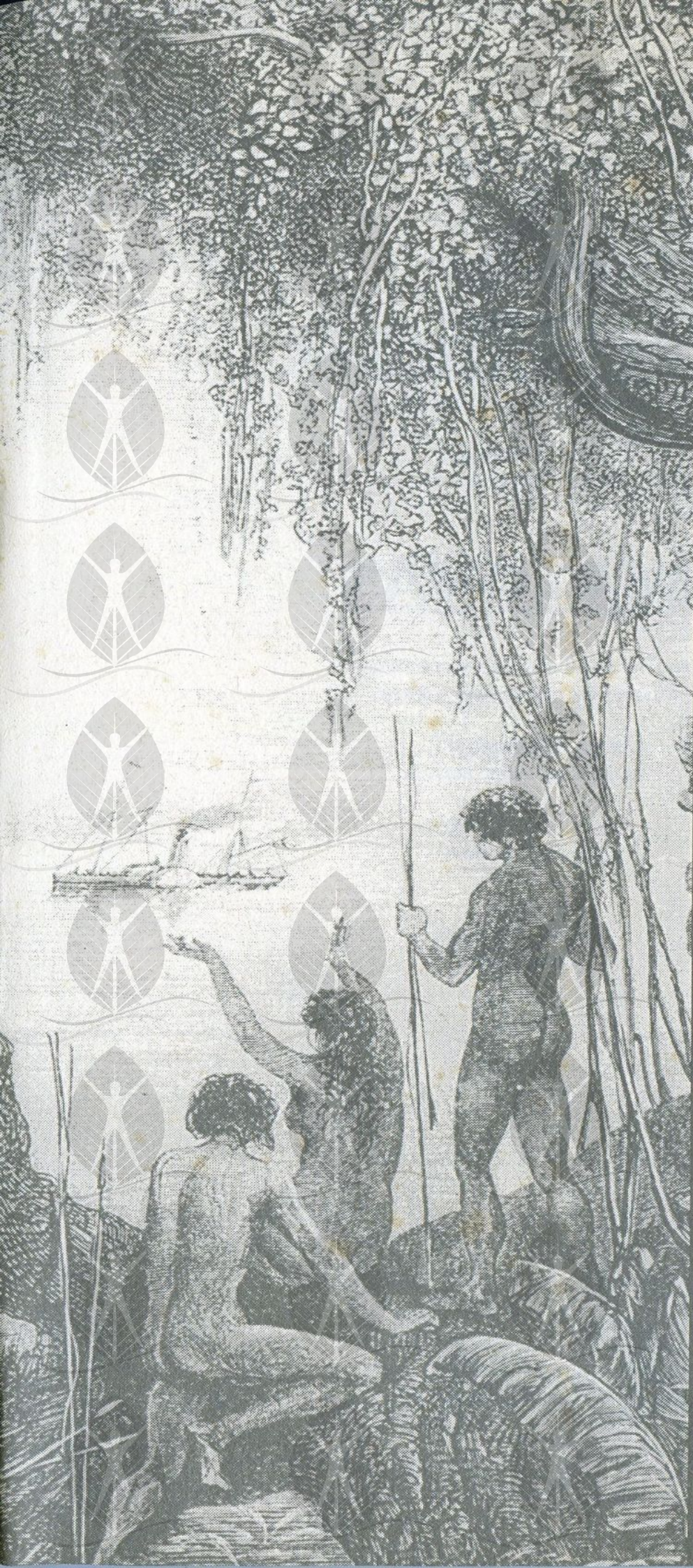
Já vos falei tanto e tanto conheceis Péricles Moraes, a mais admirável organização mental da planície, que não encontro adjetivos com que animar-lhe o retrato intelectual, que requer mão firme de artista e uma formação cultural capaz de entender a sua. Péricles Moraes, que é meu mestre sem que eu tenha sido discípulo seu, é um espírito em pleno meio-dia da vida, irradiando centelhas luminosas daquela luz que invocava Goethe ao sucumbir. Seus livros são monumentos de estética sobretudo. Em *Figuras & Sensações* apresentou-se ao país um crítico cuja personalidade se afirmou definitivamente, escrevendo uma crítica à Sainte-Beuve ou à Saint-Victor. Tal se nos mostra, dentre os treze capítulos do livro, aquele referente a "Camille Mauclair, sacerdote do ritmo": a orquestração da obra de Mauclair – *La Religion de la Musique* e *Les héros de l'orchestre* – foi igualada indubitavelmente pelos ensaios do insigne escritor de uma província longínqua e caluniada do Brasil. E não só Mauclair foi celebrado no livro de lendas de Péricles Moraes: Mirbeau, La Sizeranne, Maupassant, Rostand, Courteline, Alfredo Capus e Paul Bourget, isto é, toda a galeria dos grandes da literatura francesa contemporânea, estudados, compreendidos, amados, sem esquecer esse "divino predestinado" que foi Tolstoi e sobretudo aquela evocação maravilhosa da "Melancolia dos Pierrots".



coleção poranduba

OS INTÉRPRETES
DA AMAZÔNIA

Coordenação
Tenório Telles



GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editores Valer

Péricles Moraes

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS

OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA

Apresentação
Thiago de Mello

AmM
B 869.2
M 827.1
ex. 3


Valer
EDITORA

CULTURA

Edições
Governo do Estado

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2001

EDITOR
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Tenório Telles

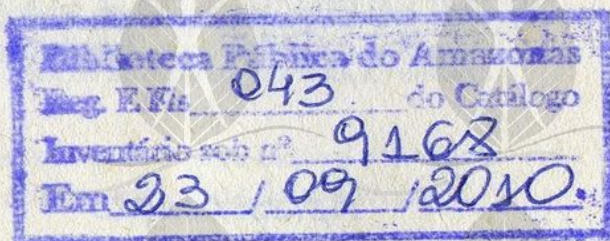
ASSISTENTE EDITORIAL
Pontes Filho

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
Marcicley Rego

(Capa – ilustração (detalhe) de Paul Marcoy, 1848 – Museu Amazônico)

DIAGRAMAÇÃO
Epifânio Leão

REVISÃO
Marcos Sena
Regina Páscoa
Rosilene de Deus
Sergio Luiz Pereira



PESQUISA
Regina Páscoa

NORMALIZAÇÃO
Ycaro Verçosa

M827i Moraes, Péricles.

Os intérpretes da Amazônia. / Péricles Moraes. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001.

192p. (Série Poranduba, 4)

ISBN 85-86512-88-5

1. Amazônia – ensaio de crítica literária I. Título II. Série.

CDU 316.728 (811.3)

2001

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br

Sumário

O impereclível Péricles	7
Os intérpretes da Amazônia	15
Pela glória de Gonzaga Duque	67
Heliodoro Balbi	83
Rememorando Stradelli	97
Exaltações da poesia tropical.....	105
Letras da Amazônia.....	123
Paisagens de uma vida.....	135
Uma grande figura amazônica	169



O impereclível Péricles

Thiago de Mello*

O leitor não procure nos dicionários porque não vai dar com o verbete. É palavra alheia às categorias gramaticais comuns. Acabo de inventá-la para um pássaro encantado que vive e canta na minha memória. Consta do meu livro mais recente, o *Campo de milagres*, um poema que chamei de “Neurônios fatigados”, no qual digo, sem maldizer, do cansaço das células cerebrais que, com a idade, perderam o vigor do milagre de ressuscitar momentos que nos enriqueceram de beleza.

Pois aqui bendigo as asas de um pássaro da memória que, ao contrário daquelas de Casimiro, que os anos não trazem mais, atravessam o espaço do tempo e me chegam, sempre cantando, para me devolver, cheios de luz, momentos de inefável felicidade que ganhei, no começo da minha mocidade, entre os vinte e vinte e cinco anos, de um homem para quem a arte literária, o poder de encan-

* Thiago de Mello é poeta e autor de *Silêncio e palavra*, *Narciso cego*, *Faz escuro mas eu canto*, *De uma vez por todas*, *Campo de milagres*.

tamento das palavras, era a grande alegria de sua vida: o amazonense de Manaus *Péricles Moraes*.

Estudante, já jornalista no Rio de Janeiro, vinha eu todos os anos a Manaus rever meus pais e os amigos de infância. Durante essas férias, vários fins de tarde eu lá estava, no casarão da Henrique Martins, só pelo gosto singular de ouvir, aprender e me comover com os dons do velho Péricles. Já ele andava perto dos setenta quando o conheci e, no entanto, poucas pessoas idosas encontrei na vida tão cheias de juventude.

Foi Genesino Braga (então diretor da Biblioteca Estadual, amigo de meu pai e que me lera no *Correio da Manhã* do Rio alguns versos) quem me levou pela primeira vez ao encontro de Péricles. Nos jardins atrás da casa, lá o encontramos com Agnello Bittencourt e Djalma Batista. O homem estava de pé, os braços abertos, a voz poderosa, recitando Bilac.

– Você é poeta, sabe Bilac? – me perguntou.

Respondi que aprendera no Grupo Escolar José Paranaguá o “Ouvir Estrelas” e que minha professora dona Clotilde Pinheiro me dera a “entonação”.

– Clotilde Pinheiro! ele exclamou. Uma senhora dama! Pois recite.

Não me fiz de rogado. Dei conta do recado, ganhei um abraço do mestre. Um mestre, sim, do idioma, que amava a prosa bem-armada e melodiosa, mas cuja predileção era a poesia, sem ser poeta. Não era um machadiano, que enxugasse com o humor a tinta da melancolia. De sintaxe primorosa, a propriedade de expressão, a prosa de Péricles Moraes se derramava, às vezes descaía em adjetivos generosos. Mas quem disse que

prosa derramada é desgostosa? Depende do que ele diz, depende de como ele conta. Deixou textos que valem releituras.

Mas longe de mim fumos de crítico literário. Quero é contar o que me traz o pássaro dos neurônios. Nunca ouvi do escritor (e homem de Estado) uma palavra que não fosse sobre literatura. Era um gosto ouvi-lo falar de Bilac e de Coelho Neto, seus prediletos. Iluminava-se de entusiasmo (o meu Armando Nogueira me garante que entusiasmo, palavra de raiz grega, quer dizer cheio de deuses) quando falava do Chevalier, o nosso, de Heliodoro Balbi, de Leopoldo Péres e do ainda bem jovem Djalma Batista.

Mas no que ele por inteiro se comprazia era quando entrava no seu reino amado, o da literatura francesa. Parece que o estou vendo, à minha frente, mais de meio século depois, olhar de fagulhas, os longos braços bailando lentos, recitando o “Booz Endormie”, de Victor Hugo, e repetia, de pura felicidade, os versos em que o poeta comparava a lua minguante a uma

*faucille d'or
négligement jetée
sur le champ des étoiles.*

Certo entardecer lhe perguntei pelo “Cemitério Marinho”, de Valery. Péricles elevou um *ai* de quem relembra um ser querido e recitou a primeira estrofe do poema. De repente, como uma agulha que estanca numa faixa do disco, repetiu várias vezes o penúltimo verso:

La mer, la mer, toujours recommencée.

– Verso intraduzível, comentou.

Noutra ocasião, eu o provoquei com dois versos de Rimbaud:

*Oisive jeunesse
a tout asservie*

Ele concluiu a estrofe da *chanson*:

*Par délicatesse
j'ai perdu ma vie.*

Em 55 estava eu na redação antiga de *O GLOBO*, no Rio, escrevendo a minha crônica diária, quando o saudoso José Lins do Rego, colaborador do jornal, me entrega um telegrama:

– Olha aqui o que chegou para você.

Era um telegrama do velho Péricles (um varão de bem, dele dizia meu Pai) me comunicando que eu fora eleito por unanimidade para a Academia Amazonense.

– É a glória! – comentou brincalhão o autor de *Fogo Morto*, enquanto eu, entre o susto e o incômodo, dizia que eu era um menino e que Academia era coisa que nunca me passara pela cabeça. Escrevi dizendo isso a meu Pai, levando um ralho daqueles antigos. Roberto Marinho me deu uma passagem aérea e lá me vim para a solenidade de posse, uns meses depois, recebido por Djalma Batista. Waldemar Pedrosa e Álvaro Maia na primeira fila.

O protocolo acadêmico ainda não exigia candidaturas, mas pedia que o eleito mostrasse previamente o seu discurso ao

presidente da casa. Quando Péricles concluiu a leitura, me disse sorridente:

– É diferente de todos os outros discursos de posse na Academia.

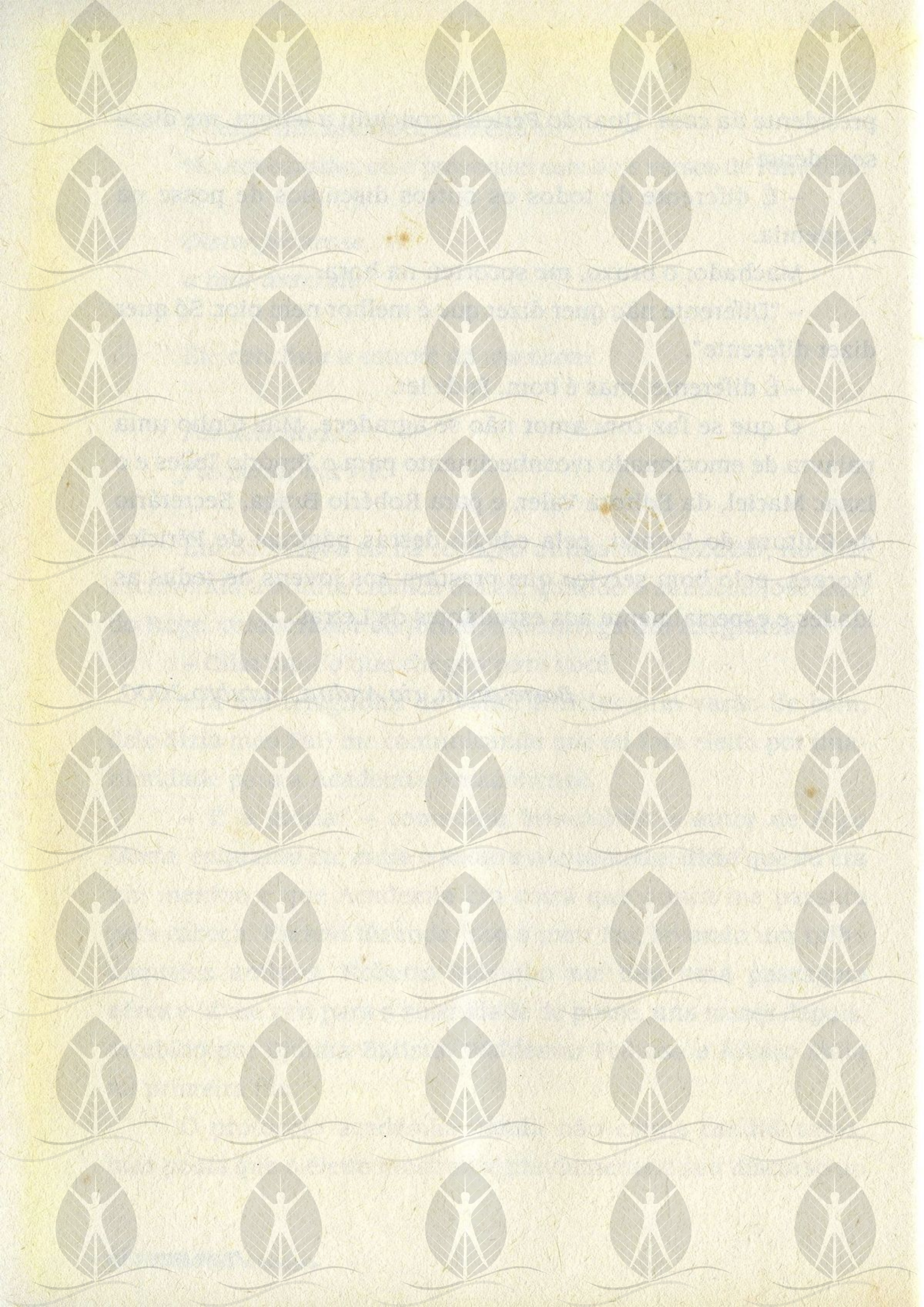
Machado, o bruxo, me socorreu na hora:

– “Diferente não quer dizer que é melhor nem pior. Só quer dizer diferente”.

– É diferente, mas é bom. Pode ler.

O que se faz com amor não se agradece. Mas tenho uma palavra de emocionado reconhecimento para o Tenório Telles e o Isaac Maciel, da Editora Valer, e para Robério Braga, Secretário de Cultura do Estado, pela edição destas páginas de Péricles Moraes, pelo bom serviço que prestam aos jovens de todas as idades e especialmente aos estudantes de Letras.

Barreirinha, rio Andirá, outubro 2000.





OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA



Os intérpretes da Amazônia

Arriscava-se, talvez, nos dias de hoje, ao perigo de incorrer em falsa afirmativa, quem ousasse dizer, como fez Euclides da Cunha, nos conceitos de seiva medular inscritos no pórtico do livro do sr. Alberto Rangel, que a Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, apesar de seculares investigações, é conhecida aos fragmentos, e tudo o que se escreve a seu respeito se adstringe aos seus inumeráveis aspectos parcelados. Para descortiná-la, em conjunto, a seu ver, teria o espírito humano que se afrontar com entraves e obstáculos intransponíveis, decorrentes de sua aparente uniformidade estrutural, da complexidade de suas mutações geológicas, dos seus imensos horizontes paleontológicos, suscetíveis, na sua desmesurada grandeza e na sua estonteante realidade, de turvar e desnortear as inteligências. De fato, naquela época, a não ser o prosador d'*Os sertões*, nenhum outro escritor se aventurou à temeridade de tais empresas. Pode-se mesmo avançar que os seus estudos sobre a Amazônia, assim nas páginas do *A*

margem da História, como no prefácio magistral do *Inferno verde*, são o eixo central de tudo quanto se tem pensado e escrito sobre a região portentosa. Euclides, com a sua faculdade de ver, compreender e deduzir, tinha ainda a vantagem de possuir uma sensibilidade aguçadíssima, que lhe transmitia às imagens as vibrações do temperamento ensofregado. A natureza por ele objetivada, sendo exatamente a mesma que servira às lentes dos outros escritores e cientistas, aparece-nos, entretanto, agitada pelos fluxos e refluxos de uma imaginação ardente, que poreja sangue e lhe dá a medida, a extensão e a superioridade do espírito. Porque, não há negar, o cientista, isoladamente, fora da temperatura febril do escritor, não obstante a sua visão introspectiva, não teria impressionado dessa maneira. Foi a sua arte de escrever, refletindo-lhe, em lampejos, o trabalho da alma e do cérebro, as fermentações e conflitos interiores, que operou o prodígio. Euclides viu a Amazônia com a consciência do artista e a profundidade do cientista, deixando-nos algumas páginas de tão grande fertilidade de observações, que não se pode hoje emitir qualquer opinião neste domínio sem consultar-lhe a autoridade. Mas se foi ele, deveras, o único que conseguiu, em traços vigorosos e firmes, projetar, nas suas cores vivas e flagrantes, a natureza amazônica, à sua sombra, à sombra de sua glória, cresceu e frondejou uma floresta de imitadores solertes e subalternos, que lhe tentaram decalcar o estilo indecalfável, a forma e a superfície das idéias, copiando-lhe o vocabulário, reproduzindo-lhe os neologismos, deturpando-lhe as intenções, e até, inconscientemente, assimilando-lhe os leves defeitos de composição e de estilística e as imperceptíveis negligências de téc-

nica. A obra de Euclides, todavia, triunfou e resistiu galhardamente, conservando-se ilesa, e destinando-se a servir de introdução a qualquer estudo sério que se pretenda realizar sobre o mesmo assunto. Euclides, com efeito, foi um clássico da Amazônia, clássico enquadrado no definir de Sainte-Beuve – um escritor que se dirige a todos com um estilo seu e que se encontra também em todo mundo, um estilo novo e antigo, contemporâneo de todas as datas. As páginas fragmentárias, que escreveu sobre a Hiléia, são, indiscutivelmente, o primeiro monumento que se vislumbra no horizonte literário amazônico. É certo que, muito antes dele, por escritores e investigadores estrangeiros e da nossa raça, outras incursões já haviam sido feitas com proveito e resultados frutuozos. Citamos, entre inúmeras, as do amazonense Sant’Anna Nery, que escreveu um livro interessantíssimo – *Le pays des amazones*, no qual, sobre o problema amazônico, se compendiaram, habilmente discutidas e comentadas, as hipóteses a ensaiar e verificar. Sant’Anna Nery conseguiu levantar uma rápida nomenclatura das viagens de exploração feitas no Amazonas, com largos empréstimos ao Dr. Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil*), a L. Vittel, a Demarquets e outros, analisando todas as particularidades geográficas, geodésicas, climatéricas e geológicas do vale do Amazonas. Para a aquisição fácil e sem esforço dos eruditos de cutiliquê, estão aí coligidas as anotações dos mais destacados exploradores científicos da Amazônia, do astrônomo francês La Condamine, que foi o primeiro, no fim do século XVIII, a abrir para a ciência a Província do Amazonas, às iniciativas do naturalista alemão Humboldt, que, no começo do século passado, fez

da Amazônia um campo de experiências; às viagens do conde de Castelnau, refertas de informes curiosos sobre os variados aspectos e as diversas produções da região. Aliás, não foram diretas as observações que consigna em seu livro. Sobre o solo amazônico, as suas condições climatéricas, a sua constituição geológica, a sua fauna e a sua flora, as suas riquezas ictiológicas, e, sobretudo, as suas lendas maravilhosas, Sant'Anna Nery foi buscar dados e subsídios na obra de Barbosa Rodrigues, a quem denomina o "Agassiz brasileiro", na do engenheiro J. M. da Silva Coutinho, e nos estudos de Alexandre Haag, que foi o primeiro a conceber, antes mesmo de Euclides, os planos da ligação, por via férrea, do Acre com o Madeira. Embora norteado sempre por observações hauridas em fontes estranhas, Sant'Anna Nery traçou um vasto panorama da Amazônia, estudando-lhe, de conjunto, o clima e as maravilhas da vegetação luxuriante, a flora e a fauna em suas curiosas particularidades, o fenômeno da produção e a trama de sua bacia hidrográfica, além de explicar-lhe as lendas nativas e estender-se sobre o sentimento religioso dos indígenas. Amparou-se, vezes muitas, nos conceitos e nas informações dos exploradores que o antecederam na inspeção à gleba amazônica. Mas, talvez por isso mesmo, realizou um dos melhores estudos que ainda se fizeram sobre a planície setentrional brasileira. Não lhe foi possível, tal a distensão dos horizontes a perquirir, construir uma obra completa, estudando a região integralmente, de fronteira a fronteira, num exame detido e pessoal de todas as suas proteiformes manifestações geográficas. Sem embargo, os comentários aí expendidos foram tão acertados e judiciosos, que o seu livro tem sido o manancial que vem abaste-

cendo, sem nenhuma responsabilidade, o farnel erudito de inumeráveis escritores especialistas em conhecimentos da Amazônia. A região amazônica, porém, ainda não era conhecida senão de outiva, de informações de segunda mão, através de hipóteses várias, sustentáveis algumas, insustentáveis na sua maioria, formuladas por autores suspeitos e desautorizados, que, simulando uma irrisória atitude científica, repetiam, exaustiva e levianamente, assim os conceitos verdadeiros, como os postulados falsos, as impressões apaixonadas, as teorias abstratas e sofísticas, que não resistiam ao contato do mais primário dos argumentos. Porque a Amazônia não é assunto para escritores medíocres. O gigantesco caos amazônico, para ser desvendado e compreendido, requer uma divinação quase profética. Não basta o aparelhamento científico. Para compreender, assimilar e exprimir a complexidade de sua natureza, o escritor precisa ser dotado de um talento verdadeiro, auxiliado por todas as forças do espírito e da vontade, além de possuir, simultaneamente, a faculdade de perceber, de um só lance, as circunstâncias particulares e sensíveis que lhe explicam as influências passadas e presentes. Ademais, cumpre saber fixar-lhe, como um pintor, as transformações fugitivas de seus espetáculos, o efeito dos seus violentos cenários, o mundo de idéias secretas que a vertigem de suas águas e o assombramento de suas florestas despertam em nossa imaginação. Por isso, por ter disposto integralmente de todas essas faculdades, é que Euclides ainda não foi excedido. Gênio fundamentalmente dedutivo, ele pretendeu com a sua visão de águia, extrair de alguns princípios claros e evidentes, e de algumas fórmulas obscuras e dificilmente demonstráveis, o

conhecimento de todos os fenômenos amazônicos, vendo na Amazônia o que os outros ainda não tinham conseguido ver.

Já o sr. Alberto Rangel, escrevendo num estilo rígido, inquieto e castigado, onde se encontram, não raro, os relevos violentos e as descargas nervosas do estilo de Euclides, sem medir as perspectivas cheias de seduções e de perigos que se abriam diante de sua imaginação, viu a Amazônia de outro modo. Sem procurar, como o seu êmulo, penetrar-lhe a fundo a estrutura fisiográfica, preferiu descortiná-la nos seus aspectos trepidantes, fixando-os num livro de pungente realismo – o *Inferno verde*, onde o homem amazônico, submetido à crueldade do próprio destino, e a terra fantástica, nos seus painéis alucinatórios, são vistos através da idealização excitada de um rebelado temperamento de escritor. Tinha razão, neste particular, Euclides da Cunha, em face da estrutura desse livro, quando declarava que a Amazônia era conhecida apenas aos fragmentos, sob aspectos numerosos mas parcelados, em traços fortes mas desconexos, sem ser jamais visionada de conjunto, porque “a inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa”. Alberto Rangel, tentando delineá-la, não tinha ilusões, convencido de que a tragédia amazônica ainda estava por ser escrita. Não aparecera ainda, de verdade, o poeta, que a um tempo tivesse o cabedal do cientista, a visão do sábio e a penetração do homem de gênio, capaz de plasmar o poema imortal de suas peripécias gigantescas, numa obra-prima do espírito, onde transverberassem os coloridos de um Michelet ou de um Saint-Victor. O espetáculo surpreendente de suas metamorfoses telúricas não se amoldava aos descortinadores de ho-

rizontes restritos. Para ver a Amazônia e interpretá-la, era necessário uma imaginação criadora, que traduzisse em linhas convulsivas, a epopéia do homem, na luta angustiada e tenaz contra os imprevistos da natureza, desafiando a agressividade dos elementos físicos que o circundam, surpreendendo a vida e a alma das florestas, emparedado nos seus desvãos solitários, pontilhados de trechos sombrios, “onde se diria – na expressão de Alberto Rangel – que se acendem candelabros para uma festa de duendes”. Fixar os lances dramáticos do homem e da terra amazônicos, onde a variedade dos aspectos se confunde e se altera em transmutações bruscas e inopinadas, fazendo soçobrar todos os artifícios da lógica e da razão, e onde, para cada um deles, a intensidade de impressões e a dependência das idéias e das emoções variam de conformidade com a estrutura intelectual do observador, não era empreitada para inteligências tardigradas e marasmáticas. Era obra para os artistas de elite, capazes de exprimir, num traço fulgurante e revelador, a violência de suas sensações e o frêmito das emoções que lhes abalam o sistema nervoso. Não tem sido outra, por tais motivos, a causa do insucesso de não poucos escritores que se têm arriscado a buscar na Amazônia a tese e o desenvolvimento de suas digressões espirituais. Dir-se-ia que a grandeza do modelo lhes oprime e atordoia a concepção. Eriçada de impropriedades, tumultuária de lances enfáticos, desbordante de imagens excessivas e incoerentes, congestionada de narrações prosaicas e de aflitiva monotonia, que lhe acusam a erudição superficial e discursiva, a obra ressentente-se, desde logo, das fraquezas e debilidades do escritor, apresentando uma Amazônia absurda, falsa e mistificada,

erigida sob os auspícios da observação de outros escritores e, por conseguinte, sem o cunho da visada pessoal, que imprimiria, pelo menos, o caráter de autenticidade a certas invenções porventura mais fantasiosas. Seja como for, se até hoje ainda não exurgiu, por encanto, o menestrel que lhe eternizasse as glórias, muitos escritores do nosso tempo e da nossa raça, tomando-a como fonte de inspiração e pesquisando-a em determinados aspectos, trouxeram, do seu contato com a natureza e com o homem, impressões originais, traduzidas em páginas de indiscutível mestria.

Veja-se, por exemplo, o livro *Terra imatura*, de Alfredo Ladislau. No conciliar os surtos da imaginação com as exigências do espírito especulativo, o escritor preferiu ver o lado plástico da Amazônia, modelando-a em desenhos flexuosos, sem mutilar a realidade, e descobrindo-lhe as formas estéticas e luminosas, ao jeito de La Sizeranne. Construindo um livro que é uma verdadeira introdução ao estudo da natureza amazônica, ou melhor ainda, que é uma preparação espiritual, um roteiro admirável para quem deseje tentar uma incursão à *selva selvaggia* maravilhosa, Alfredo Ladislau, em impressivas águas-fortes, desenvolve a ondulante perspectiva do panorama amazônico, nos seus contornos desordenados e nas sombrias tragédias que lhe convulsionam as forças cosmológicas. É uma Amazônia feita de claridades solares, em períodos esculturais, onde resplende a “vis superba formae” do poeta latino. Mas, cumpre acentuar, é também uma obra de pensamento e de emoção, onde por entre os labores de uma arte de luxuosas incrustações, estão perfeitamente equilibrados a sensibilidade

do artista e o raciocínio, a lógica, a pureza e a concisão do escritor. É evidente que, sobre o espírito de Alfredo Ladislau, o prosador épico d'*Os sertões* exerceu aquela indominável influência, aquela poderosa atração que subjuga e perturba a quantos lhe sintam o fascínio inelutável. Mas, também, é fora de dúvida que essa influência não foi de molde a diminuir-lhe o prestígio das idéias e a sagacidade das observações. Porque o livro da *Terra imatura*, escrito com aquela excessiva pujança verbal e intensidade de expressão que eram o traço característico do estilo envolvente de Euclides, não impressiona apenas pelo esplendor da forma e pelos ademanes da linguagem. O descortino visual do escritor, estabelecendo pontos de vista novos e defendendo-os com desassombro, esclarecendo certos fenômenos e procurando explicar-lhes os efeitos e as causas, por sua vez contribuiu e preponderou para que, das várias e múltiplas sugestões de um mundo estranho, resultasse um sistema de idéias gerais, que lhe denunciavam a eficiência da cultura. Cada capítulo desse livro é o conspecto isolado de trechos esparsos da vida amazônica. Traço a traço, dominado pela idéia de lhes dar a fisionomia verdadeira, o artista sobrepõe-se ao escritor, imprimindo às telas pinceladas vigorosas que lhe definem o talento descritivo. Há aí páginas soberbas, dignas de Euclides. Mas, de quando em quando, embora não se tenha o espírito prevenido, sente-se-lhe a afinidade com outros escritores da Amazônia, a reminiscência viva de impressões alheias que lhe ficaram na memória e reaparecem, sub-repticiamente, acusando-lhe a gênese da concepção. Quem não descobre, desde logo, *verbi gratia*, que essas páginas lapidares da *Psicologia dos lagos*

foram inspiradas na leitura do *Tapará*, de Alberto Rangel? A certos aspectos, a mesma semelhança de relevo e de tonalidades, na pintura do quadro amazônico, se identifica no estilo de ambos. Ainda mais. Os conceitos sobre os fatores geográficos observados para as formações hidrográficas dos lagos são análogos, como é análoga a suposição, analisada com a lógica de raciocínios equivalentes, de que no lago amazônico a credence aborígene encontrou a fonte das lendas e das criações fantásticas que lhe alimentam o fabulário. Aliás, o autor do *Inferno verde*, a inferir-se da legenda que lhe emoldura o trabalho, parece ter ido buscar, por sua vez, subsídios na obra do padre João Daniel, que, como é sabido, fez grandes estudos e explorações no “hinterland” amazônico. A despeito disso, Alfredo Ladislau escreveu um livro paradigmático, deixando o seu nome na galeria dos maiores escritores da Amazônia.

O sr. Gastão Cruls também foi tentado pelo dragão metuendo, que desorbita de espanto os olhos dos que procuram fixar-lhe as volúpias dionisíacas. Fiado no poder sobrenatural de sua imaginação, decidiu-se a criar uma Amazônia tentacular, trazendo-nos, em meio aos recortes novos de um romance, feito de artifícios imprevistos, uma fórmula mais segura para estimular a nossa curiosidade. E sem nunca ter tido, antes, uma visão objetiva das realidades amazônicas, por não ter jamais percorrido a região, conseguiu ser, com *A Amazônia misteriosa*, um lúcido revelador de muitos dos seus aspectos verdadeiros. Romancista dos de maior envergadura desta época, mais atento, no desfecho dos seus romances, para a evolução das almas do que para as peripécias exteriores, o sr. Gastão Cruls, que é escritor

de alta estirpe intelectual, trouxe dos sortilégios e das fantasmagorias da Amazônia, uma impressão de pormenores tão fiéis, de tão grande autenticidade, que nos deixaram a ilusão de terem sido colhidos de uma observação pessoal de muito tempo. Logo de início, porém, o escritor deveria ter verificado que, para lançar os fundamentos de uma obra de tamanho risco, a imaginação pura e simples não teria elementos para levá-la a termo com sucesso. Médico, herdeiro do nome de um cientista cujo maior galardão na vida fora o culto da sabedoria, a sua erudição, especializada nos domínios das ciências naturais, de muito contribuiu para o êxito da iniciativa. Mas, sobretudo, no seu romance, movimentando as cenas e personagens dentro do aranhol desmesurado da floresta amazônica, o ficcionista teve horas indizíveis de alegria criadora. Depois, dominado pelo desejo singular de conferir os arroubos imaginativos, justapondo-os à fisionomia verdadeira, resolveu ir *ver* a Amazônia, mas *ver*, à maneira do crítico doutrinário que crê no valor absoluto de certas regras, sem delas ter experimentado os fundamentos, *ver* a Amazônia, com o espírito indiferente a imprevistos do acaso e à violência dramática das situações, convencido, talvez, como Sylvestre Bonnard, de que, para quem sabe ver, a mais singela realidade é sempre um espetáculo surpreendente. E dando-nos a impressão direta do que contemplou, e esforçando-se para romper as molduras tradicionais, escreveu *A Amazônia que eu vi*, crônica do seu roteiro de viagem de Óbidos–Tumucumaque, resultante de suas observações pessoais, quando se agregou, na qualidade de “climatologista”, à Comissão de Reconhecimentos da Fronteira da Guiana Holandesa, chefiada pelo general

Rondon. Para os que não conhecem a região, ou somente a conhecem através das vibrações do estilo de Euclides, é uma decepção o livro do sr. Gastão Cruls. Estudando-a apenas em um ângulo isolado, e tendo a sua visão intelectual abrangido apenas um único setor do vale, o escritor parece não ter encontrado em toda a sua peregrinação um só aspecto insólito susceptível de despertar a sua curiosidade. Em notas curtas e apressadas, referidas de conceitos de extrema simplicidade, e cujo prosaísmo é chocante, de vez que se trata de um prosador da linhagem do romancista da *Vertigem*, o sr. Gastão Cruls, levado por um temor obsessivo da ênfase e da retórica, prima por nos apresentar, em contraste com a Amazônia do seu primeiro livro de pura ficção, uma outra Amazônia monótona, incolor e terra a terra, despojada do seu *péplum* de seda e de seus coturnos de oiro, com surpreender-lhe, num estilo sem movimento e sem vibração, a fisionomia familiar, de feitio desinteressante e inmutável, que se adstringe a um ritmo invariável, contínuo e sempre o mesmo. Seria essa, realmente, a Amazônia verdadeira, que o gênio de Euclides não percebeu, de que o sr. Rangel, reproduzindo-lhe os panoramas, deu uma cópia infiel, e que Ladislau, com fictícios e excessivos coloridos, transplantou para o seu livro? Frisemos, entretanto, para evitar interpretações tendenciosas no que concerne ao nosso ponto de vista, não estarem em causa, nesta hora, a correção de linguagem do escritor, nem a beleza do estilo em que o livro foi escrito. Trata-se tão-somente da maneira como se intentou reproduzir a Amazônia; e as considerações aqui formuladas ainda maior relevância adquirem, se atentarmos que o autor dessas páginas desbotadas, sem sangue, sem nervos e sem

vida, é o mesmo autor, ou melhor, é o mesmo pintor suntuário que, sob as ardentias de eloqüentes panejamentos, e servindo-se apenas do seu espírito inventivo, visionou uma Amazônia singular que, se não era precisamente a verdadeira, estava muito próxima da realidade.

Com o sr. Peregrino Júnior nos achamos em face de um escritor, cuja plasticidade de inteligência soube adaptar-se sem esforço aos múltiplos aspectos da realidade amazônica, que se abriu e se revelou, de par em par, à sua curiosidade pesquisadora. O seu estilo simples e flexuoso, sem períodos aurilavrados, reproduz em flagrantes vivos, às vezes de repercussões irônicas e dolorosas, as belezas e as atrocidades do vale. Não se contentando com indicar o rumo de suas explorações, que foram continuadas e sem conta, em setores diversos, todos percorridos minuciosamente, seguidos de perto por um observador de fina sensibilidade e equilibrado raciocínio, em seus dois livros *Puçanga e Matupá*, nos dá, acima de tudo, a imagem desse tablado de sombras e penumbras, onde, em alternativas incoerentes e pungidoras, se jogam os destinos do homem amazônico. De página em página, pontilhadas todas de traços verosimilhantes e acerbos, com a intuição perfeita de quem testemunhou o espetáculo e lhe não esquece o mais rápido pormenor, sente-se, em conjunturas angustiantes, a figura do seringueiro, abroquelado no seu mórbido fatalismo, destroçado pela natureza inclemente e tentando, desesperadamente, dominá-la, a debater-se nas crises interiores de sua vida psicológica. Os pequenos contos desses livros – evocações de paisagens que seus olhos viram e fixaram – são verdadeiros

instantâneos da floresta bravia e sem termo, de vegetação impenetrável, cortada por estradas e varadouros, retramada de paranás, igarapés, “furos” e igapós, que transbordam e alagam as regiões amazônicas, durante as grandes enchentes. O escritor, porém, com a sua visão experimentada de cristalógrafo, que descobre nas pedras a jaça mais imperceptível não penetrou apenas o sentido estético da Amazônia. Procurou, também, desentranhar do rincão revesso o sentido heróico dos seus homens, no fluxo galvânico de suas ações, na beleza do seu desprendimento e na coragem e na renúncia de suas atitudes. Não se assiste, por exemplo, sem um profundo amargor, ao desfecho, tão comum aliás, da vida atormentada desses amaldiçoados da fortuna, que, de golpe, como aconteceu a Sebastião, no *Paroara*, depois de fugirem à selva e às suas ilusões, se vêem na contingência de retornar “resignadamente para a solidão trágica da mata, daquela terra de esquecimento e de morte”. Da mesma sorte, no drama sombrio do *Gapuiador*, o destino de Chico Domingos, de melancólico desalento, faz lembrar a página emocionante do conto *Os velhos do sertão*, de Coelho Netto, animada com o tropical colorido, que era o índice da linguagem daquele insigne romancista, onde aparece, como em um cenário de espectros, a figura desatinada e esquálida de Romana, que foi descoberta depois de muitos dias de vigília macabra, quase moribunda, junto ao cadáver, em decomposição, de seu marido, o cesteiro Thomé Sahyra, na casinha branca situada no recosto da colina, sob a ronda sinistra dos abutres esfaimados.

Refletindo, da mesma forma, as influências do meio físico e social, e servindo-se de um colorido em que, muita vez, a luz

excessiva exclui a doçura das penumbras, o sr. Aurélio Pinheiro, na *Gleba tumultuária*, (cenas e cenários do Amazonas) traz o seu modesto contingente para a evolução do gênero literário tão explorado e desfigurado nestes últimos tempos. Dentro do seu livro, em variantes discretas, a paisagem amazônica transparece ao contato de uma alma vibrátil de observador. São pequeninos cenários, de cor local autêntica, revividos com simplicidade e sem a menor pretensão estilística, por um escritor que viveu nas paragens ínvias e lhes apreciou *in loco* as repentinas mutações. As tardes chuvosas do vale amazônico, os seus doloridos crepúsculos de “friagem”, as tempestades na floresta sob o esfuzilar dos relâmpagos, que incendeiam os horizontes, as “montarias” frágeis deslizando sobre os rios largos, de águas barrentas e profundas, a vida agreste nos castanhais, na roça, nas “fazendas”, e nos barracões dos seringais, tudo isso, que já é lugar-comum nos livros que se ocupam da Amazônia, tem um sabor novo de fruto ácido e delicioso nas páginas do sr. Aurélio Pinheiro. Mas esse escritor não se limita a fotografar os panoramas do ambiente tropical. Reproduz, também, em tonalidades vigorosas, os aspectos da vida e das inquietações do homem amazônico, que não é apenas o caboclo nativo, adaptado às anomalias geológicas e às crueldades do ambiente físico, mas o emigrante nordestino, cuja capacidade orgânica e cujas resistências morais desfalecem, exauridas, na luta pela aquisição da fortuna ilusória. São lances dramáticos sacudidos pela crueldade e pela bravura dos seus heróis, tal como nesse episódio da revolução do Acre, onde a figura de Zé Amâncio, quase transcende as raias do verossímil, ou, ainda, no conto *A surra*, que é um primor de urdidura técnica.

O romance *A selva*, do escritor português Ferreira de Castro, é um depoimento de incontestável veracidade sobre a fisionomia bárbara da terra e a fisionomia dolorosa do homem que se revolta contra as suas atrocidades. Um frêmito indizível convulsiona todas as páginas, vendo-se, de modo espantoso, a vida lancinante desses galés do destino, que se evadiram da gleba natal, e soçobraram, emparedados, na floresta numerosa e obsedante. Sob a análise fria de uma visão que verifica, penetra e desfibra, aí estão as peripécias degradantes do homem, que é o resultado accidental e contingente do meio ambiente, transformado, sob o influxo dos imponderáveis estigmas ancestrais, no gorilha feroz e lúbrico dos tempos primitivos, que Taine evoca e flagela em muitas de suas páginas. Aí está a Amazônia pungente, desdobrando-se em cenas que ultrapassam em intensidade tudo quanto já se escreveu no gênero. Não se diga, porém, que o prosador luso, com o plasmar, ao vivo, num estilo sóbrio e poderoso, a vida no interior do seringal amazônico, consignando cuidadosamente episódios insólitos e acumulando pormenores para melhor relevo individual das suas personagens, intentasse fazer obra de ficção, de pura inventiva, divorciada dos domínios da realidade. De modo nenhum. *A selva*, ao revés, é um estudo objetivo, trabalhado escrupulosamente por quem, pode-se dizer, foi o protagonista das tragédias que descreve, e que, na profundidade psicológica dos sentimentos que lhes animam as figuras, se não fossem sentidas e vividas como o foram, não nos deixariam experimentar a emoção que não nos produziu nenhum outro livro sobre a Amazônia. Em cada cena, numa temperatura de alta pressão, agem, tumultu-

tuam e se desenvolvem, indivíduos de construtura hedionda, indiferentes à tortura humana, impassíveis e insensibilizados diante do sofrimento alheio. Juca Tristão é uma personagem diabólica, que ressuma fel por todos os poros. Só uma figura de gelatina poderia acompanhar-lhe, sem um esgar de repulsa, as tensões exageradas da vilania. Ainda assim, repelente, viscoso, desapiedado, não foi uma concepção literária engendrada pela imaginação fértil de um criador de funâmbulos. Nada disso. Esse Juca Tristão, que o sr. Ferreira de Castro revive nas páginas amargas do seu livro, é um exemplar comum do seringalista amazônico, do homem egoísta e desumano que tripudiava sobre a angústia dos seus compatriotas, para regalo de uma vida perdulária, nas capitais. Atualmente, a crise econômica, o abandono dos seringais, a desvalorização da borracha, e, em conseqüência, o desprestígio do seringalista, que assim são chamados, entre nós, os proprietários de seringais, talvez, definitivamente, tenham transformado tais processos inquisidores. Não era assim, porém, na época em que se desenvolve a narrativa d'*A selva*, que coincide justamente com o crepúsculo dessa fase de esplendor amazônico, rematada pela mais tremenda das hecatombes financeiras. A Amazônia de hoje, economicamente, é uma região morta, sem outra serventia que não a de campo de explorações literárias, onde se têm perdido e naufragado não poucos escritores secundários. O autor d'*A selva*, todavia, reporta-se, justamente, aos dias tormentosos que precederam a essa derrocada sem exemplo na sua história, e, como verdadeiro romancista que é, não criou os seus heróis. Ao contrário, teve que aceitá-los como se apresentaram, já formados pelo destino,

curvados ao peso de uma fatalidade da qual lhes não foi possível escapar; e aceitando-os, às vezes, a eles se incorpora, se amalgama, à semelhança do protagonista do romance, em cujas veias circula o seu próprio sangue, como um fluido essencial. Todos são fotografados do original, vivem, têm estremeções, deixam à vista os músculos e as cartilagens de sua estrutura anatômica. O tio Macedo, o mulato Balbino, o cearense Firmino, de *Todos os santos*, o preto Tiago, são exemplares perfeitos, recortados com rara precisão de contornos, na ordem do sentimento e da sensação. A prisão e os castigos selvaginos inflingidos ao seringueiro fugitivo, agrilhado ao “tronco”, para que o dorso, sangrando, escabujasse, lacerado pelos golpes do umbigo de peixe-boi, eram cenas canibalescas, mas trivialíssimas, na vida dos seringueiros estúpidos dessa Amazônia absurda e desorbitada de outrora. Poucas obras, como a do sr. Ferreira de Castro, pela própria feição de verosimilhança com que se exibem as tramas do seu romance, suscitaram da crítica tantas glosas e exegeses. O nosso melindroso nacionalismo não quer transigir com um escritor que, pelo simples fato de ser estrangeiro, não tem o direito de reproduzir, sem atenuantes, sem injustificáveis eufemismos, o que visionou e sentiu durante a sua permanência num seringal amazônico. A nosso ver, porém, a virtude fundamental desse ilustre homem de letras, o que dá um caráter sem equivalente à sua obra, é precisamente essa faculdade de abstrair da narrativa as imagens e os tipos fictícios, para se ater exclusivamente à crua realidade, despojada de atavios exteriores. O que lhe superioriza a técnica, no romance, é a capacidade que tem o seu espírito de saber escolher a oportunidade

justa e guardar as devidas proporções, não se perdendo em minúcias supérfluas, à moda balzaquiana, nem se demorando inutilmente na descrição de episódios parasitários.

Humberto de Campos, que antes de atingir os cimos de sua grande glória, foi gerente de um seringal no rio Mapuá, deu o seu testemunho valioso e insuspeito, em crônica brilhante, sobre a integral veracidade dos fatos articulados no romance do escritor português, afirmando que só “quem se habituou a ver a Amazônia com os óculos de ouro dos nossos escritores ou com a lente dos naturalistas estrangeiros que por lá andaram a classificar insetos e plantas, estranhará, sem dúvida, este livro do sr. Ferreira de Castro”. E, para corroborar a verdade de suas assertivas, expõe aos nossos olhos um siamês autêntico de Juca Tristão, o coronel José Nobre de Almeida, prepotente, vingativo e insidioso, senhor de baração e cutelo da zona onde Humberto exercia a sua humilde atividade comercial, e cujas proezas talvez excedam em vandalismo às do seu êmulo do *Paraizinho*, no rio Madeira. Precisaria ainda dizer, para completar o esboço d’*A selva*, aqui tentado vertiginosamente, que raros escritores do vale atingiram, descrevendo-lhe as magnificências, o estranho fulgor do seu colorido verbal, que imprime à paisagem grandeza e suntuosidade. Veja-se, por exemplo, para que sejam cotejadas as impressões que recebemos de sua leitura, a beleza empolgante dessa página que nos descortina, com excepcional vivacidade, o dealbar da aurora no âmago da floresta virgem: “Amanhecia: a luz fosca que despertara Firmino, clareava agora nas alturas e vinha descendo rapidamente, traspassando os ramalhos e iluminando as salas aéreas que, de quando em

quando, se escortinavam entre a multidão vegetal. A meio, porém, dos troncos anciãos, onde já chegava o chapéu novo dos infantes, a luz diminuía a sua marcha para a terra, encontrando resistência na ramaria que ali se cerrava em mancha ainda negrusca. Por toda a parte, uma orquestra invisível, milhares de gorjeios diferentes que se somavam num só ritmo, que se diluíam em música suave, música que era quase o silêncio verificado, na véspera, por Alberto, mas agora mais latente, mais vivo e alvoroçante. De quando em quando, subia pelas narinas, perturbando o olfato, um cheiro forte de húmus em combustão – folhagem e troncos que apodreciam na umidade da terra desvairada pela sua própria exuberância. E em largos trechos, errava um aroma intenso de ignorado jardim, perfume original e precioso como nunca o recolheram os frascos caprichosos da França. Sentia-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde era difícil encontrar um plano que não alimentasse vida prodigiosa. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a plano secundário. O homem, simples viandante no flanco do enigma, entregava a sua vida à dominadora. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore solitária que, na Europa, borda, melancolicamente, campos e regatos, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Adivinhava-se que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espreitavam por toda a parte. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o

espírito busca enlevo e o corpo frescura sobre os tapetes de relva; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e com as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga”. E mais adiante, ao jeito de Euclides, num estilo denso e magnético, que lhe acusa o esforço cerebral: “Era obsessionante aquela variedade assombrosa, que negava relevo individual, que impunha a si própria uma única expressão, atropelando-se, engalfinhando-se em raiva surda e eviterna. De bárbara grandiosidade, dava uma só forte impressão de beleza: a inicial, a que nunca mais se esquecia e nunca mais se voltava a sentir. Solo de constantes parturejamentos, úmido, fantástico na teima de criar, a sua cabeleira, contemplada por fora, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos; mas, vista por dentro, escravizava e fazia anelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de expressão, revelando as suas pesadas atitudes”.

A não ser em Alberto Rangel, nas páginas do *Inferno verde*, somente em *La voragine*, do escritor colombiano José Eustasio Rivera, é possível encontrar-se o mesmo vigor de colorido na descrição da paisagem amazônica. Observador da mesma genealogia espiritual do autor d'*A selva*, a visão objetiva de Rivera consegue violentar a floresta agressiva e a natureza selvagem, na epopéia dos homens que nelas se perdem e desaparecem, sem descobrir outros rumos que não o da morte. A selva “sadica y virgen” faz vibrar intensamente o seu poderoso organismo de escritor; e experimenta-se, por entre as metamorfoses do estilo exuberante e sangüíneo, uma emoção intraduzível, que nos subjuga todos os sentidos e nos penetra até as entranhas.

Porque, de fato, o ambiente torturado da floresta, que corrompe e devora a alma dos homens, os seus aspectos tenebrosos, as contorções da besta humana nos seus piores instintos, têm um relevo fantástico nas páginas de *La voragine*. Aí, na pintura sombria de seus pesadelos alucinantes, a floresta não nos aparece na maravilha poética dos vergéis e pomares encantados, por entre árvores, frutos e flores, na delícia de seus aromas, no sortilégio de seus pássaros. É, pelo contrário, uma vastidão impérvia, de meandros pluriformes, onde as árvores, – *árboles que tienen sangre blanca, como los dioses* – nos seus silêncios hipnotizantes, em represália às perseguições que sofrem, feridas e mutiladas pelo seringueiro, se tornam perversas e zombeteiras. Os nossos olhos assombrados não contemplam sem um profundo horror a odisséia do homem amazônico, perdido na sua imensidade, afrontando-lhe os perigos, fugindo à emboscada dos reptis, envolvido num labirinto de riachos pútridos, de cujas águas rebalsadas se desprendem miasmas mortíferos, e em cujas margens vivem as plantas venenosas e proliferam os insetos que levam a morte aos seus intrépidos desbravadores. Há uma dessas páginas arrepiadoras, que faz calafrios a quem a lê. É quando Rivera descreve a invasão destruidora das “tambochas”, formigas carnívoras, portadoras do extermínio, muito mais vulnerantes do que a “tucandeira”, e cujo aparecimento, no inverno, quando emigram para morrer, em massas compactas, aos bilhões e aos trilhões, infiltrando-se por toda a parte, na floresta, através de léguas e léguas, leva o pânico e põe em fuga homens e animais. Este livro em que se acham compendiados alguns episódios verídicos ocorridos nas planícies de Casanare, nas margens

do Orenoco e nas regiões caucheiras banhadas pelos afluentes do Amazonas, além de nos dar a impressão legítima da selva tropical, como na obra de Ferreira de Castro, é, da mesma sorte, um libelo veemente, que denuncia as ignomínias e os crimes cometidos impunemente na floresta, onde ao seringueiro nem mesmo assiste o direito de morrer, para não fraudar os seus verdugos. Em cada página está um lance da vida escravizada desses párias, explorados por aventureiros sem escrúpulos, que vivem dominados pela rapacidade e pelo instinto homicida.

Há ainda um outro livro sobre a Amazônia – *Deserdados*, que é muito anterior ao romance d'*A selva*, e cujo autor – Carlos de Vasconcelos, prosador de nobre ascendência intelectual, ocupou lugar muito alto entre os amazonólogos. O homem amazônico aí está, também, imobilizado na sua verdadeira fisionomia e nos seus significativos e singulares pormenores. À maneira de Rivera e de Ferreira de Castro, o escritor dos *Deserdados* tinha o dom de observar e saber interpretar as suas observações. Engenheiro, como Euclides e como o sr. Alberto Rangel, foi no seio da floresta inóspita, a serviço de sua profissão, abrindo picadas, levantando planos, fincando balizas, plantando marcos, medindo os ângulos dos horizontes, calculando as distâncias e analisando os lugares, através de seus caracteres geológicos e topográficos, que o escritor surpreendeu as fibras mais íntimas e secretas do homem que habita essas paragens de irremediável solidão, para poder analisar-lhe os estados emocionais.

A paisagem, todavia, em escala reduzida, como em quase todos os livros amazônicos, é sempre igual, da mesma conformação invariável, desprovida de aspectos predominantes. Mas o

homem, o *deserdado* que sucumbe sob a inflexibilidade do meio ingrato, submetendo-se passivamente às suas contingências, adstrito às penosas condições que lhe são impostas na luta pela vida, o homem, em suma, cuja existência contrasta com a floração exúbere e opulenta que o circunda e enclausura, aí está descrito em páginas comovedoras de revezes e reações, de ofensivas trágicas contra os elementos antagônicos que o tentaculizam e devoram. Há um episódio, nos *Deserdados*, sobrelevando de muito às cenas atrozes que, por todo o livro, numa intercadência de investigações antropológicas, parecem definir a braveza do homem amazônico, resultado imediato da influência nefasta de fatores complexos e imponderáveis, contra os quais é nula a sua capacidade de resistência. É o do concubinato de um seringueiro com uma jumenta de estimação, que, abandonada depois pelo seu amásio, e por ele repelida, quando o procurava para o coito habitual, se desforra da ingratidão do macho, lacerando-lhe o rosto com um coice. Embora de aspecto repulsivo e de índole patológica, são de natureza comum esses casos de “zoofilismo” no interior amazônico, onde o homem se isola e, à falta da mulher, sob as impulsões do instinto genético, deperece e se deprime, no descer à ignomínia de tais cometimentos. O sr. Ferreira de Castro, no seu belo livro d’*A selva*, refere um fato idêntico, passado na floresta, atrás de um canavial, e assistido pelo herói do seu romance, que, de olhos esbugalhados, recusava acreditar na torpeza de tamanho aviltamento.

Desviando-se da trajetória costumeira e seguindo uma orientação de caráter didático, o sr. Jorge Hurley, na *Amazônia ciclópica*, ao invés de fazer literatura, preferiu estudar o vale

cientificamente, nos seus acidentes geográficos; e, em livro interessante, onde revela os seus conhecimentos de geologia, arqueologia, etnografia e história, discorre com proficiência sobre vários dos fenômenos amazônicos, que até então não tinham sido convenientemente estudados.

Em *Terra de ninguém*, um escritor novo, de viva e atilada inteligência, o sr. Francisco Galvão, tenta, com relativo êxito, a experiência do romance social do Amazonas, defendendo uma tese audaciosa, em que a vida na selva assume aspectos insólitos e irreverentes. Livro impregnado de idéias subversivas, de vez em quando, no seu entrecho, de envolta com a descrição das perfídias da natureza, que desbarata o seringueiro incauto, vítima da fúria destruidora da terra e das águas, que tudo destroem nas grandes "cheias", e vítima do seringalista, que lhe absorve as energias morais e físicas, se vislumbram os pendores comunistas do escritor, denunciados, a cada passo, na entrosagem do romance, e aplicados, como experiência de sucesso, a ser imitada, no seu desfecho, quando a horda desenfreada e sanguissedenta dos oprimidos investe contra o opressor, prostrando-o sem vida.

O nome do escritor Anísio Jobim não deve ser esquecido na galeria dos visionadores do cenário amazônico. *Panoramas amazônicos*, o livro que lhe vai consolidar a reputação de historiógrafo, comentador e anotador dos variados aspectos da região amazônica, é o resultado do esforço de um homem que ama o livro sobre todas as coisas, e cujo exílio demorado em diversos recantos banhados pela grande artéria fluvial, o deixou em contato com a natureza surpreendente do vale, que revelou para o observador e para o cientista a expressão proteiforme dos

seus cenários. Não se trata, porém, do comentário apressado, da anotação rápida, do bosquejo impreciso de quem viu e perscrutou artificialmente e, por conseguinte, raciocinou e deduziu com falsos dados e de maneira perfunctória. Todas as observações reunidas dentro das páginas desse livro, sobre denunciarem o escritor, que acusa um estilo pessoal onde a concisão e a clareza preponderam, representam a elaboração paciente do cientista, que vai buscar na cultura biológica os motivos e as origens de suas classificações, a consistência de seus assertos e a justeza de suas conclusões. Todas as teses defendidas no decurso de qualquer capítulo, resultam da colaboração do esforço e do estudo, com visada introspectiva e segura, que se insinua através do objeto sobre o qual incide o golpe de vista do explanador, traindo-lhe a agudeza e a profundidade. Poucos livros desse gênero podem ostentar essa característica impressionante. Mas o escritor não submete, de modo algum, a esse exame detido e quase microscópico toda a volumosa extensão da planície, reproduzindo-lhe as exuberâncias da vegetação e os cambiantes de cor, as diversidades dos aspectos botânicos, na suntuária majestade de seus contornos. Colorista do estilo, tendo, como um pintor, o sentido raro do desenho e das perspectivas, teria conseguido, se o quisesse, elementos suficientes para realizar uma obra de imediata repercussão. Preferiu, porém, e muito acertadamente, restringir o seu campo de observações a determinados trechos, a intermitentes faixas do vale amazônico, que ficaram adstritos, em todas as suas conformações distintas, nas suas propriedades físicas, nos seus caracteres etnográficos, nos seus contrastes e anomalias, aos

recursos prodigiosos da cultura e da visão. São debuxos perfeitos, onde se patenteiam os atributos de organização e disciplina do historiógrafo.

No livro curioso do sr. Abguar Bastos – *Amazônia que ninguém sabe*, estão “as legendas remotas, os mitos sagrados, os hieróglifos eternos, os totens propiciatórios”. É ele próprio quem o afirma. E seria, realmente, uma interessante contribuição para os estudos da região amazônica, se o seu autor, que aliás é um espírito equilibrado e de fecundas realizações, não imprimisse à sua novela os defeitos e os exageros modernistas, que tanto lhe desprestigiam o encanto e a originalidade.

Não se pode, em consciência, tratar dos escritores da Amazônia, sem fazer uma alusão amável à sra. Juanita Machado, que publicou um livro interessante, *Terra cabocla*, onde estão coligidos, numa linguagem harmoniosa e clara, os mitos e as lendas do seu imenso fabulário. São páginas eruditas e cativantes, que excedem de muito a tudo quanto, no gênero, se tem escrito até hoje. Não que a sra. Juanita Machado, que é uma escritora de irresistível poder de inteligência, tenha trazido algumas contribuições inéditas para um estudo que, apesar de rebatido e repisado, ainda vem servindo de pasto às ousadas improvisações dos pseudodescobridores da planície. Todavia, nas lendas que ela revive, em uma prosa cheia de graça e fantasia, de colorido exuberante, além das vantagens do seu estilo, que é senhoril e matinal, com a radiosa frescura das alvoradas amazônicas, e com o perfume, o travo, o sabor agreste de fruta do mato, há ainda a considerar, num plano superior evidente, a expressão sincera, ou melhor, o

acento verídico das observações, condensadas no calor de outras formas de vida e sensibilidade. As lendas, no livro da sra. Juanita Machado, nada perdem do seu antigo prestígio e encantamento. Sente-se, pelo contrário, como em certas pinturas religiosas de Goya, transfiguradas por uma névoa de mística espiritualidade, que a sua maneira de contar, como por efeito de uma força comunicativa e inspiradora, lhes imprime às facetas misteriosas maior sensação de colorido e de beleza. De outro modo, realmente, vibram em nossa sensibilidade, quando reproduzidas por essa inteligência criadora, as lendas amazônicas, quer quando nos fala do *Muiraquitã*, o talismã indígena de que tanto se ocupou Barbosa Rodrigues; quer quando se refere ao *Curupira*, o espírito das florestas; ao *Matintaperera*, que é a encarnação da alma de chefes mortos das tribos guerreiras; ao *Jurupari*, o cruel tecedor dos sonhos maus; ou, ainda, à serpente *Boiaçu*, a mãe-d'água, que habita no fundo dos lagos, e que “nas noites de lua grande, sobe à tona, acompanhada das *iaras*, ninfas dos igarapés, que têm os cabelos verdes como os líquens, os fungos e as algas, que crescem nos igapós, e o corpo branco-róseo, como as vitórias-régias”.

Há dois lustros, mais ou menos, quando muitos dos autores mencionados acima, nada haviam pensado e escrito sobre a Amazônia, já um prosador do norte, Farias Gama, que morreu obscuro e sem projeção, e cujo nome revivemos num preito de justiça, tinha publicado um livro – *Águas e selvas*, que, apesar do lirismo de sua linguagem, às vezes incorreta e excessivamente blandiciosa, não era dos piores da bibliografia amazônica. Farias Gama andou perdido pelo Acre, à cata do

velocino de oiro, e foi dessa peregrinação pelo interior que lhe ficaram as impressões, transpostas para o livro por sua inteligência de acentuada faculdade receptiva. São páginas leves, fixando as cenografias, de matizes variados, que dão a idéia desse microcosmo que é a Amazônia, “meio paraíso e meio inferno”, através dos recantos que lhe serviram de modelo às lindas aquarelas.

Os escritores da Amazônia formam um cortejo numeroso. Transcenderia de muito os nossos intuitos, aludir ao nome de todos eles, evitando omissões, inevitáveis aliás, nos limites estreitos de um trabalho desta natureza. (E agora, um parêntesis: propositadamente, excluímos desta resenha a ribambela de poetas que, em todos os ritmos, cantaram a Amazônia; e, por mero desencargo de consciência, destacaremos o nome do sr. Raul Bopp, que, na opinião reiterada do escritor de *Puçanga*, foi o único artista que soube ver, compreender e interpretar, de conjunto, a totalidade do mundo amazônico: “Só um homem viu até hoje, no tumulto febril de seu estranho lirismo, a Amazônia toda: Raul Bopp. Porque viu, com os delirantes olhos de fogo da *Cobra-Norato*, a poesia da Amazônia. E só a Poesia nos pode dar o ritmo da totalidade daquele espetáculo de surpresa e maravilha, que é pura magia e encantamento”. E não esquecemos, neste relato, o nome fulgurante do autor de *Cobra-Norato*, apenas para discordar dos conceitos firmados pelo sr. Peregrino Júnior, escritor a quem temos no mais alto apreço, e de cujas idéias, em detrimento dos grandes nomes que representam, em realidade, o padrão da cultura amazônica, somos constrangidos a dissentir. Só a poesia terá a faculdade de dar o ritmo ao

espetáculo maravilhoso da Amazônia? Pura hipérbole! E o gênio de Euclides? E a intuição de Rangel? E a consciência estética de Ladislau? Talvez não tivessem visto “toda” a Amazônia, e certamente, é fato inegável, não a viram senão em ângulos isolados e dispersos; mas, ainda assim, ninguém, como eles, que não eram poetas, estudando a terra e o homem, patenteou esse poder de visão que, de golpe, como por efeito de um imprevisto impulso catalítico, determinando-lhes as contingências históricas e as circunstâncias físicas, reproduziu a grandeza do vale amazônico. E fechemos este parêntesis).

Eis a Amazônia, na arte de esquemas e convenções de seus exploradores literários, nas magnificências de sua natureza assombrosa, sob a tensão formidável de estranhas energias telúricas, no espetáculo sempre novo de suas transmutações geológicas e de suas configurações topográficas; a Amazônia, que teve as suas paragens percorridas em várias direções pela cobiça dos aventureiros, pela sofreguidão dos ficcionistas e pela curiosidade dos homens de ciência; a Amazônia singular, plasmada através dos seus fantásticos cenários – “matas a caminharem vagorosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, à borda das barreiras a pique, a refletirem, na desordem dos ramalhos estorcidos, a estupenda consagração imóvel de uma luta perpétua e formidável; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existência tumultuária, e se retraem, definham, deperecem, sucumbem, extinguem-se e apodrecem feitos extraordinários organismos, sujeitos às leis de uma fisiologia monstruosa; rios pervagando nas solidões encharcadas, à maneira de caminhantes precavi-

dos, temendo a inconsistência do terreno, seguindo ‘com a disposição cautelosa das antenas dos *furos...*’” (Euclides da Cunha. Prefácio do *Inferno verde*). Eis, em traços resumidíssimos, a Amazônia mirífica, através do estilo e da imaginação dos seus máximos intérpretes; a Amazônia, “a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”, sob a exegese curiosa de inúmeros escritores; a Amazônia, “a terra mais nova do mundo”, consoante a afirmativa de Euclides, baseada nas induções de Wallace e de Frederico Hartt; a Amazônia tentacular, onde o homem, no tumulto de sua realidade portentosa, é um “ator agonizante”; a Amazônia perturbadora, onde “o homem é ainda um intruso impertinente, que chegou sem ser esperado nem querido, quando a natureza estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão”; a Amazônia, onde tudo é grande e surpreendente, somente o homem é minúsculo, insuficiente, incapaz...

Tais conceitos, quase todos emanados da experiência científica e da imaginativa estuosa do prosador d’*Os sertões*, foram, a princípio, simples postulados, que depois se converteram em axiomas, contra os quais ninguém ousou levantar a mínima objeção. Há um livro, porém, aparecido em 1933, que, fazendo o estudo antropogeográfico da Amazônia, intenta, simultaneamente, a reabilitação da terra e do homem: é a *Amazônia*, do sr. Araújo Lima. Não chegava fora de tempo. A Amazônia, sistematicamente perlustrada por escritores e cientistas que lhe viam a beleza e lhe assinalavam as deficiências sem explicar-lhes os fatores determinantes, encontra agora um espírito construtor que, em rápidas e sólidas deduções, com rara disciplina dialética, expõe os problemas, numa seqüência lógica

de conceitos, que lhe esclarecem e definem o pensamento. Para o sr. Araújo Lima, a região amazônica não tem sido compreendida e interpretada como era de mister, porque, além de conhecida vaga e superficialmente, aos seus visionadores tem faltado, sobretudo, agudeza de visão. Os seus imensos recursos são completamente desconhecidos, e os que lhe estudam os fenômenos, não procuram perquirir-lhes os efeitos e as causas. A terra, por seu poder assimilador sobre o homem, não é incompatível com a vida humana, apesar das inclemências da natureza. Todo o mal, a seu ver, provém da incultura dos seus exploradores, incapazes de distinguir-lhe as influências diretas e as influências biológicas, resultantes as primeiras do meio físico, e as últimas da adaptação física ao meio. Não é possível negar, desde logo, a veracidade das conduções do sr. Araújo Lima, sendo para estranhar, entretanto, que, generalizando, quando se refere à inaptidão cultural dos exploradores da Amazônia, tivesse esquecido de excetuar o nome do autor insigne d'*À margem da História*. Apesar de serem diferentes os seus conceitos, expendidos na obra a que ora nos referimos, colocando-se, às vezes, em pontos de vista absolutamente antinômicos, Euclides da Cunha foi dos raros escritores que, à luz do mesmo critério científico, estudaram a terra e o homem amazônicos. Viu-os, talvez, através de um pessimismo sombrio, quase mórbido, sob o domínio de impressões momentâneas, mas a sua mirada, embora rápida, foi profunda e introspectiva, denunciando-lhe, de súbito, o relevo da mentalidade. Por outro lado, em contraste com as suas opiniões, outros intérpretes da região amazônica imprimiram-lhe à molduragem panorâmica

um colorido otimista, não vendo na selva senão as arestas multifárias que lhe realçam as belezas exteriores. É contra estas duas maneiras de ver que se insurge o sr. Araújo Lima, preferindo, e com justas razões, ficar eqüidistante desses dois juízos, que se entrechocam e se repulsam. E, para argumentar, considera, *a priori*, excluídas de suas cogitações de cientista as duas fórmulas díspares, que em nada contribuíram para definir e estabelecer o verdadeiro significado da região ignorada e indecifrável. Não se trata de inferno, nem de paraíso verde, que como classificações, para o conceito do sr. Araújo Lima, não passam de inócuas e reboantes metáforas, patenteando o erro de visão de observadores menos atilados, que a exaltam e a difamam sem lhe conhecer a estrutura complicada e prodigiosa. Trata-se, a rigor, de “uma terra lastimavelmente fraudada e saqueada”, que parece agressiva, tal o desequilíbrio evidente entre a sua grandeza desmesurada e a sua população restritíssima. Não é outra, senão a insuficiência numérica do homem, a causa das versões exageradas ou falsas que circulam nos livros dos escritores da Amazônia. O sr. Araújo Lima, quanto a este ponto de vista, é peremptório: “A terra não é insusceptível de ser domada; apenas ainda não o foi, porque o fator humano é mínimo, escasso, mas não incapaz”. No que concerne à sua apregoada insalubridade, demonstra, *ex-abundantia*, que ela é devido às conseqüências de uma colonização inferior, levada a efeito por gente inculta e fisiologicamente incapaz, corroborando, assim, em parte, o juízo de Euclides, quando afirma que a letalidade nas planuras amazônicas, sendo, aliás, reduzidíssima, em proporção ao tamanho do território, resulta de sua

recente abertura ao povoamento, aduzindo que o seu “clima caluniado”, além de admirável, tem, sobretudo, a função superior de fiscalizar, sanear e moralizar a terra, contra a invasão das enfermidades e dos vícios.

Mas, se de um lado, as suas idéias, explanadas em sínteses lúcidas, que lhe revelam a cultura sedutora, coincidem com as idéias de Euclides, ainda mesmo no estudar o fenômeno biológico da adaptação do indivíduo à terra, às suas agrestias e às rudezas da natureza, justapondo os novos organismos aos novos meios; de outro lado, sem se forrar à temeridade de uma falsa objeção, discorda veementemente do autor dos *Contrastes e confrontos*, nos seus juízos reiterados com relação à pequenez e à incapacidade do homem amazônico. A sua réplica é eloqüente. Discutindo, argumentando, provando, numa reação triunfante, com a lógica de um raciocínio que muito honra a sua independência intelectual e faz sobressair o aspecto elevado de sua faculdade de visão, deixa-nos convencidos da injustiça do julgamento que sempre se tem feito sobre o homem amazônico, através de conceitos que o humilham e envilecem, mostrando-no-lo, ao revés, no heroísmo de sua bravura inconsciente, enfermo, sozinho, desarrimado de qualquer proteção, ainda inadaptado ao solo, afrontando perigos e arriscando a vida, no recontro gigantesco contra a selva primitiva, que lhe resiste, tenazmente, à insânia das investidas. São páginas modelares de erudição e de técnica científica, onde, através do critério da geografia humana, se lhe desenvolvem os estudos sobre a população amazônica, nos seus elementos nativos e adventícios, aí analisados, numa série de lições proveitosas, que daria margem

a novas pesquisas em torno das condições etnológicas e etnográficas da Amazônia. O caboclo e o nordestino, este último, deveras, que devia ser considerado o lídimo homem amazônico, por ter sido o desmoitador da floresta selvagem, e por ter penetrado o vale em toda a sua extensão, merecem de sua cultura um impressionante *plaidoyer*, enquadrado na doutrina científica contemporânea. Sobretudo, o caboclo amazônico. As suas virtudes precípuas e a razão de ser das qualidades negativas que lhe são imputadas; os motivos de sua incultura mental, as causas e os fatores que lhe determinam a inferioridade física, intelectual e social, – todos esses problemas momentosos estão sumariados e resolvidos pelo autor da *Amazônia*, que faz a completa reabilitação do malsinado habitante destas regiões, destruindo-lhe a tradição de inércia, de inoperosidade, de inadaptação aos costumes civilizadores e de incapacidade assimiladora, resultante de vários fenômenos sociais e biológicos, susceptíveis de serem removidos e sanados. Antropologicamente, é clamorosa a pecha que se lhe dá de indivíduo inferior e incapaz, sob o aguilhão da fatalidade étnica ou geográfica. Temos por escusado acompanhar, em todos os seus itinerários, as idéias contidas no livro do sr. Araújo Lima. Escritor de grandes reservas culturais, a sua visualidade de sociólogo abrange, simultaneamente, a exploração e a economia da terra amazônica, o homem em face das ações climáticas e telúricas, e em face da história e da família, que são estudos sociais de alto interesse, focalizados com irrecusável mestria. O sr. Araújo Lima viu a Amazônia, nos seus mistérios e panoramas, não com os olhos deslumbrados do espectador que se interessa somente pelas molduras exteriores,

mas com a intuição perquiridora de quem, penetrando a essência da natureza, procura descobrir as relações entre o homem e a terra, sob o domínio das quais todos os conhecimentos particulares conduziram às visões de conjunto. A sua obra é uma contribuição notável, não apenas para o conhecimento estético da planície amazônica, mas, acima de tudo, para o seu estudo de caráter científico, com o ventilar e debater um acervo de problemas e teorias que, embora por demais debatidos e ventilados, ainda despertam curiosidade e conseguem desdobrar-se sob aspectos inéditos e atraentes, quando versados por uma inteligência fecunda e construtiva.

Se outros proveitos a obra do sr. Araújo Lima não tivesse trazido para o estudo da Amazônia, pelo escrúpulo infinito da documentação científica e histórica, desviada das diretrizes rotineiras, só o fato de haver estimulado outros cientistas e escritores que se entregaram a investigações do mesmo gênero, bastaria para destacar-lhe o merecimento. Agora mesmo (*Jornal do Commercio*, do Rio, de 24 de março de 1935), rastreando-lhe a trajetória das idéias e, de perto, marginando as idéias de Euclides, no esforço de descobrir perspectivas inéditas em derredor da exploradíssima região setentrional, o sr. Honório Silvestre, realiza um ensaio substancioso – *A Amazônia* (esboço antropogeográfico), que lhe evidencia, nestas perigosas esferas de conhecimento, a experiência individual e os princípios basilares da cultura científica. O seu trabalho, antes de mais nada, como a obra do sr. Araújo Lima, é um depoimento fervoroso em defesa da terra e do homem amazônicos. A terra, com a discriminação dos seus fenômenos geológicos, explicados com o

minucioso cuidado de um polemista que está disposto a aparar golpes e objeções imprevistas; o homem, relevando-lhe as qualidades e as insuficiências, fazendo-lhe justiça ao destemor patriótico, considerando-o “uma entidade racial, que em nossos dias, repete as façanhas paulistanas e pernambucanas da época bandeirística”. A Amazônia – “terra carecedora da última mão-de-obra que a consolide entre as duas áreas de envelhecidas glebas continentais, a Guiana e o Brasil”, é vista por um observador experimentado, que lhe surpreende e analisa, em face da geografia humana, todos os aspectos notáveis. As suas visões paleozóicas e as suas contingências fisiográficas. O rio Amazonas, os seus afluentes volumosos, a sua função como acidente geográfico coordenador dos cursos fluviais de sua extensa concha hidrográfica, aliás já arrolados e anotados superiormente, em uma tese do engenheiro paraense Henrique A. Santa Rosa (*História do rio Amazonas* – 1926). Trata da “pororoca”, fenômeno tão discutido e sujeito às controvérsias de quantos se preocupam com as coisas amazônicas, e novamente explicado em suas origens e em suas causas. Estende-se, depois, o seu exame esmiuçador por outras originalidades do vale, igualmente interessantes. Refere-se, estabelecendo confrontos, às proporções gigantescas do mundo vegetal, no complexo de suas modalidades fitológicas. Embrenha-se, adentro, na selva, admirando-lhe a exuberância das vegetações. Alude ao apuizeiro, legendário parasita que destroça e aniquila a árvore, o *leitmotiv* dos escritores da Amazônia, delineado magistralmente, na complexidade de sua estrutura botânica, pelo sr. Alberto Rangel, em uma das páginas febris do *Inferno verde*. Também a zoologia da

região atraí-lhe a retina perscrutadora, que se distende pela fauna dos rios e das lagoas, provando que o meio geográfico favorece a fauna assombrosa dos invertebrados, e concluindo por estudar a fauna mamífera, com a indicação de seus exemplares principais. Nada lhe foge à curiosidade científica. No tocante ao “mairaquitã” e às palmeiras amazônicas, salienta os trabalhos de Barbosa Rodrigues. Deixa em relevo o nome do eminente sr. Roquette-Pinto, citando-lhe a *Rondônia* e os *Seixos rolados*, como grandes fontes de ensinamentos etnográficos da planície. Não esquece Couto de Magalhães, autor d'*O selvagem*, onde foram estudados os habitantes primitivos do Brasil. Sobre a lingüística da Amazônia, não lhe oculta os aspectos complicados, de vez que são inúmeras as nações indígenas, muitas das quais não lograram ser incluídas nas classificações de Martius e de outras autoridades na matéria. Não suprime de sua resenha as contribuições valiosas de Tastevin, Capistrano de Abreu, Colbachini e conde Stradelli, este último com trabalhos relevantes, alguns dos quais ainda inéditos. Assim como não olvida o nome do engenheiro Palma Muniz, que fez diversos estudos sobre os municípios paraenses, e o de Coudreau, cujas explorações muito serviram na orientação geográfica dos cursos fluviais. Focalizando os aspectos sociais da Amazônia, faz a nomenclatura das obras de alguns dos seus escritores, omitindo, aliás, por um descuido indesculpável, a de Alfredo Ladislau, personalidade marcante, que ocupa lugar eminente entre os seus maiores prosadores. Como a justificar-se, porém, dessa lacuna, o sr. Honório Silvestre timbra em salientar a grande figura do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, de indiscutível

competência no domínio das ciências naturais, comprovada pelos seus estudos antropogeográficos, muito anteriores às experiências de Ratzel, os quais, se tivessem sido publicados, o acreditariam no mundo científico, segundo o seu pensar, como uma das maiores mentalidades do século XVIII. Há, também, neste belo ensaio do sr. Honório Silvestre, uma informação referente às forças morais do passado da Amazônia e aos seus historiadores, onde se faz indicação, particularizando-lhe os estudos epigráficos, da obra do amazonense Bernardo de Azevedo da Silva Ramos – *Inscrições e tradições da América Latina*, cujo valor ainda não foi devidamente aferido pela crítica, conquanto represente um dos maiores subsídios, ainda conhecidos, para os seus estudos etnográficos, lingüísticos, geológicos, arqueológicos e epigráficos.

A julgar por esta sùmula imprecisa, poder-se-ia pôr em prova a consistência desse trabalho do sr. Honório Silvestre, que, sem nenhuma indulgência, deve ter o nome, desde agora, pela cópia de conhecimentos que expôs, debatendo teses de tão difícil vulgarização, a figurar entre os amazonistas que, de fato, conhecem a Amazônia.

Mas, se esse estudo do ilustre geógrafo brasileiro, não provasse, suficientemente, que a Amazônia começa a despertar interesse e curiosidade para as inteligências do Brasil, há ainda, vindo a lume mais recentemente (*O Jornal*, do Rio, de 4 de junho de 1935), este tópico de notável artigo do sr. Assis Chateaubriand, que entenece e comove a quantos nasceram e vivem na terra distante e relegada:

Em nenhum trecho da terra brasileira sinto mais o Brasil do que no meio dos nossos compatriotas da região amazônica. Abandonado, esquecido, devastado pela mais inexorável crise econômica, o homem da Amazônia tem um patriotismo tão ardente quanto espontâneo. Eu gostaria de empregar uma boa parte do meu labor de homem de imprensa, de jornalista político, entre os ameríndios do Amazonas, batendo-me pela solução dos seus problemas fundamentais, ao lado do governo que quisesse sinceramente resolvê-los. A defesa da Amazônia, dentro do Brasil, é uma das causas que mais reclamam a dedicação de um grande político ou de um homem de jornal.

O último livro disposto na galeria, por ser o mais recente, (1935), é esse fagulhante *No circo sem teto da Amazônia*, do sr. Ramayana de Chevalier. Escrito num estilo hipertenso e tortuoso, que enleia nos seus coloridos esbraseantes, nos eflúvios de sua harmoniosa vibração, estilo pletórico, de envolvente sensualismo estético, parecido com o dos grandes estilistas da Amazônia, com o de Euclides, com o de Rangel, com o de Ladislau, e que, no tumulto de suas imagens multífluas e na incandescência do seu dinamismo, não se confunde, não se assemelha a nenhum outro estilo, – o livro do jovem médico amazonense acusa-lhe, de súbito, a cultura superiormente selecionada e absorvida, cultura humanística realmente invejável, nesta época atroz de enciclopedistas improvisados, cujos conhecimentos não extrapassam a superfície dos assuntos, e de franca decadência do ensino, em que os exames se fazem por

médias e os diplomas científicos, nas Academias, se distribuem a granel. Trata-se de um livro único no gênero, que é, a um tempo, uma obra de ciência, sobrecarregada de terminologia técnica, e um romance trepidante, sem irrealidades nem fantasias, onde apenas dominam as forças e as peripécias humanas, através do drama social do seringueiro.

Prosador de primeira linha, o sr. Ramayana de Chevalier não teve apenas o sentido estético da Amazônia. Teve, simultaneamente, o sentido heróico dos seus homens. A sua concepção exata da região não foi, vê-se logo, a consequência de leituras apressadas que, de outiva, lhe deixassem impressões delusórias e imperfeitas. O verdadeiro sentido da terra e do homem amazônicos, com o supletivo da justa penetração na escala de suas dolorosas realidades, lhe advém de um contato íntimo, de longos meses, que o identificou inteiramente com as suas contingências. O escritor não assiste às cenas que descreve, porque está dentro delas, sentindo-as, vivendo-as, à feição de sua personalidade artística. Surpreende-se-lhe, de quando em quando, o *élan* do esteta que anseia por evadir-se dos horizontes habituais da forma e do estilo, procurando, a todo transe, dentro das realidades amazônicas, aquela “realidade humana”, da classificação de Ortega y Gasset, por ser vivida e sentida por excelência. Examinando-a, com o propósito de dar o seu testemunho sobre tudo quanto viu e esflorou, intenta apresentar-nos a Amazônia real, nas suas convulsões geogênicas, projetando-se em aspectos que não interessam mediocrementemente, porque os seus fenômenos, em última instância analítica, por intermédio de um acordo completo da inteligência

com a sensibilidade, defluem das observações de um espírito renovador, afeito à disciplina científica, e ainda não impregnado dos preconceitos contemporâneos. Veja-se, para testificar a justeza de quanto afirmamos, o estudo que aí se faz do fenómeno hidráulico do *sacado*, “geratriz de um complicado sistema de coleios”, onde vêm explicadas as razões científicas do aparecimento desse novo conduto por onde o rio, desviado o *thalweg* de sua rota, se intromete e desliza, abandonando a antiga curvatura, e dando lugar, em consequência, a um torcicolo a menos e um lago a mais. Ninguém melhor de que o “prático”, o piloto fluvial que conhece, a fundo, todos os roteiros, em labirinto, da imensa bacia amazônica, será capaz de pressentir esses fenómenos, e desviar as embarcações dos obstáculos e perigos deles resultantes. Ainda não se fez, sobre o prático amazônico, em qualquer outro livro dos que temos lido e consultado, uma pintura tão viva e perfeita. Vêmo-lo, corajoso e quase estóico, na proa do “gaiola”, defendendo-o das ciladas potâmicas, ao sol, à chuva, em noites tenebrosas e de procela, jogando a vida, no afrontar-se heroicamente com os elementos desencadeados, a fim de livrá-lo de um baixio que, no inextricável dédalo fluvial, o seu olhar lobrigou, entre a profusão dos canais. O sr. Ramayana de Chevalier, com rara acuidade de observação psicológica e com o hábito das introspeções, penetra a alma e o coração desse “anatomista hidrográfico”, detendo-se em escarpelar-lhe as fibras mais íntimas, com aquele prurido científico que a cada momento, no seu livro, pelo excesso das diagnoses clínicas, denuncia o médico. A respigar-se-lhe a obra com atenção, verifica-se que quase todas as suas imagens trazem, indefec-

tivamente, o cunho do profissional. O rio Amazonas, por exemplo, dá-lhe a idéia de um sistema arterial venoso. Aludindo ao “prático”, descobre-lhe, para logo, “o seu neuro-sistema de fibras de aço”. Referindo-se ao caboclo, afirma que ele se acha sitiado “por todas as falanges da entomologia hematófaga”. O aventureiro destas regiões “é uma onda de sístole-diástole financeira da Amazônia”. O coração de Gazela é “uma víscera metálica”, e o sangue ferve-lhe “urticariamente”. “O diabo jaúno do plasmódio vem no beijo da anofelina”. Sumariando as enfermidades que trucidam o homem amazônico, o médico sobrepõe-se ao escritor: “A doença na jangla é um problema sinistro. Vem em legiões. E sitia de uma vez. E a avaria mergulha no licor e prepara as devastações neurolisantes da encefalite difusa; a helmintíase assalta o intestino e degrada o organismo nas hemólises profundas; a plasmodiose chafurda-se no fígado, tocaia-se no baço, proteifica-se numa síntese sintomática, e exaure o desgraçado na hematúria ou corrompe-lhe o raciocínio na confusão mental. Isto, além da leishmaniose, do “puru-puru”, da úlcera brava e das cirroses alcoólicas freqüentíssimas, cujo tristíssimo cair do pano é a hidropisia irremediável e fatal”.

Tão eloqüente documentação torna irrecusável a profundidade dos conhecimentos médicos do escritor, mas é evidente que esse exagero de nomenclatura científica é prejudicial ao brilho da narrativa, diminuindo-lhe consideravelmente a intensidade. Páginas adiante, nos refolhos desse livro estonteador, vamos assistir ao vendaval na floresta, tela assombrosa que parece traduzir a força criadora de um Manet epiléptico e genial. Vendo-a, pela singularidade do contraste entre dois estilos, lem-

bramo-nos do autor sóbrio e desencantado da *Amazônia que eu vi*. O escritor-médico Gastão Cruls é, incontestavelmente, o antípoda do médico-escritor Ramayana. Que belo estudo a fazer-se, colocando em paralelo a mesma realidade, que se desdobra em realidades multiformes, quando apreciadas por sensibilidades diferentes e sob pontos de vista distintos.

Agora, o homem. Se a trama da cenografia amazônica aí está, trazendo o cunho sindesmográfico dos ligamentos anatômicos, tal a minúcia das descrições, o caboclo amazônico, que, à semelhança do nordestino, é o homem que se não afeiçoa nunca às calamidades que o rodeiam, segundo a conceituação de Buckle, assinalada por Euclides, n'*Os sertões*, de um só traço, nesse livro, vem perfilado, a primor. A sua figura emerge dos motivos físicos e morais que lhe contornam a estranha estrutura: "um atleta mongolóide, opilado e teimoso, cercado de filhos e de feras, lutando e morrendo aos poucos, corpo varado de acúleos, fígado podre de plasmódios". Depois, como se estivessem atordoados com os papéis que a imaginação hipertrofiada do escritor lhes confiou, surgem as personagens que representam *No circo sem teto da Amazônia*. Plásticas nas temperaturas moderadas dos sentimentos morais, como as de Dickens, sob a análise de Zweig, nas altas pressões fundem-se, coagulam-se em ódio e arrepentam. A descrevê-las todas, a querer seguir-lhes os rastros, a pretender desentranhar-lhes do arcabouço as deliquescências do caráter e as anormalidades orgânicas, a intentar delimitar-lhes as configurações, o escritor amazonense não dá tréguas à sua imaginação desenfreada. O perfil de Zé Raimundo, a figura central do drama, ressumbra no

painel, pela sua flagrante originalidade: “baixo, quadrangular como um cetáceo, rápido como um golpe de arpéu, musculoso e flexível, como um abraço letal de apuizeiro. A sua voz é mansa e arrastada como o rastejar da sucuri e a sua fúria, nos transes de indignação insopitada, é semelhante ao estrondejar do nordeste batido entre as traves de lianas e os membros potentes do acapu. Os seus olhos são sonambúlicos e longínquos. Quem os vir de frente, empolga-se da nostalgia mediúnica das ocaras. O jaguretê copiou-lhe a elasticidade tendinosa e o maguari, a indolência rítmica da marcha”. A viscosidade moral de Jacinto Gazela transparece, nauseante e pegajosa, em todos os lances do drama, que se desenrola no interior de um barracão, nos sertões amazônicos. O “insaciável morceção irracional”, que se fez, à custa de tranquibérnias, proprietário do seringal *Nova Vida*, no rio Purus, “burgo medieval de tiriricas e de mucuins”, é um sósia de Juca Tristão, do romance do sr. Ferreira de Castro. Cariz repulso, máscara de celerado, garras afiadas que estraçalham as entranhas de suas vítimas, Gazela é o farsante trágico e impassível, que escarnece dos degredados do destino, sob o guante de suas indignidades e humilhações. Juca Borba, outra personagem de relevo do *No circo sem teto da Amazônia*, vive neste retrato, que, nas particularidades grotescas, pelo *parti pris de laideur* que o deforma, lembra uma caricatura de Forain: “a cara, um velho palimpsesto esburacado, por onde os olhos luciluziam de quando em vez, numa farádica expressão vital; o nariz derreava-se numa chateza nipônica, as orelhas fugiam para os lados, como bambinelas transparentes e a boca, retorcida e amarelenta do sarro, entreabria-se de longe em longe, num sor-

riso alvar e boçalóide, como uma vitrine abandonada e suja de belchior de rua colonial. Olhou-lhe o pescoço, mosqueado de sol, os membros longímanos, iguais aos de quase todos os boêmios da cancha verde, como se o ríspido Artaxerxes tivesse semeado por aquelas rechãs, uma progênie degenerada de remadores”. Em outra página, surge Mané Gato, destroço de uma vida, arrasada pelo infortúnio, molambo humano, que parece, revolvido por insensível vivissegador de úlceras: “numa clareira o quadro: o dismorfismo de um trapo de gente, embrulhado em si mesmo, alojava-se no diedro das coxas unidas, ossudas e diafisárias, na atitude intra-uterina dos pitecos. A grade costal presidiava-lhe os pulmões chupados, entre os quais um coração arritmado e cruel, teimava num batimento retardado e impiedoso”. A figura horripilante de Marcos Bororó, o “Mucura”, que foi o matador do pai de Zé Raimundo, é a própria realidade, servida pela aguda penetração de um pintor de deformidades. O resto é todo assim. Figuras e cenários. Uma imaginação árdega palpitando dentro de um estilo de permanente faiscação.

Mas o livro do sr. Ramayana de Chevalier, que é, acima de tudo, obra de inteligência e de erudição, será, como tanto desejaríamos, um grande livro, um livro completo e perfeito, capaz de resistir, submetido impiedosamente ao crisol da crítica? Tal a interpelação que, se nos fosse feita, teríamos dificuldades enormes para responder. Não que tenhamos dúvidas sobre a mentalidade peregrina do escritor e o valimento considerável de sua obra. Mas, balanceando-lhe as reservas luminosas, fica-se a pensar como o seu autor, que tanto se empenhou em fixar a síntese magnífica de todas as visões amazônicas, se tenha descu-

rado de escoimar o seu trabalho de algumas singularidades, chocantes ao primeiro exame, e profundamente deslocadas dentro de um livro de tão elevado descortino intelectual. Sobre tudo, no que concerne ao idioma, às vezes sacrificado em proveito de uma locução mais rutilante, que, aparentemente, deu mais realce às idéias; ou mutilado pelo torneio extravagante de uma frase, cuja contextura vernácula deixa muito a desejar. Não nos aprazem – frisemos bem esta afirmativa – as demasias do rígido purismo. O escritor azevado às minúsculas exigências gramaticais, emperrado na descoberta das raízes etimológicas dos vocábulos e bloqueado entre as tirânicas determinações do sinclitismo pronominal, acaba por manietar as idéias criadoras, inutilizando o sabor dos períodos e a volúpia das construções donairosas, que tanto fulgor imprimem ao estilo. Mas, o conhecimento da língua, de suas fórmulas lexicográficas e sintáticas, o respeito aos seus cânones invioláveis, muito importam à correção e à mestria técnica do escritor. Seria absurdo pensar-se que o prosador vigoroso do *No circo sem teto da Amazônia*, houvesse escrito um livro, incorrendo nas culpas desses leves reparos. Todavia, por influências do próprio temperamento superexcitante, no pressuposto de que as suas imagens não possam ser traduzidas num vocabulário por demais conhecido, desmanda-se na introdução de palavras novas, as mais das vezes de origem espúria, entressachando a sua prosa refulgente de indesejáveis neologismos. Não depende de grande esforço a comprovação deste asserto. Do substantivo dicotomia, por exemplo, que, na ordem botânica, significa a divisão de dois ramos ou pedúnculos, conforme ensinam os dicionaristas para

os que são menos versados em história natural, o ilustre escritor, a seu talante, arranja o verbo *dicotomizar*, naturalmente condenado a ser posto à margem nas obras dos autores que velam pelos foros da nossa língua. E ainda mais. Sobrestantes, contribuindo para esmaecer a vivacidade de certas expressões, os neologismos impertinentes, que causariam as maiores irritações à pituitária filológica dos gramaticógrafos deste planeta, refluem de cada página, como apêndiculus insustentáveis, maculando-lhe a prosa lampejante: “o coração do seringueiro *taquicardifica-se* com alegria; o bacurau *morsificava* o silêncio; o pigmeu *microbifica-se*; *escamejava-lhe* o dorso; *paladinizaram* a cruzada; *bisturisava-lhe* o costado largo; o chicote *colubrejou*; *formiguejou* a prancha”. E assim, por todo o livro, legiões e legiões desses verbos extravagantes, de composição híbrida, inúteis e destrambelhados, que em nada contribuem para a vitalidade de sua prosa de requintes aristocráticos. E não é só isto. De vez em quando, inesperadamente, os galicismos e os anglicismos estapafúrdios, desafiando a harmonia da linguagem: para dar a idéia de cor amarela, criou-se o horrendo adjetivo *jaúna*. Do verbo francês *piaffer*, o movimento feito pelo cavalo, quando levanta as mãos e as deixa cair precipitadamente, sem avançar, foi construído o malsonante *piafar*. O jacaré dos rios amazônicos é designado pelo francesíssimo *caïman*, sem sombra de asteriscos. E mais agressivos ainda na sua irreverência, um *clauna*, para substituir o vocábulo palhaço, já muito gasto e fora da moda; e um intolerável *estrugle-forlaifismo*, que somente admitiríamos, assim mesmo para condescender, na prosa encapelada e ribombante de Vargas Villa.

Somos infenso, radicalmente, à crítica de esquirolas, ao jeito de Osório Duque-Estrada, que foi, a nosso ver, um crítico medíocre e sem horizontes, aferrado às questiúnculas gramaticais. No escritor somente as idéias e o estilo nos seduzem. Não é possível, entretanto, deixar despercebidos alguns defeitos, que, imperceptíveis à primeira vista, parecem inconciliáveis com a beleza da obra. Se esse esmerilhamento pueril de vírgulas, pronomes, assonâncias, hiatos e cacofonias, fosse da índole de nossa crítica, radicalmente desafeiçoada a esses preceitos vulgares e odiosos de julgamento literário, então nos delongaríamos ainda mais na pesquisa de outras impropriedades, que se faziam mister expungir do livro. Jamais nos manifestamos de maneira hostil aos neologismos. Ao contrário, em livros nossos, temos concorrido para difundi-los cada vez mais, de vez que se trata não apenas de palavras que irromperam da linguagem corrente por exigência de ordem intelectual ou social, mas também porque são vocábulos criados por imposições lingüísticas, para certas determinações, menos expressivas se fossem traduzidas por intermédio de outras palavras. É diferente, porém, a hipótese do jovem escritor amazonense, que, para desespero dos puristas, se fez um criador de neologismos, por mera fantasia espiritual, sem pensar nas inevitáveis reações decorrentes de sua inclusão no idioma. O galicismo, por sua vez, quando corresponde às necessidades imperiosas da língua, no caso de não haver o vocábulo equivalente, susceptível de refletir os matizes vários da palavra francesa, é ornamento imprescindível para a elegância do estilo e da expressão, em que pese à casmurrice de alguns inefáveis censores da linguagem. Da mesma sorte, o adjetivo, que é elemento floral

e indispensável no período, quando incluído oportunamente, no lugar expresso, no momento justo. Mas é um defeito grave, uma falta inexcusável, abusar do seu emprego, criá-lo caprichosamente, sem atender às leis da lingüística e sem obedecer, ao menos, a uma razoável analogia, desnaturá-lo, por uma significação inexata e abstrusa, enfileirando-o, aos grupos, atropeladamente, como na literatura torrencial da sra. Albertina Bertha.

Mas o talento, neste livro, opera milagres. Falhas e deficiências desaparecem, e o leitor não as vê, delas não se apercebe, hipnotizado pela magia de um espírito que é a própria fascinação. Seja como for, trata-se de um grande livro sobre a planície desconcertante, que não será definitivo, porque a Amazônia, nos seus ouriçados obstáculos, é uma espécie de *pierre d'achoppement* para os que pretendem experimentar-lhe a grandeza e as emoções.

Expusemos, em galeria, propositadamente, gigantes e pigmeus. Louvores fizemos, impostos pelo valor dos escritores; e, embora constrangidos fizemos restrições, indiferentes à advertência de Tasso da Silveira, quando, num ensaio sobre Plínio Salgado, afirma que “no Brasil a restrição mínima é negação absoluta. A menor flexão no elogio, motivo de mágoa e irritação”. Como quer que seja, passamos em revista, com isenção, com imparcialidade, com ânimo desprevenido, os magnos intérpretes da Amazônia. Alguns, *effrenés de gloire*, levarão à conta de crimes sem dirimente as minúsculas objeções que lhes opusemos às obras e aos seus objetivos. Outros, menos intolerantes e mais humanos, compreenderão que, demarcando personalidades e fixando-lhes os atributos superiores, de acordo

com as modulações espirituais de nossa época, vezes muitas aceitando fatos e conclusões que, a rigor, não seriam aceitáveis, não tivemos outro intuito senão o de lhes definir o pensamento. Julgamos por princípios e não por impressões, sem a inquietude crítica ávida de descobertas, na obstinação de lhes divulgar as idéias e as formas de arte, examinando obras e homens, épocas e fisionomias literárias, através de suas nobres atitudes de inteligência e de cultura.



Pela glória de Gonzaga Duque

O nome do autor de *Graves & frívolos*, que relembramos hoje, revolvendo-lhe a obra envolta no silêncio e no esquecimento, evoca uma página comovida de nossa mocidade. Gonzaga Duque foi, talvez, um dos ídolos do nosso tempo. Porque o outro, espécie de fetiche, adorado e cultuado por entre o fervor de entusiasmos excessivos, era Cruz e Sousa. Devemos dizer, nesta hora da maturidade, quando as idéias e as influências orientadoras do nosso espírito na vida literária são conhecidas em demasia, que não sentimos nenhum constrangimento em afirmar ter sido o poeta negro a figura mais prestigiosa daquela geração de sonhadores. A glória do artista dos *Broquéis*, que era, indiscutivelmente, nas letras pátrias, o porta-bandeira do simbolismo francês, então em voga, servia de estímulo às nossas incipientes elucubrações; e, sob a flâmula do seu nome, desfraldada na ardência de extravagantes recontros intelectuais, medrava uma literatura mofina, heteróclita, indisciplinada, construída de imitações e decalques, que primava pela irreverência dos escritores e

pelo prosaísmo de suas iniciativas mentais, em contraste, na essência e na forma, com a obra luminosa do modelo predileto. A arte de Cruz e Sousa era o supremo evangelho da religião literária daquele bando de mancebos idealistas, cheios de bazófia e cheios de veleidades, que supunham fácil e veludosa a escalada da glória, e cuja imaginação não concebia a existência de outro poeta, de surtos mais vertiginosos, nem de outro artista, de mais apurado requinte estético. Para a nossa visualidade sugestionada, os seus versos espelhavam a morbidez e a perversão dos versos de Baudelaire, e tinham a musicalidade das estrofes de Verlaine. A sua prosa, de arrepios nervosos e cabriolas elétricas, magnetizava como a de Villiers de L'Isle Adam. Tais confrontos, é bem de ver, não passavam de inocentes arremetidas, para imprimir realce à metáfora, de vez que, nessa fase doirada de irresponsabilidades, não conhecíamos os sonetos erotológicos das *Flores do mal*, jamais nos correram sob os olhos as redondilhas sonoras e fesceninas das *Festas galantes*, nem sequer tínhamos notícia das páginas amargas, ironicamente zombeteiras, dos *Contos cruéis*. Mas Cruz e Sousa amava Baudelaire, embriagando-se com os seus “asiáticos e letíficos aromas de ópios e de nardos”; Cruz e Sousa adorava Verlaine, – “Fauno-Sacerdote a officiar nos Missais hieroglíficos da suprema volúpia da Forma”; e exaltava Villiers, – “aureoladamente flor-delisado e excelso”. Por efeito desse fenômeno de mimetismo voluntário, a nossa admiração restringia-se à trindade augusta, que a onipotência do ídolo cano-nizara. Depois, como se fosse uma etapa a vencer, acometeu-nos o prurido exibicionista, com a idéia da criação de uma catedral,

onde celebrássemos, como nas teogonias antigas, o cerimonial simbolista.

Foi assim que fundamos o “Apostolado Cruz e Sousa”, num domingo de sol, resplandecente de claridade, instalando-nos na saleta escusa de habitação vetusta e solarenga, encravada em rua solitária da Cidade Velha, onde não chegavam os rumores epigramáticos dos iconoclastas. Aí, nesse arrabalde silencioso de Belém, todas as noites, em repetidas esbórnias literárias, à meia-sombra de lâmpadas mortijas, ingeríamos o veneno dos períodos refulgurantes do Mestre, que retiniam e rebrilhavam como o entrechoque de lâminas florentinas. As orações filigranadas do *Missal* nos deixavam o sabor de vinhos exóticos e generosos; e sentíamos verdadeiro deslumbramento à leitura das *Evocações*, de símbolos trepidantes, que ensurdeciam e alucinavam como uma partitura wagneriana.

Uma vez, porém, fortuitamente, descobrimos nas prateleiras poeirentas de um belchior, uma brochura ordinária, naufragada havia quase dois lustros em sua primeira edição. Ostentava um título empolgante e trazia na lombada um nome desconhecido: era o romance *Mocidade morta*, de Gonzaga Duque. Lêmo-lo de um só hausto, dominados por insopitável curiosidade. No seu estilo, sem dúvida alguma, estava latente o parentesco, de ondulações e tonalidades, com o estilo nervoso do pontífice do “santúario”, erigido por nós em divindade. Mas as diretrizes literárias eram diferentes, notando-se, para logo, que os seus períodos e as suas idéias se revestiam de uma graça de reverberante espiritualidade, a imprimir-lhes um encanto insólito. Houve um alvoroço de abelhas assustadas nos arraiais

vanguardistas. A arte de Gonzaga Duque, de repente, subvertia as nossas consciências estéticas, abalando a ascendência do sonetista genial. Dentro em pouco, sem que pudéssemos fugir à atração daquela inteligência absorvente, sentíamos que a arte pirotécnica de Cruz e Sousa começava a perder o seu fascínio, constringida nos tentáculos de uma outra arte, inegavelmente mais sedutora, correspondendo em tudo à vibratilidade dos nossos temperamentos. *O Missal* já não podia ser o padrão da nova escola. Substituí-a o *Mocidade morta*, em cujas páginas primorosas de apuro técnico e harmonia criadora, íamos buscar o combustível para a fornalha da poesia doidivas que então perpetrávamos. Através das colunas do *Oráculo*, válvula das heresias do “Apostolado”, se mostrava a revulsão das tendências renovadoras de seus diretores; e o espírito dos “deca-dentes”, de índole versátil e capaz de inconcebíveis peraltices literárias, não mais dissimulava as suas recentes inclinações. Cometemos, por essa época, toda a espécie de loucuras. Fomos boêmios, por imitação. Abandonávamos os livros e as preleções eruditas dos professores, deixando desertas as aulas, porque todos os artistas dos “Insubmissos”, da *Mocidade morta*, – “um grupo forte de bravos Cavaleiros da espiritualidade, na vigília d’armas para a Cruzada de Amanhã” – eram boêmios, desperdiçavam a vida e o talento ao léu da sorte, faziam arte em noitadas vagabundas, e, sobretudo, porque era boêmio e tinha nas veias o sangue de Murger, esse rebelado e amargo Camillo Prado, o irônico animador do “Zut”, o qual se não aventurava a uma digressão sobre as peregrinas manifestações do gênio helênico, sem buscar a centelha inspiradora em longos tragos

de absíntio. O nosso culto por Gonzaga Duque raiou pela obsessão. *Graves & frívolos*, que pouco tempo depois, nesse período de esturdias literárias, transpusera também os umbrais do “Apostolado”, nos impressionava ainda mais vivamente. É que, tanto no volume de ensaios críticos, quanto no romance da *Mocidade morta*, se a sua prosa esmaltada tinha o mesmo fausto verbal, as idéias preponderavam, com evidente superioridade. Dir-se-ia que a sua arte era o prolongamento realizado de sua vida interior, dos seus enlevos de contemplador da beleza, de sua natureza cerebralmente apaixonada e sensual. Fomos conquistados subitamente. Começamos a amar a arte de Félicien Rops e de Puvis de Chavannes como se lhes conhecêssemos a obra pictural, adivinhando através dessas crônicas laboradas com excessivos zelos de artista, a vida esgotada e tumultuária dos pintores, pontilhada de amarguras íntimas, na voragem dessa Paris diabólica, que, na embriaguez e no delírio das saturnais, alimenta esperanças e desfaz, num instante, os mais legítimos sonhos de glória.

Passaram fugidios os anos da adolescência, e com eles passou Gonzaga Duque. O “grupo” do “Apostolado” dissolveu-se. As exigências da vida indicavam os roteiros inexoráveis. Cada um de nós, às cegas, era levado para o seu novo destino. Retornamos ao Amazonas, nossa terra natal, sentindo os primeiros desalentos, mas com a alma ainda apoquentada de utopias. Os outros dispersaram-se. Alguns venceram, sem esforço, sem obstáculos, tangidos pelo beijo da fortuna. A maioria, entretanto, soçobrou, irreparavelmente. Anônimos, resignados heróis, desapareceram quase todos, – os meus desditosos companheiros de ideal! –

obumbrados no olvido e destroçados pela vida. Nós resistimos, por milagre. Mas, se logramos escapar ao naufrágio, para relembrar-lhes, nesta hora, a odisséia, num parêntesis comovido à margem do nome e da obra de um grande artista, ainda assim não conseguimos evitar as contingências da derrota, pois não assinalamos um só triunfo na aspérrima jornada, e por troféu das batalhas em que nos empenhamos, nada mais nos resta do que a certeza da inanidade de tanta energia malbaratada e incompreendida.

Depois, no Amazonas, as nossas atividades jornalísticas nos desinteressaram da atuação literária de Gonzaga Duque. Sabíamos-lo integrado na imprensa carioca, exercendo a crítica de arte nos “salons” de pintura, mas a efervescência política do periodismo diário, na Província, começava a arrefecer a antiga admiração que a obra do esteta impusera ao nosso espírito. O seu nome, entretanto, permanecia no cartaz dos escritores consagrados. Ainda por volta de 1908, nas malhas de um inquérito, aberto por João do Rio (*O momento literário*), Mário Pederneiras e Lima Campos, que com o lapidário do *Horto de mágoas*, constituíam um tríptico brilhante, admirado em vários círculos intelectuais, tiveram ensejo de exaltar-lhe a laureada personalidade. Nada conhecíamos, porém, dos altibaixos de sua existência obscura, a não ser uma alusão, na *Kosmos*, no decurso de comentários acerados contra a reforma da Escola Nacional de Belas-Artes. Aí, furtivamente, o prosador da *Mocidade morta* confessava-se desencantado com as decepções do destino e a injustiça dos homens, referindo-se, ao de leve, à sua vida, sem poder recalcar o incontido amargor, – “só, arredio às ‘coteries’ e inconciliável com as rodas escolhidas pela fortuna”, – lutando

com desespero para a subsistência de numerosa família. Meses depois, divulgava-se no país a notícia consternadora. Morrera Gonzaga Duque. Paladino de todas as artes, que levava a vida a desvelar vocações e a estimular energias sem vontade, rompendo as muralhas da China da indiferença pública, desaparecia na penúria, singular galardão conferido no Brasil aos homens de inteligência. Com ele desaparecia o “élan” de uma geração de artistas e pensadores, que as potestades políticas e os bonzos literários sistematicamente deixavam à margem, sem jamais compreender-lhes as intenções e os alevantados destinos. Teve ainda uma fugaz revivescência a sua glória, com a edição, em 1916, do *Horto de mágoas*, coletânea de contos, de esmerado acabamento, onde ressurge, ainda uma vez, a opulência bizantina dessa prosa, de tramas de oiro e pedrarias policrômicas, fagulhantes como escarbúnculos. Depois desse livro, de transitória repercussão, o silêncio pesado se fez, e lhe não ouvimos mais qualquer referência ao nome, imerso na sombra e na tristeza das coisas que passam. Fonte cristalina de fecundos ensinamentos de arte, a sua obra passou relegada pela incultura do tempo; desafogaram-se, aliviados, os cabotinos que lhe não sofriam a justeza da crítica, e ninguém mais hoje se lembraria de rememorar-lhe a poderosa organização de esteta, para não incorrer na intolerância e no desagrado dos seus medíocres imitadores.

* * *

Contemporâneos, aparecido dezoito anos após a morte de seu autor, é um documento expressivo do talento, da ilustração e

da sensibilidade estética de Gonzaga Duque. Nesse livro, repositório dos aspectos proteiformes de uma inteligência inovadora e original, a sua crítica tem a precisão de visada dos lídimos interpretadores das obras d'arte. A acuidade visual do crítico, de relance, nas exposições, dentro da promiscuidade dos quadros expostos, acusa o processo dos pintores, as suas influências e imperfeições, numa perícia extraordinária de minudências, que corresponde à sua vastidão de cultura. Assim, através das aquarelas, das pinturas a óleo, das "pochades", das sangüíneas, dos "pastéis", das águas-fortes impressivas, das grandes telas de largos planejamentos e dos "tableautins" ligeiros, diante de um busto de gesso, de uma estatueta em bronze, ou de um "mouchiste" de figurinhas liliputianas e de paisagens microscópicas, como ao examinar as perspectivas de um quadro suntuoso, a sua visão descobre, apreende e fixa os defeitos e as belezas, com uma intuição surpreendente. Mas não os submete apenas a um rígido e frio exame de motivos. A contemplação visual é apenas o processo preliminar. Segue-se-lhe a hora do estudo, da análise, da legenda a propósito, com o penetrar a consciência do artista, indagando-lhe as ânsias e as ousadias, e perquirindo-lhe, em suma, o conjunto de operações técnicas, predispostas para a aquisição dos efeitos necessários, no intuito de esclarecer-lhe as influências predominantes. Sensível à beleza, não compreendia apenas a superfície, os contornos exteriores. Procurava penetrá-la, traduzir-lhe os frêmitos, auscultar os impulsos e os sentimentos dos artistas, graduando-lhe a intensidade, a violência e a profundidade das emoções. A essa sensibilidade, num esforço de correlata realização, acrescentava a disciplina de uma lógica consentânea com as

disposições de sua maneira de ver, de uma coordenação de princípios adaptáveis à índole do seu próprio temperamento. E, por essa forma, conseguia fazer da crítica de arte uma aplicação estética, e não aquela metafísica especiosa, a que aludem Marcel e André Boll, quando determinam a razão de ser das manifestações da arte contemporânea, que consiste em certos desenvolvimentos literários fantasistas, por vezes engenhosos, onde se é possível a documentação histórica, falham em absoluto as notações psicológicas. A cor, no seu conceito, como no de Mauclair, autoridade insuspeitável no assunto, é apenas o resultado sobre a nossa retina de uma dosagem particular de vibrações luminosas. O que lhe importava, sobretudo, era a sensibilidade do artista. Pode-se afirmar, sem perigo de arguições ou controvérsias, que aí está a “originalité maîtresse” dos processos de Gonzaga Duque. Essa qualidade, por si só, definia-lhe a elevação da análise. Não havia, porém, no seu critério psicológico deficiências de técnica. Toda a sua crítica pictural nos deixa a impressão de que o crítico passou a vida na intimidade dos pintores, havendo-lhes apreendido a terminologia especializada, tal a floração de “galipettes d’atelier”, entressachada em cada um de seus principais estudos. Quase todos eles se ressentem dessa característica, que lhes dá expressão e vigor. Além disso, enobrecendo-lhes a moldura, avulta a notável educação do erudito, adquirida em frequentes e demoradas incursões à história da arte, com o acompanhar a evolução das idéias estéticas em todos os tempos e em todas as latitudes, no exame constante, pelas galerias, museus e pinacotecas, das diferentes técnicas dos pintores. Em qualquer dos ensaios de *Graves & frívolo*s, quer quando estuda uma das

facetas da arte de Rops, – “o tarantulesco desenhador das *Sataniques*, que trazia no estilete do lápis a ‘morsure’ fatal da Luxúria” –; quer revivendo a harmonia plástica das mulheres de Puvis de Chavannes; quer, em outra página, retrazendo a vida e a obra do marinheiro Castagneto, ou ainda ironizando a arte dos imagistas nefelibatas, ou, mais adiante, nessa oblata deliciosa que exalta a formosura das praias cariocas, – não se sente apenas o escritor, no absoluto domínio de suas faculdades criadoras, senão, paralelamente, o técnico, que, conhecendo a fundo as singularidades do “métier”, é susceptível de anotar a firmeza e as impropriedades do talento de um artista, nos relevos do uma crítica honesta, de admirável clarividência de análise e de segura observação estética. Não é só. Infenso ao academismo, reagindo contra as fórmulas consagradas, Gonzaga Duque penetra e observa a obra do artista, vendo-a e examinando-a por si mesmo, pelas tendências do seu gosto individual, pelas excitações do seu próprio temperamento, despercebido da crítica alheia e dos juízos que já houvessem objetivado a obra. O estudo sobre o pintor belga Félicien Rops é um exemplo típico de sua visada original. É sabido que uma legião de escritores e críticos, os Goncourt à frente, fez da arte licenciosa do pintor da *Buveuse d’absinthe* o tema de muitos estudos que por aí andam e são relidos, ainda hoje, com interesse e curiosidade. Huysmans, no *Certains*, abrange todas as arestas da obra erótica de Rops, analisando-a, tela a tela, para deduzir que a Luxúria, que jamais concebera uma obra d’arte realmente forte, como a Pureza, que inspirara e imortalizara os grandes pintores cristãos, precisaria ter chegado ao nosso tempo, a fim de encontrar em Rops o simbolizador de seus frêmitos satânicos.

Desviando-se dos pontos de vista do autor do *Là-Bas*, um outro notável crítico de arte, J. Pradelli, num estudo de vasta complexidade, deixa viva a influência da mulher e da natureza sobre o talento de Rops, da mulher e de sua perversa tentação, conseguindo demonstrar, entretanto, que as duas qualidades preponderantes de seu espírito foram a pesquisa inquieta da vida e a caça ardente da perfeição da forma – “la moelle et l’ossature du talent de Félicien Rops”. Não seria difícil enumerar dezenas de trabalhos do mesmo gênero, exaltando a glória do pintor belga; e somente *La Plume*, a célebre revista parisiense que contou com a colaboração das penas mais ilustres de seu tempo, em julho de 1896, consagrava-lhe ainda uma edição especial, considerada para os investigadores um manancial inestancado. Não era para admirar que Gonzaga Duque, perquiridor e erudito, conhecesse todas essas fontes subsidiárias e tivesse perlustrado, de extremo a extremo, as mesmas regiões onde se perderam tantos críticos e escritores de renome. Viu-as, certamente, examinou-as, penetrou-lhes as belezas e os mistérios com olhos de quem realmente sabe ver e aferir valores. Mas, depois da incursão beneditina à obra de Rops, as suas impressões nos revelam, num momento, a personalidade autônoma do escritor, inadstrita a convenções e preconceitos de ordem literária, inadaptável a quaisquer influências. Porque Gonzaga Duque não se limitava a observar como crítico. Preferia ver, sobretudo, como artista, por estar convencido de que a harmonia natural da obra d’arte não era acessível a todas as visões. Poderia senti-la confusamente, como pensava Marguery, o homem dotado de emotividade, e poderia analisá-la o homem cultivado, mas só o artista seria capaz de traduzir essa coisa miste-

riosa que ela faz obter, revelando-a por um estudo apaixonado da natureza e uma síntese genial de idéias, de linhas, de superfícies, de cores, de sons ou de palavras. A ironia de Rops e o simbolismo de sua obra, estudados em um dos ensaios de *Graves & frívolos*, aparecem-nos como um aspecto inédito de sua fisionomia de artista. O nu do gravador belga e a lubricidade viciosa de suas mulheres, são vistos, no prisma verdadeiro pelo qual se lhe inspirou a obra demoníaca, por um exegeta que lhe compreendeu a fundo o sentido intencional, – aquele “instinto de perversidade”, a que alude Poe.

Duque interpretou como ninguém esse nu libertino, fixando ironias macabras, e, como ninguém, soube diferenciá-lo, em outra página expressiva, do nu característico das lindas, sadias, vigorosas e fecundas mulheres de Chavannes, que surgem para a vida e para a arte como um símbolo animado de beleza procriadora.

Os ensaios de *Graves & frívolos* identificam-se pelos delineamentos inimitáveis dessa estrutura de sombras e coloridos, que traz a “empreinte” do mestre, por entre a magia de seu estilo laborado, a probidade de seus conceitos, a forma original de suas sentenças literárias.

Não se pode fazer, deliberadamente, a história das tentativas de crítica de arte no Brasil, ainda hoje tão falho de críticos e de julgadores de obras d’arte, sem lembrar, com saudade e admiração, a figura inconfundível de Gonzaga Duque. Não que ele fosse um grande evocador de belezas, um ressuscitador emocionado das preciosidades da arte antiga, nos moldes de La Sizeranne. Nem o seu nome teria probabilidades para resistir ao cotejo com o de Baudelaire, considerado, por Thibaudet, o maior

crítico de arte do século XIX; ou mesmo com o de Camille Mauclair, o célebre autor de “Greuse et son temps”, que julgamos o mais autorizado dos mestres da crítica estética contemporânea. Trabalhador obscuro, desprotegido da fortuna, blindado contra os amavios da política, esforçando-se por triunfar de todas as perfídias do destino, vivendo em um país novo, que desafeiçoa e desestimula os que intentam subsistir pela inteligência, e cujo idioma exila do mundo os que o manejam, Duque, por um determinismo inelutável, teria que ficar à margem, e o seu nome, fora de nossa terra, dificilmente poderia conseguir maior projeção. Mas, entre nós, é uma profunda injustiça esse doloroso esquecimento que já se começa a fazer em torno de sua obra, que aí está como um documento expressivo de uma época, reconstituindo idéias e gerações, revivendo figuras e legendas do passado.

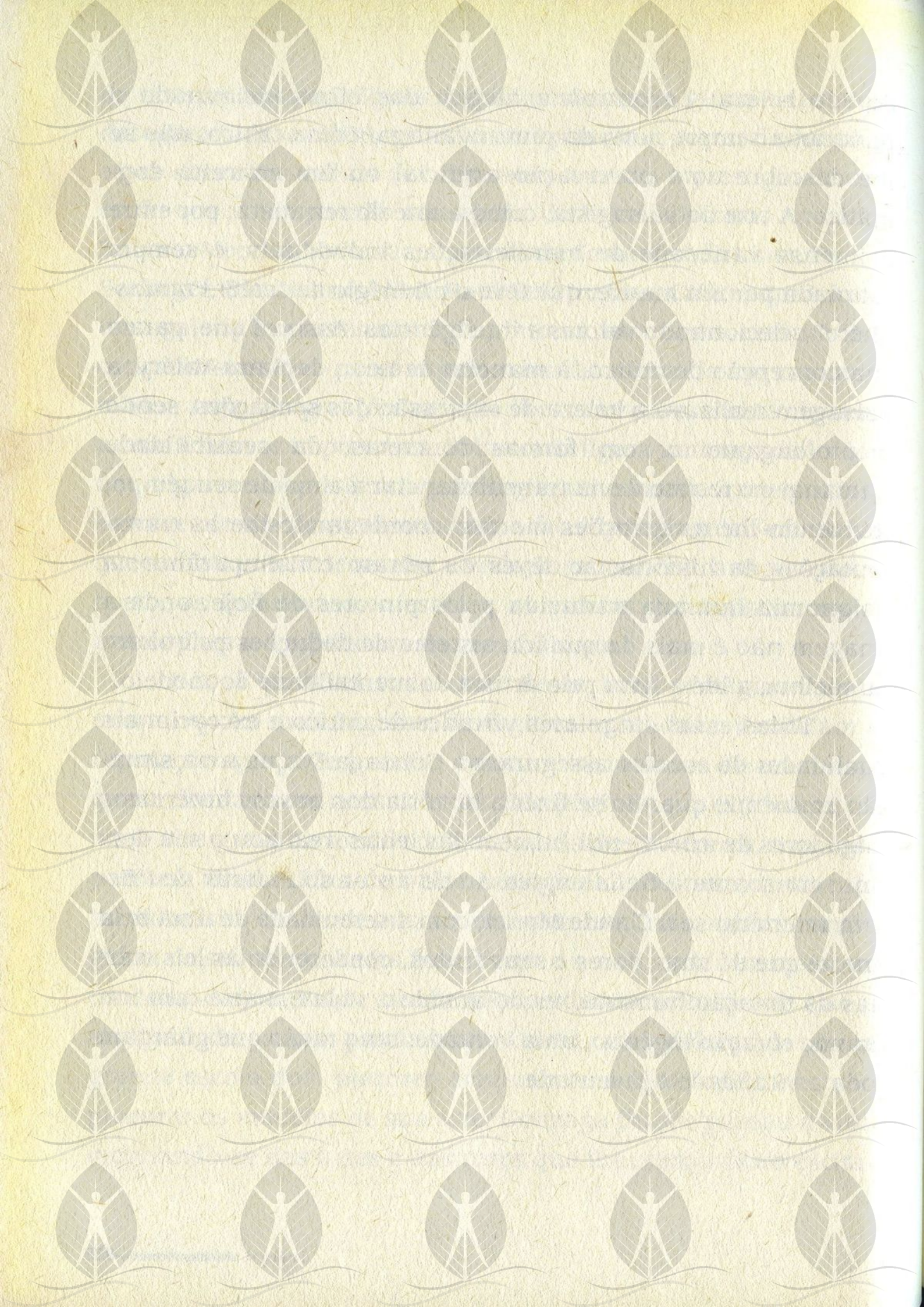
Contemporâneos, apesar de ser um livro feito de crônicas esparsas sobre a arte e os artistas de uma determinada fase de transição literária, crônicas que já nos tinham deliciado lá se vão uns vinte anos, vem reacender em nossas lembranças a chama quase extinta. Aí, em meio a essas páginas, onde existe sempre qualquer coisa de novo e de atraente, saboreamos com prazer as alternativas rebrilhantes de seu grande espírito, defluindo num estilo a um tempo intenso e flexível, que era eloqüente sem ser declamatório, que tinha, de vez em vez, o ritmo frenético de ondas convulsionadas e aparentava a quietude das águas mansas de um lago. Todas as artes plásticas, todas as escolas, todos os estilos, são surpreendidos na contextura de retratos magistrais, por um crítico de forte personalidade, que foi também um criador de arte e um insigne realizador. Vemos novamente essa luzida teoria

de artistas nossos, alguns na culminância da glória, outros já desaparecidos, e relemos ainda, com o mesmo prazer de outrora, esses conceitos velhos que rejuvenescem sob o prestígio de um estilo que o tempo não conseguiu desbotar. Visconti, Amoedo, Roberto Mendes, Parreiras, Baptista da Costa, Corrêa Lima, Helios Seelinger, Presciliano Lobo, Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro – uma galeria impressionante de pintores, escultores, estatuários, caricaturistas, que passam pelo crivo da crítica de um raro animador, cuja imaginação ardente lhes adornava a obra de contornos e relevos imprevistos. Sobre cada figura um traço definidor, um julgamento que é uma psicologia, uma visada introspectiva, envolvendo um pensamento sutil, a faculdade singular, em suma, que tinha o crítico de revelar a vocação, a maneira, a expressão, o gosto, as influências, o estilo e as escolas dos artistas, registrando-lhes a temperatura da sensibilidade.

Não é possível tudo citar desse livro prodigiosamente evocativo. As suas páginas, de fugitiva atualidade, justificam a reputação que teve o velho crítico e historiador de arte, hoje quase olvidado em nossas letras. São páginas que exprimem, no mais alto grau, as tendências artísticas de sua época, e que, se parecem diminuídas de valor e originalidade neste momento tumultuário de modernismo exasperante, não deslustram a glória de seu autor, antes lhe elevam o nome, cada vez mais, no conceito daqueles que ainda não perderam a ilusão de que a antiguidade, como proclamava David, não deixou de ser a grande escola dos pintores modernos e a fonte onde eles vão procurar os modelos de sua arte. Gonzaga Duque passou a vida inebriando-se das luzes e das cores que lhe eram o filtro excita-

dor da beleza. Encontrou a alegria dos olhos visionando o panorama sempre novo da pintura antiga. Como crítico, não se lhe descobre uma observação artificial ou um conceito dogmático. A arte do paisagista, como a arte do retratista, por entre a imensa variedade de manifestações individuais, é sempre estudada por um mestre, que teve o privilégio de “créer l’atmosphère” selecionando valores e inteligências. Assim é que, para a sua concepção de crítico, à maneira de Léon de Saint-Valéry, a paisagem realizava a beleza de expressão das sensações, sendo o prolongamento, em formas concretas, da sensibilidade humana; e o retrato devia transsubstanciar a alma de seu tempo, revivendo-lhe as gerações mortas, coordenando-lhe as transmutações da história, ao revés do retrato contemporâneo, a fisionomia humana traduzida pelos pintores de hoje, onde a imagem não é mais do que um sistema de deduções psíquicas, ou melhor, a idéia feita pelo artista da mentalidade do modelo.

Todas essas singulares virtudes de crítico e excepcionais qualidades de escritor asseguram a Gonzaga Duque uma situação eminente, quando se fizer a história dos nossos autênticos julgadores de arte. Gentil-homem das letras, realizou o seu destino, consoante a linda expressão do autor do *Princes de l’Esprit*, referindo-se a Claude Monet, com a serenidade de uma bela árvore que dá suas flores e seus frutos, obedecendo às leis eternas da dotação humana, tendo amado a vida e a arte com um grande coração ingênuo, uma vontade, uma razão que guardam toda a vitalidade e juventude.



Heliodoro Balbi

(Páginas de um memorial)

Um mês depois... Trinta dias escoados dolorosamente sobre a hora trágica da desapareição, para sempre, do grande o sacrificado Amigo, e nossa dor ainda perdura intensa, e a sua sombra, como um sonho terebrante que o destino desarticulou, já inanimadas todas as ilusões da mocidade, nos acompanha por toda a parte, o quanto mais nos segue, invocando páginas comovidas de sua vida, que passou como um sopro de luz que se apaga e nunca mais se acende, mais se refina a nossa sensibilidade e, numa histeria frenética de quem investe e se dobra impotente, aniquilado ante a brutalidade do irremediável, vibra nervosa, em frêmitos inquietantes, na ânsia de um pesadelo que não tem fim, sacudido de angústias selvagens e de irreprimíveis alucinações...

* * *

Trinta dias que se esgotaram, hora por hora, minuto por minuto, numa agonia de moribundo, e não conseguiram apagá-lo de

nossa lembrança. Morto, mergulhado no silêncio do túmulo, vive imperturbável para a nossa imaginação, para o nosso enlevo desfeito, para a nossa amargura. Numa desvairada obsessão de sentidos, vêmo-lo, sentimo-lo. O seu relevo é palpitante. Há átomos, há moléculas, há vida nessa estrutura humana. Há sístole e há diástole nesse coração que a morte paralisou. Vêmo-lo. Nos seus membros não há a gelidez apavorante dos cadáveres. É mentira! Não há inércia nos seus músculos. Olha-nos. É como dantes iluminado o seu olhar. Nele, dominadoras, fulguram as centelhas do gênio. Grande Amigo! Grande Amigo! E despertamos ansiados dessa loucura bendita. Tudo sonho! Nada, do formidável naufrágio. Destroços – memórias e lembranças, – da misérrima derrocada. A realidade confunde-nos, aniquila-nos, desvaira-nos. Daquele espírito maravilhoso, daqueles dilúculos de glória, daquela alma de artista, poeira, poeira, poeira... Terias razões, meu muito amado Maeterlinck, afirmando que a morte não é mais do que um renascimento imortal num berço de chamas?...

Ah! os desalentos da saudade, os desvarios da lembrança...

* * *

Morto, irremediavelmente morto...

Como, meu desditoso amigo, nesta hora de tremendo infortúnio, quando, sobre a minha sensibilidade conturbada, ainda se projetam funerárias as sombras da noite sinistra que te devorou num arranco de besta sacrílega, como fazer, em dois traços, no desatavio destas memórias, a *maquette* de tua

obra, que nada mais seria do que um simulacro de idéias e de pensamentos, no tumulto irrefreado de quem não medita nem raciocina, na anquilose do inesperado, estarecido e inerte, sentindo a morte e não se conformando, vendo o sol, no ocaso, apagando-se, e renunciar no delírio da impotência, por não ter cintilas divinas, que lhe animem as reverberações agonizantes...

Como, nesta angústia de amigo que perde o maior dos Amigos, e nesta hora torva da morte, pincelar-te a vida – sarcasmo pungente! – eu que nunca pude saber qual dos dois sentimentos em mim era maior – se o de admiração pelos surtos violentos do teu poder criador, sob a flama apoteótica da imaginação, do remígio condoreiros, ou se de deslumbramento pela superioridade esmagadora de tuas atitudes. As magníficas, as imprevistas, as surpreendentes atitudes... Lá fora, no burburinho da vida, desordenada, desenfreada, ruge a tormenta. Vejo-te impassível. Não te demoves. Ah! o pampeiro não tem forças para quebrar as cariátides do aço desse caráter inquebrantável. Sorris, inflexível, à careta sarcástica do destino, feroz na insistência de sua insânia demolidora. Coragem fria, coragem intrépida, que enfrenta tempestades de ódios e assédios de vilanagens e não tem um instante de hesitação. Singular estrutura de caráter que delimita o animal e faz o homem – perfeito, inteiriço, inamolgável – o homem, na acepção integral da palavra, e quase superior à época em que viveu.

* * *

Admirei-o por essas nobres atitudes.

E, fechando os olhos, aqui sozinho, nesta hora evocadora de meditação e de tristeza, pensando no meu grande Irmão pelo destino, pelo infortúnio, pelas crenças, pelo afeto, por tudo aquilo que vincula duas almas indestrutivelmente gêmeas, sinto e compreendo que muito maior que essa admiração sem excessos foi o meu bem-querer excessivo por essa figura de lenda, cheia de virtudes e sem nenhum defeito, cheia de devotamentos e sem nenhum rancor, gigante numa terra de liliputianos, dignidade serena que trava, de chofre, as enxurradas crescentes da covardia. Abstraio o amigo, revejo o homem. E, revendo-o, – estranha textura do caráter! – em toda a sua vida de serenos heroísmos e suaves resignações, essa figura avulta mais. Dir-se-ia que quanto mais adversa lhe foi a fortuna, mais enérgica a resistência, mais impetuosa a arremetida. Vencido, ao apuro da rafaméia sanguissedenta e bêbeda de paixão, como era luminoso e apiedado o seu sorriso, como era grande e suprema a sua misericórdia!... Vencedor, muito maior o seu perdão. O triunfo não o embriagava, era estímulo para novas conquistas, era incentivo para novas vitórias. Esse caráter não se obnubilava com o torvelinho das torpezas terrenas. Nunca houve ódio que se aninhasse naquela imensa bondade. A desforra tinha a duração da peleja. Passada esta, nem sequer ficava o ressentimento. Ninguém mais depressa esqueceu a invectiva e perdoou a injúria. Surdo às animosidades irritadiças, cego aos devaneios sedutores da intriga, fazendo da justiça e da verdade os mais puros sacerdócios de sua vida, não tinha preferências e não tinha pendores. Paladino desses dois nobres sentimentos, qual bendito semeador, pelos ardores de sua

palavra sugestionadora, e pela dialética doutrinária de suas apóstrofes de fogo, de lances de rajada e de sonoridades de bronze, transformava a terra calcinada, de vegetação inculta e maninha, em esplêndidos vergéis, de floração magnífica, que rebentam pela primavera em tempestades de seiva, e frutificam no outono, à volúpia fecundadora da primeira sação...

* * *

A Exedra Acadêmica...

Neste claro-escuro crepuscular, de lucilações melancólicas, no meu quarto humilde de amaldiçoado da fortuna, à meia-tinta das minhas cismas de revoltado, descubro, poeirenta, dormindo sobre a *Mocidade morta*, de Gonzaga, (singular coincidência!) a *Exedra*, – “minaretê trêmulo, esguio e branco, sob o amplo velário azul desta paliçada de bronze, em meio de sarissas reluzentes e lanças voadoras...” Vendo-a, revivo, extático e emocionado, os lances afogueados dessa outra mocidade morta, a tua, que passou como um sonho que nunca mais volta, nas diluências dos amargores supremos, à catástrofe das ilusões mais queridas. Evoco, revolvendo essas páginas, a glória desse tempo de quimeras, sob o tumulto do êxito, quando ainda não se pensa nas cabriolas do destino, e se tem a vertigem das primeiras vitórias no aplauso alucinado das turbas e na languidez misteriosa do primeiro olhar de mulher, que para nós se volta, simbolizando o desconhecido, com secretas atrações. A *Exedra*, “ó das lembranças pássaros amados...” o primeiro sonho desmoronado, e que eu ressuscito hoje, com a idéia da morte à insular-me das contingências da vida. Relendo-a,

nesta hora de torvos presságios, vejo-te hirto, gélido, os olhos vidrados, emparedado no silêncio eterno do féretro, irreparavelmente morto, arrastado para o vago e para o indefinido, impelido para a noite eterna, exilado de nós, isolado do mundo, na imobilidade do supremo êxtase... E como eu compreendo, por isso, a dor do teu derradeiro instante... E que afinidade intensa a tua com esse vulto dolorosamente incompreendido de Camillo, da *Mocidade morta*, autobiografado por esse grande artista, generoso e infeliz, que foi Gonzaga Duque, – “só! só! sem camaradas, desviado da farândola boêmia da mocidade, que vem pela alegria, a pandeiar ilusões, a cantar madrigais, às feiras gritalhonas e cobiçosas da vida...”

Atiro a *Exedra*. Apago a luz. Meia-noite. Tenho a impressão do nada incognoscível. Persuado-me de que vais voltar.

* * *

A terra das ilusões...

Nela, sem que o pressentisses, abriu-se o teu túmulo. Buscaste-a. Mas depois de saber-lhe a odisséia das perfídias não fugiste à serpe. E porque não fugiste, conhecendo-lhe os instintos sombrios, foste enroscado nos seus torcicolos colubrinos. Desgraçado amigo! Quiseste, no teu enlevo de visionário, através de teu loiro sonho

*Morrer! e ser lançado ao mar, no mar do Oriente,
No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho...*

O delírio da febre!

Nesse dia de chuva, sob um céu de zarcão, vindos da festa genetliaca de um poeta nosso, trazendo nos ouvidos o rumor sonoro das últimas estrofes, voltávamos à casa, atuados da melancolia do dia invernos. Penetramos no gabinete. O *studio*, em desordem, ressentia-se de nossa ausência. Sobre a mesa, entre papéis revoltos, livros semi-abertos, notas a lápis, e taciturno, o busto de Léon Dierx sobre um *socle* de terracota. As estantes, fechadas, atulhadas de livros, tinham a gravidade de estátuas, e na parede, em face às janelas escancaradas que davam para o rio Negro, e por onde se escoava a última réstia de luz crepuscular, entre panóplias e arabescos de *tarsia*, como um esplendor d'arte, fazendo *pendant* com um pastel de Baschet, linda cabeça de virgem sarracena, engrinaldada de cabelos do oiro, – a cópia impressionante de um baixo-relevo de Cettignano, *Héros Inconnu*, soberbo na majestade do seu porte. No alto, a *crayon*, santificando a austeridade daquele ambiente, o retrato da senhora Emília Balbi, com seus grandes olhos negros, dolentes e pensativos, e a névoa de um sorriso de infinita meiguice a lhe aflorar dos lábios.

Derreado sobre a poltrona, cofiando o bigode ralo, imerso em cogitações, olhando as espirais do fumo do cigarro, o espírito vagando, longe, absorto, Balbi tinha vincos de desalento na face triste. Fingi não reparar-lhe a cisma. Reli, sem compreender, lombadas de livros, detive-me desinteressado, examinando o pastel do artista francês. De repente, inquieto, não me contive:

– Em que pensas, homem!

Balbi levantou-se, resolutivo:

– É definitivo. Vou ao Acre. Acabo de receber um radiograma. Tenho a minha palavra empenhada.

Sorri, incrédulo, à expressão categórica de suas palavras. Naquela conjuntura e dada a delicadeza de sua situação, parecia uma fuga. Não me conformava com a estupidez daquela súbita decisão que se me afigurava irrevogável. Partir, naquele momento, a esposa irremissivelmente condenada, sob o cilício de enfermidade cruel, e esse golpe da separação desfechado assim, desapiedado, e o seu remorso, e a sua consciência... Que loucura! Propus soluções novas ao problema de sua vida, tentei convencê-lo da inutilidade da empreitada, viver na selva, desafiando riscos e intempéries, isolado, entre estranhos. Estava irredutível. Precisava sair. Tinha que se ausentar nem que fosse por pouco tempo, mas era imprescindível essa viagem.

Aventurei de novo, convencido da lógica fatal deste último argumento:

– Olha que não encontrarás com vida dona Emilinha...

Foi rude a investida. Olhou-me, acabrunhado, erguendo-se da poltrona. Que mistérios imperscrutáveis agitariam aquela alma! Passeou no *studio*, de lado a lado, nervoso, o rosto contraído num imperceptível rictus. Estacou em frente ao retrato, fitou-o demoradamente, e depois, célere, como tangido por uma impulsão estranha, procurou a entrada e desapareceu, descendo a escada, precipitadamente.

Hoje, escrevendo estas memórias, com que carinho e desconforto releio a sua carta, vinda do Acre, seis meses depois do desastre de sua partida. A senhora Balbi já era morta. Transcrevo-lhe, textualmente, os períodos amargos:

“Ainda estou estonteado com o rude golpe que o destino me desferiu. Ainda não tenho perfeita a consciência do meu

ser, preso como me acho à sensação viva do meu aniquilamento. Para cúmulo do meu infortúnio, o desespero íntimo, tenaz, indominável de seguir às carreiras para aí, de abandonar tudo, constituintes, interesses, situações indefinidas, e sentir-me ao mesmo tempo chumbado ao solo, preso aos compromissos de minha palavra. Não posso imaginar o dia da minha alforria. Creio, porém, que só em fevereiro poderei aí estar. Sou um enclausurado neste ermo, sem dedicações, sem amigos, quase selvagem, condição a que fui levado por necessidade profilática, por higiene pessoal. Nada tenho feito. Mas não irei a Manaus sem solver meus compromissos. Prefiro morrer em caminho. O Acre é uma grande ilusão...

E continuava assim, nesse diapasão doloroso. O Acre é uma grande ilusão! Desafortunado amigo! Tarde demais o reconheceste...

* * *

Um talento dispersivo...

Em volume, para que fosse a catedral do nosso culto, o missal de marfim antigo onde a mocidade aprendesse a meditar os rituais emotivos da religião da beleza, do mestre nada ficou. De sua glória, para o julgamento dos pósteros, quase nada... Papéis velhos, artigos de jornais, ensaios, crônicas de atualidade, artigos de polêmica, – a aluvião de suas campanhas políticas, versos aqui e acolá, epigramas, sátiras, estudos filosóficos, correspondências literárias e, em folheto, o célebre *Discurso*, proferido no Recife, quando orador de sua turma, de

êxito sensacional, que perdura até hoje. Mas para a documentação evidente do potencial de sua força, em uma obra de alicerces científicos, vazada nos recursos inexauríveis de sua cultura, e que desse exatamente a idéia de quanto podia e de quanto era capaz aquela inteligência, servida por ilustração tão sólida; em uma obra, como ele planejava, onde se estudasse a evolução do pensamento moderno, e, à guisa de crítica, ao sabor de comentários filosóficos, fossem discutidos, analisados, interpretados os fenômenos sociais; um livro de doutrinas e de idéias que bastasse para a consagração de um nome e que surgisse como o depoimento vivo do seu saber, de desmesurada configuração, uma obra, assim, – pela sua vida de alternativas dolorosas, de conjunturas apreensivas e de surpresas quase humilhantes, na luta desesperada pela subsistência, – não chegou a realizar o mestre. Não se cuide que para esse fracasso tivesse havido desfalecimentos de energias. Forte, enfrentando os revezes sem desatentos, de uma vontade indomável, enfraqueciam-no as arestas anfractuosas de um talento dispersivo, que concebe e não realiza, talento de impulsos e de ousadias, mas sem medida, sem constância, sem tenacidade, num eterno desequilíbrio, estiolando-se à mesa dos cafés, nas horas vagabundas do bilhar, perdulariamente, criminosamente, despreocupado da glória, indiferente às responsabilidades do futuro. Não raro, na intimidade dos amigos, no entusiasmo efêmero de suas palestras cintilantes, – Balbi era um conversador surpreendente que hipnotizava pelo encanto e pelo ritmo de sua frase, – a concepção alava-se arrojada, e, de sonoridade em sonoridade, de deslumbramento em deslumbramento, cons-

truía os planos maravilhosos do edifício de sua obra, sem esquecer detalhes minúsculos, compenetrado do seu poder de arquiteto espiritual meticuloso, empenhado nas minudências extremas para a majestade hierática do conjunto. Tenho ainda nítidas na memória as suas palavras persuasivas, esboçando-me as linhas gerais de um estudo experimental, de proporções grandiosas, e de controvérsias às idéias de Hachet-Souplet, expendidas na *Gênese dos instintos*. Esse trabalho nunca foi realizado. A ele aludi, certa vez, alguns dias antes de sua partida. Sorriu, contrafeito, alegando falta de vagares. A verdade é que minguava em Balbi, releve-me o amigo e mestre a severidade deste julgamento póstumo, a perseverança no esforço, que redundava em lastimosa incapacidade produtiva. Arrebatado temperamento de prosador, de um estilo personalíssimo, a estrutura de sua prosa era inconfundível. À superior feição de sua vernaculidade exigente, temperada nos clássicos de nossa língua, reunia o sabor ático de uma adjetivação bizarra, de harmoniosas orquestrações e que contrastava, de quando em quando, com o arcaísmo salobro da convencionalíssima etiqueta purista. Perpetrava a crônica com a maestria de Lavedan. Conhecia-lhe os segredos, imprimia-lhe à vontade a tonalidade e a amplitude que desejava. Impressivo na análise dos acontecimentos, que condimentava, sempre com a sua *vis* satírica inexcedível, a crônica de Balbi, palpitante, vivaz, sugestiva, era um repositório de ironias corrosivas que se transmudavam em fino e irrequieto *humour*, focando, em flagrante, os homens e as coisas de seu tempo. Don Pelayo, Emílio Reis, J. Tissot, seus antigos pseudônimos, denuncia-

vam-no desde logo, não conseguindo dissimular os lampejos geniais do mestre. Poeta admirável, emancipado de escolas, rebelde a quaisquer influências, é da *Flor de pedra*, talhada em moldes parnasianos, que data a sua iniciação. Como, porém, em presença de sua obra poética, tão desordenada e tão fragmentada, e nesta página arrancada a um memorial de lágrimas, sem nenhuma intenção crítica, tentar um estudo sobre os estados de sensibilidade de sua poesia, revelando-lhe a psicologia, discutindo-lhe a estética e a forma, acompanhando enfim os processos evolutivos de sua arte? Os versos de Balbi andam dispersos, pelos jornais, e a sua produção de hoje, formoso manancial onde o artista atingiu a culminância de sua perfeição, essa foi com ele, nessa malograda aventura do Acre que lhe custou a vida, e sem dúvida desapareceu, para a futura glorificação de outro nome... Nada escapou do formidável soçobro. De sua obra, originária da prodigiosa operosidade de outros tempos, das tradições de cultura de seu nome vitorioso, que era um lábaro de fé para a mocidade sonhadora, só isso – vestígios apagados, fragmentos transviados, papéis velhos caídos no olvido, e a lembrança comovida dos amigos, os solitários pegureiros do ideal, que contemplam essas ruínas como se fossem os derradeiros escombros de um templo que desabasse sepultando com ele religiões mortas e civilizações desaparecidas...

Do mestre pode-se dizer, com propriedade, o que disse Junqueiro, referindo-se à obra fialhesca: “De metade de um bloco de mármore fez Beleza. A outra metade estilhaçou-a e converteu-se em pó”.

Grande Balbi!

A última vez que o vi, acompanhando-o por toda a parte até dizer-lhe o derradeiro adeus (e nunca me surpreendeu o pressentimento trágico de ser esse o último!) foi no dia da partida. A viagem era definitiva. Ninguém o demovera. Seguia resoluto para o país da ilusão e da perfídia, tangido por compromissos inadiáveis, levado pela angústia de uma posição insustentável, desprovido de recursos, na iminência de afrontosas humilhações. Pouco lhe importava partir abandonando a esposa, filhos, amigos, posição, proventos futuros que nunca chegariam, sacrificado à sanha dos revezes políticos. Coragem lhe não faltava para novas lutas, nem se sentia abatido pela amargura da contingência. Desnorteava-o, confrangendo-o, esse ambiente pesado de opressões morais de toda sorte, que o asfixiava, que lhe tirava a alegria de viver, compelindo-o à aventura, sem temer-lhe as conseqüências. Mas, nessa noite de inquietações e de pesares, o que minava essa alma intrépida que jamais na vida se arreceara dos perigos do embate, era a dolorosa certeza de partir, com rumo incerto o destino ignorado, e nunca mais ver, nunca mais! a companheira abençoada de tantos anos de felicidade e do infortúnio, a doce companheira que compartilhara com ele as alternativas da fortuna mendaz, estuante e feliz, nos dias ensolarados do triunfo, e apertando-o ao peito, comovida e soluçante, à amarugem da desdita... Essa, que foi a mais amada de todas as mulheres, aí se ficava, sem poder segui-lo ainda uma vez, lancinada no seu abandono, e

presa ao leito, imobilizada, errante na sua dor, livorescida na sua agonia, corroída pela enfermidade terrível que dias depois lhe fechou os olhos. Era a perspectiva desse transe que o combalia, desarvorando-o; e, quando à noite, taciturnos, regressávamos à casa, a tortura de vê-la do novo e ter que partir, retardava-lhe os passos. Vi-o à porta, cambaleante, vencido, os olhos marejados de lágrimas.

– Ah! meu velho, que horrível provação! É a pior hora da minha vida...

Entramos silenciosos. Vi-a do longe, no seu leito de morte, os olhos parados e cheios de angústia, as faces lívidas, um sorriso doloroso esvoaçando dos lábios desmaiados... As eternas oscilações da alma!

Não quis ver o resto. Fugi. Fui esperá-lo no largo, em frente à igreja, olhando a baía deserta. No céu, lavado de bistre, palpitavam as primeiras estrelas. Minutos depois vi que voltava, spectral, sombrio no seu mudo desespero, as pernas trôpegas, sem poder articular palavra.

Olhei-o, comovido. Apertei-o com força em meus braços. Tentei consolá-lo.

Murmurou-me ao ouvido, com voz embargada:

– Tu não imaginas a minha angústia! Acabo de abraçar um cadáver...

Chorava convulsivamente.

Só então reparei que eu também tinha os olhos arrasados d'água.

Rememorando Stradelli

Quantos escritores do nosso país, mesmo entre os que se consideram especializados no conhecimento dos problemas complexos do vale amazônico, já ouviram falar da vida e da obra do conde Ermanno Stradelli? O seu nome, raramente, através de uma referência fugidia, consegue emergir da penumbra que o envolve. A sua obra anda esparsa pelas revistas do seu tempo, empoeirada nos arquivos, desaparecida nas páginas mortas dos jornais. A sua vida obscura, ignorada de todo mundo, nem sequer revela aquelas singulares projeções das grandes vidas. Homem simples, excêntrico, despretensioso – eu o conheci fortuitamente, em uma de suas últimas passagens por Manaus – sem fazer alarde da cultura científica que lhe era o traço predominante do nobre espírito, ninguém podia suspeitar-lhe, nos meandros daquela índole de exceção, a força irradiadora da inteligência, as faculdades inatas do organizador, a insaciável curiosidade, o temperamento irrequieto e aventureiro de Tartarin. Apaixonado pelos mistérios da re-

gião amazônica, descortinou-lhe com exatidão a beleza dos relevos topográficos; estudou-lhe os aspectos impressionantes, com a elucidação de seus acidentes geológicos; tentou descobrir as nascentes de alguns de seus rios; transpôs-lhe as cachoeiras agressivas, estando em contato íntimo, em razão das explorações que levou a efeito, com a fauna e a flora opulentas desses rincões bravios e quase impenetráveis. Desta sorte, não houve risco que não afrontasse, expondo muitas vezes a vida, extraviado no meio desta noção de infinito que representa a floresta amazônica, para a conquista de um subsídio inédito, de um pormenor curioso na configuração física de um lugar que os seus olhos ávidos tivessem contemplando, a fim de incorporá-los à margem do estudo de suas peregrinações. Esquadrinhando e acumulando informes adstritos à variedade dos seus fenômenos, o geógrafo embrenhou-se na trama das artérias fluviais e, por meses, por anos consecutivos, esqueceu-se da vida, preocupado apenas com os segredos potâmicos da região, desafiando-lhe os perigos e aparando-lhe as emboscadas. Por sua vez, o etnólogo foi estudar nas malocas dos silvícolas e na convivência dos tuxauas, os costumes, os cultos, as práticas religiosas, a estrutura física e moral do aborígene, conquistando-o com as seduções do seu trato. Já naquele tempo, à vista de suas provas de aptidão e atividade, o explorador italiano testemunhava o quanto era clamorosa a fama de indolência e apatia atribuída ao índio amazônico. Além de sentir-lhe a inclinação para o trabalho, não foi difícil adivinhar-lhe a inteligência, penetrando-lhe os arcanos da língua, para compendiá-los, muitos anos depois, num labor fecundo e exaustivo de quase meio século.

Mas, apesar de tudo, ninguém conhecia a vida e a obra desse homem estranho e contraditório que, um dia, em busca de outros climas, de aventuras e de sensações novas, relega ao desprezo o conforto e os brasões hereditários da família fidalga, abandona os proventos e as doçuras de uma existência sem sobressaltos, para internar-se no âmago da floresta virgem americana. A ninguém impressionava o perfil insólito daquele pioneiro extravagante, que, voluntariamente, com desdenhosa sobrançeria pelas grandezas convencionais, fugia à fortuna, e se colocava, nas tempestades da vida, à espreita de trágicas eventualidades e na iminência de perigosos resvaladios. Sabia-se, quando muito, na informação vaga das atoardas desinteressantes, que o andarilho das selvas amazônicas, num desses gestos de altaneria reveladores da capacidade de contrastes da sua natureza individual, sentido-se vencido, renuncia a tudo e com resignação, sem uma queixa, sem uma blasfêmia, sem um protesto, caminha sereno para o seu destino.

Eis que agora, dez anos depois de sua morte, um ilustre escritor brasileiro, que não é da Amazônia – o sr. Luiz da Câmara Cascudo – num livro sóbrio e de sombria emoção, celebra com fervor a glória do conde Ermanno Stradelli. Através de suas páginas, revestidas de uma dignidade exemplar, e onde, em notável equilíbrio, se consubstanciam as idéias do historiógrafo e os dados do investigador, conservados no livro inteiro em inalterável paralelismo, ressaltam, em escola reduzida embora, todos os grandes lances dessa vida, na intermitência e na correlação de fatos e de circunstâncias que definem perfeitamente a individualidade singular do velho fidalgo de Borgotaro. O

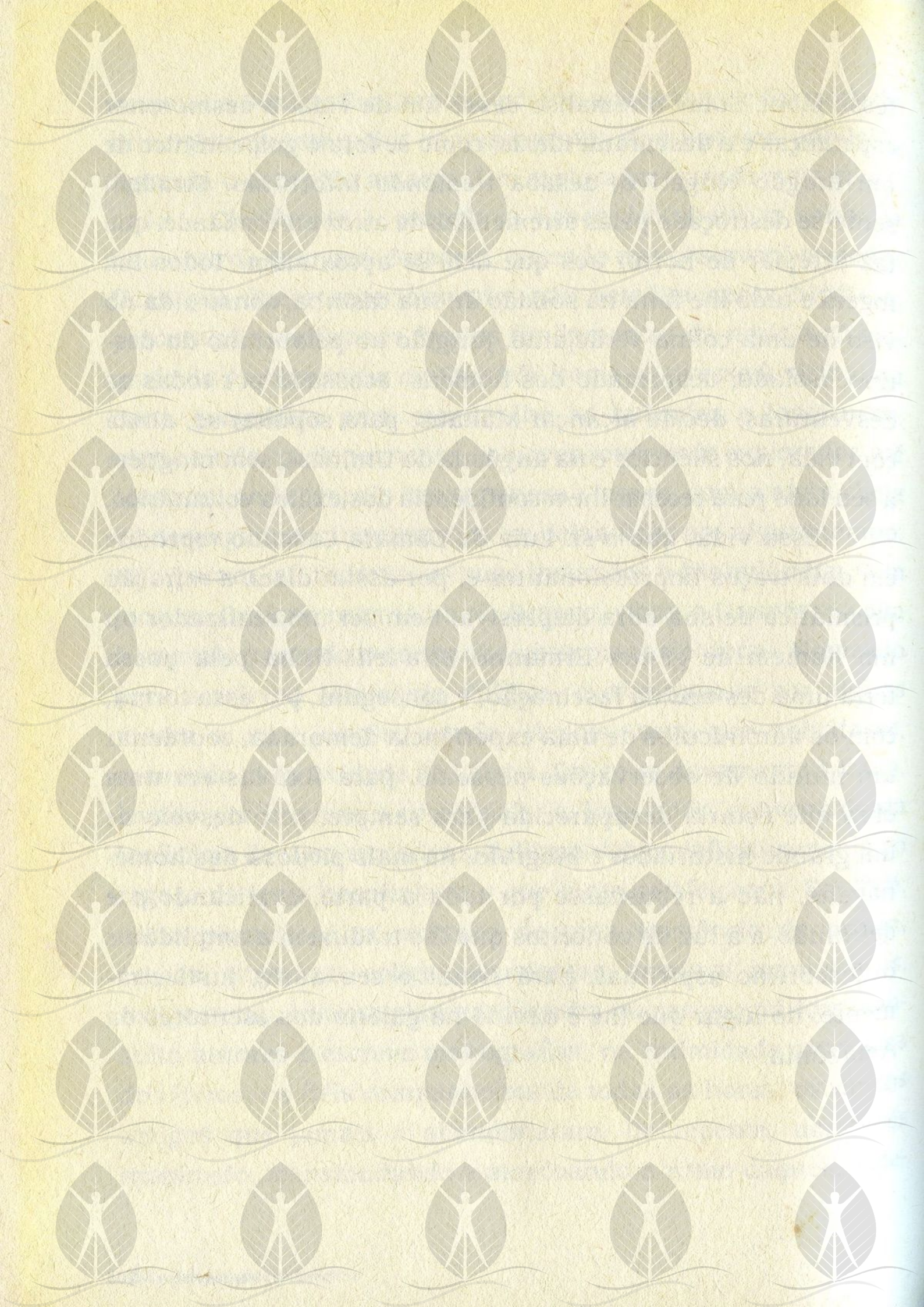
retrato de Stradelli é de um vigor inexcedível. Resguarda-o dos reparos mais ou menos equívocos da crítica de absorção, que procura deficiências onde existem apenas exuberâncias, a documentação de autenticidade indiscutível em que se firmou o biógrafo, reunida, em dezoito meses de fadigas e estorvos, com pertinácia e devotamento que ultrapassam a tudo o que se possa imaginar em energia de poder volitivo. Não desnortearam o escritor, nem lhe fizeram desfalecer a vontade obstinada, os obstáculos com que iria arrostar-se, desde a hora em que se atreveu a levar de vencida a iniciativa arrojada. Nada obstante, a sua capacidade de resistência se sobrepôs aos maiores entraves. O sr. Luiz da Câmara Cascudo, sem contar tempo, sem desviar a sua atenção para qualquer outro assunto, perdeu-se no labirinto dessa vida, perquirindo-lhe as alternativas de triunfos e insucessos, procurando pesquisar-lhe os recantos obscuros e interpretar-lhe as facetas mal compreendidas. Assim, dirigindo-se a estranhos, a parentes do morto, que habitavam do outro lado do Atlântico, a amigos raros, que ainda subsistiam em províncias longínquas, tudo realizou o insigne escritor, vencendo distâncias e vencendo indiferenças, contanto que pudesse conseguir os elementos objetivos suscetíveis de reviver, na temperatura ardente do seu conspecto moral e no significado superior de sua obra, a figura do sertanista intrépido, de tão amargurado horóscopo. O inquérito, como era de prever, sofreu os embaraços cruéis inerentes às tentativas desse gênero, mas o seu êxito foi sem precedentes. No considerar os fatores que preponderaram na formação de sua personalidade, nada escapou à inteligência e à visualidade do historiador. Analisou-lhe cuida-

dosamente as origens e tendências psicológicas, revelando a árvore genealógica e os títulos de nobreza conferidos à família. Depois, revivendo-lhe os dias da mocidade, acompanha-o no seu curso de ciências jurídicas e sociais, na Itália, pela época dos primeiros versos, já sob a tentação inelutável de sua carreira, seduzido pelos cometimentos ousados, pelas explorações geográficas, pelas caminhadas através dos sertões desconhecidos. A Amazônia, de longe, com as suas maravilhas e sortilégios, é o sonho alucinante que lhe empolga a imaginação. Não sabe resistir-lhe aos amavios, que o enrodilham como a uma presa. Na ardência dos vinte e sete anos estuosos, vem para o Brasil. Passa por Belém. Decide-se pelo Amazonas e, desde logo, se inicia nas vicissitudes da vida aventureira de explorador. Faz excursões por seus grandes rios. Vai ao Purus. Viaja pelo Juruá. Penetra o Uaupés. Tudo é novo e portentoso para aquela visão perscrutadora. Agregado à expedição de Dionísio de Cerqueira, examina outros itinerários, anotando, de lápis na mão, as imprevistas magnificências das regiões banhadas pelos rios Branco e Negro. Depois, descerram-se para os seus olhos deslumbrados os panoramas do rio Madeira. Acompanha, em seguida, o grande Barbosa Rodrigues, e vai tentar a catequese dos valentes Crichanás, que assolavam Moura e causavam o pânico nos arredores. Viveu-lhes na simpatia e conquistou-lhes facilmente o afeto. Mais tarde, depois de breve estada no seu país, onde, na Universidade de Pisa, obtém a láurea de doutor em direito, regressa à América do Sul. Desta feita, no entanto, veio com o prurido dos descobrimentos. Disposto a fixar as verdadeiras nascentes do Orenoco, rumou para a Venezuela. Atra-

vessou La Guaira. Em Caracas, porém, onde esteve e foi recebido principescamente pelos representantes dos poderes públicos, aguarda-o decepção amarga. Um explorador francês mais apressado – Chaffanjon – propalava haver descoberto a sonhada nascente do Orenoco. Stradelli, baseado nas observações científicas que fizera anteriormente, não acredita nessa hipótese, procurando verificar *in loco* os fundamentos da notícia. O biógrafo do *In Memoriam de Stradelli*, como se tivesse à vista uma carta geográfica para estudar-lhe as latitudes e longitudes, segue ainda, pacientemente, os novos roteiros de explorador, até Manaus, onde, depois dessa penosa viagem, com a alma cheia de desenganos e inquietações, se deixa ficar por algum tempo. Não param, aí, todavia, as suas incursões à hinterlândia. Com Jacques Ourique retorna ao rio Branco, visita o Uaupés, e volta à capital, trazendo o canhenho abarrotado de notas. Nomeado para servir no Ministério Público, exerce apenas por alguns meses a sua junção, sendo, depois, sem que solicitasse, removido para a cidade de Lábrea. Dirige-se novamente à Itália, levado por interesses comerciais; e, logo após, convencido da ineficácia de suas tentativas, delibera volver definitivamente ao regaço da terra hospitaleira a que tanto se afeiçoara. Em Tefé, como promotor, na reclusão de uma existência de asceta, estuda, organiza, colige documentos, esmiuça manuscritos, redige notas, levanta plantas, desenha mapas geográficos, consulta autores e escreve monografias, na intimidade carinhosa dos livros, os fiéis companheiros de todas as horas, os únicos amigos que jamais o abandonaram. De repente, um revés inopinado, transmudando e atordoando o ritmo daquele inde-

fesso labor. Sobre o remanso desse fim de vida, a desmoronar esperanças e a desbaratar ideais, como se fora o golpe irônico de um dragão vingativo, desaba tremendo infortúnio. Stradelli sente-se destroçado pelas arremetidas de atroz enfermidade, que faz arrepiar de horror aos que dele se aproximam. Todos lhe fogem e tudo lhe falta na solidão de sua casinha, construída no visio de uma colina verdejante. Jungido ao pelourinho do destino, isolado, desprezado dos homens, acossado por todas as desventuras, decide alcançar Manaus, para sepultar-se, ainda com vida, nos silêncios e na angústia do Umirizal, sem ninguém a seu lado para receber-lhe a confiança dos exílios voluntários.

Essa vida, que o sr. Luiz da Câmara Cascudo reproduz em dois traços impressionantes é, por assim dizer, a refração prismática de sua obra dispersiva. Sem ser um realizador ou um homem de gênio, Ermanno Stradelli tinha pela nossa terra uma desmedida fascinação; e conseguiu, por essa forma, com os adminículos de uma experiência demorada, coordenar um mundo de observações pessoais, para fixá-las em uma obra que estaria desaparecida para sempre, se o desvelo de um grande historiador e biógrafo, na mais piedosa das homenagens, não a rebuscasse por toda a parte, explicando-a e definindo-a à luz de conceitos que lhe traduzem a amplidão e o descortino espiritual, para situar o seu autor, justiceiramente, no lugar que lhe é devido na galeria dos escritores da Amazônia.



Exaltações da poesia tropical

No pórtico do livro de versos, que fez a glória de um poeta, está inscrita uma lenda reveladora:

*À sombra de um igapó escuro e parado,
branca como as areias e as espumas,
e mais triste que um gesto de adeus,
com a forma de uma vitória-régia imensa,
desmaiada de indiferença,
eu florescia...*

*Tupã, uma noite,
olhou-me com os olhos de luar
e se enamorou de mim.*

*E, numa fala que lembrava a suavidade
do riso das águas,
correndo sobre pedras, disse:*

*'És triste e bela. E por isso
Terás a glória suprema,
que é maior que o triunfal poema
que canta o irapuru em voz tão clara.
Toma a pedra muiiraquitã,*

*desce ao fundo dos rios:
vais ser Iara'.*

Depois...

*Numa hora de encantamento e beleza,
com os cabelos enfeitados de aguapés
e no corpo o fascínio dos mistérios,
prendi a alma ingênua de um mariujo incauto.
E o deus lendário da Amazônia,
sentindo o amor palpitar no meu canto,
voltou a me falar.*

*Nesse dia os seus olhos
tinham lampejos de sol
e a voz o ressoar da pororoca:*

*'– Não mereces mais a glória de ser Iara,
Não ficarás aqui nem um dia sequer.
Vais receber o teu castigo.
... e transformou-me em mulher'.*

Embora transfigurada em mulher, punição injusta com que Tupã pretendeu castigá-la, Violeta Branca não perdeu o prestígio das Iaras. Como se fossem os reativos de uma força misteriosa e oculta, os seus amavios persistem cada vez mais inebriantes e inelutáveis. Era mulher quando, tangida pelos sortilégios do muiraquitã, desceu ao fundo dos rios, por imposição do deus selvagem, enamorado dos seus encantos. Qual a culpa que lhe cabe,

se o marujo desprevenido não soube se premunir contra as seduções e os malefícios da sua beleza? Mulher, antes de tudo, profundamente mulher, da cabeça aos pés, nada mais natural que, como todas as mulheres, houvesse sentido essa tragédia da alma, onde se encontram em conflito as aspirações instintivas do coração e as exigências do espírito que quer viver acima da vida. Não se iludem os deuses quando julgam que o amor seja um privilégio da divindade? Violeta Branca era mulher e, para completar a harmoniosa estrutura dos seus ademanos, não lhe faltaram sequer a inconstância, a versatilidade e a inteligência de todas as mulheres. Por que, então, infligir-lhe qualquer punição? Antifilos, aquele delicioso sátiro romântico da criação de Remy de Gourmont, afirmava que os deuses milenários têm sempre a juventude dos seus desejos e os desejos de sua juventude. Ora, se a mocidade é sempre generosa, ela não devia temer que os deuses, ainda que atraídos, descessem sobre a terra para trucidá-la com a sua cólera sagrada. E se, porventura, são vingativos, por que os deuses, quando amam, se transformam em homens, que lhe importava a crueldade dos seus desígnios? Possuía o prestígio das fadas que, com imunizá-la contra as insídias dos homens, a tornavam também inacessível à vindita dos deuses. Foi a sua imaginação criadora que nos seduziu. Estou persuadido de que somente as fadas não precisam de ter sobre os homens aquela superioridade que resulta da predominância da linha curva e de sua continuidade. Não era de mister que ela ostentasse a forma, o perfume e a volúpia da mulher para ficar irresistível. Tinha mais do que tudo isso. Por intermédio dos símbolos de uma arte sobrenatural, inerente às criaturas inumanas,

já nos revelara muitos dos segredos do seu fascínio. Porque nasceu nas florestas bravias do sertão amazônico e viveu nos lagos silenciosos dos recôncavos da planície, a sua alegria é a das cachoeiras impetuosas do rio oceânico. A voz, que nos embriagou, tem o ritmo das águas rolando sobre as pedras. Os seus olhos são dois muiquitãs com a fosforescência dos olhos das onças. Os seus cabelos, de fios maravilhosos, têm o reflexo do sol na escuridão das matas e o perfume agreste das orquídeas. O seu riso tem a suavidade das espumas. O talismã dos seus encantos já deixou que o descobríssemos, por entre a redolência das estrofes peregrinas. Não é esse, porventura, o privilégio das fadas? Tão enternecedora indiscrição revelou aos que vivem na Terra, no muladar dos vícios e dos pecados, os triunfos esplêndidos da sua plástica. Assim, pela beleza e pelo castigo que lhe infligiu Tupã, teve o destino de Melusina, “a filha de Oberon e da linda princesa Adira, soberana da ilha dos Helianthos, que foi tragada pelo mar, por vingança de Titânia”. Quem não conhece o mistério da lenda? A fada, “cujos beijos da sua boca apagavam os vestígios do tempo e faziam volver à mocidade a mais engelhada velhice”, disfarçou-se em mulher e recebeu em matrimônio o conde Orlando, senhor de Monteverde, que se apaixonara pelos seus olhos e que morria de volúpia entre as suas carícias. Fizera-o, todavia, impondo ao fidalgo uma condição desesperada para os que amam: uma vez por semana, absolutamente só, subiria à ogiva do castelo, na desobriga de enigmática incumbência. Anos se passaram de venturas indefiníveis. Um dia, porém, desvairado de ciúme, o conde não suporta mais a tirania da condição, esquece o juramento e

procura desvendar o segredo tenebroso. Espreitando por uma das frestas da porta da torre, os seus olhos assombrados não acreditaram no que viram. Melusina, a sua esposa amada, era metade serpente, e se rebojava em espirais colubrinas, deixando ver apenas os braços desnudos e a beleza incomparável do seu rosto. Quebrara-se o encantamento. A fada sumira-se, aos gritos de dor, abandonando para sempre o conde Orlando, que enlouquecera de espanto. Um poeta nosso, referindo-se à lenda e à sua lição amarga para os ciumentos, relembra o epigrama de Heine, que julgava imensa a felicidade do fidalgo, cuja mulher era apenas metade serpente, quando as outras, na perfídia, eram serpentes no corpo inteiro. De onde se deve inferir que o destino das fadas é diferente do das mulheres, de vez que não sofrem o epigrama dos poetas. E porque também é fada, ainda que com o capricho humano e bem feminino de viver por alguns instantes no contato dos mortais, tive a lembrança de exortar as Musas, filhas de Zeus, para cortejar esta sílfide amada dos deuses e dos poetas, que, como Apolo, empunha a cítara maravilhosa. Fui procurá-las, por uma graça divina, e encontrei-as, as sete Musas furtivas e vaporosas, dispersas nos vales frescos do Hélicon, à beira das fontes de águas polidas como espelhos. E as Musas amorosas, embaladas pelo ritmo súplice do meu apelo, vieram comigo, contemplaram e sentiram o milagre da beleza e da inteligência, aspirando o odor de ambrosia do seu hálito perfumado. Todas acorreram para saudar a Musa ardente da Amazônia, que se desgarrou de uma página de Ludovico Ariosto, a perturbadora Iara, inspiradora das lendas de nossa terra, meiga, e sussurrante fada Ninete que, como Siegfried, com-

preende e traduz a linguagem dos pássaros. A sua aparição desvanece as fantasias das lendas. Os poetas pintaram-na singularmente esquisita: “Uma fada enorme, gigante, de cabelos úmidos e verdes, de olhos de ouro, que desponta nua, nas pedras altas dos rios, ao luar claríssimo, alisando as tranças com um pente crivado de esmeraldas, todo ele luminoso, feito de rádio...”

Desse modelo, talvez, eram as bruxas walpurgianas ou as feiticeiras anacrônicas de Grim e de Andersen, das eras imemoriais da princesa Badrul. Que diferença para as fadas de hoje! É certo que ainda vivem em adoração, tanto das virtudes que lhe vêm do objeto adorado, como de si mesmas. Mas têm outro porte e outra concepção da vida. E quando, pela cegueira dos deuses ou por imposição dos destinos, se abalançam a descer até às desprezíveis contingências terrenas, já transformadas em mulher, sobremaravilham pelo espírito e pela beleza.

* * *

O exemplo é essa poetisa encantadora, que, além do fascínio das fadas, tem o privilégio da inteligência humana. Dir-se-ia que o seu espírito luminoso é a reação da mulher contra as invectivas e as falsidades dos seus detratores, julgando-a incapaz de ascensões mais transcendentais. Porque de nada tem servido a continuidade do esforço feminino, através dos séculos, idealizando e realizando uma obra de grandeza e de perfeição. Se, em verdade, vão sendo compreendidas e justificadas as suas reivindicações sociais, as suas ambições profissionais, os seus anseios emancipadores, bem ao revés, tudo se

tem feito, sistematicamente, odiosamente, para destruir as suas mais legítimas aspirações literárias e científicas. É certo que as mulheres se masculinizam *à outrance*, forçando a porta de quase todas as atividades intelectuais, na política, no parlamento, na advocacia, no magistério, nas profissões liberais. As suas conquistas, porém, julgadas desde logo em contradição profunda com as tradições da sociedade e com as exigências de sua sensibilidade natural, não foram devidamente compreendidas. Contesta-se-lhes a capacidade de ter idéias e não se admite que as diretrizes de sua inteligência se desviem para horizontes mais dilatados. A crueldade dos homens desnatura-lhes os propósitos, corrompe-lhes o sentido magnífico do idealismo construtivo, sente prazer em diminuir-lhes o valor e a superioridade das criações. Negam à mulher a centelha animadora, e não concedem que o seu talento, na vaga hipótese de uma existência problemática, apresente o vigor e a plenitude do talento masculino. Valéry, julgando-a apenas “parfum et poison”, recusa-lhe peremptoriamente quaisquer requisitos espirituais que a tornem suscetível de sobressair nos domínios do pensamento. Jean Larnac, pseudônimo de ilustre escritora francesa, refere que Bischoff, célebre professor da Universidade de São Petersburgo, considerava as mulheres impotentes para os trabalhos intelectuais, por terem o cérebro demasiadamente pequeno. Para confirmar-lhe a teoria, exigiu o cientista russo que o seu, depois da morte, fosse pesado. Concluída a autópsia, verificaram os médicos presentes, profundamente desapontados, que o cérebro do sábio era inferior de cinco gramas ao peso médio do cérebro feminino.

Contra a inteligência da mulher se levantaram os mais acerbos e injustificados requisitórios. Alguns, como Joseph de Maistre, proclamam que não existe uma obra-prima universal que lhe perpetue a eclosão do gênio. Outros mais implacáveis, como Lanson, estão persuadidos de que a mulher outra coisa não faz na vida senão multiplicar as provas de sua infatigável frivolidade, que se lhe equivale à infalível mediocridade. A mulher não tem o direito de pensar. Nasceu apenas, no conceito dos que lhe não acreditam senão nos predicados da inteligência, para a adoração do homem e para as exaltações do amor. Outorga-se-lhe, às vezes, por influência de sua beleza e da sua doçura, a função de inspiradora dos grandes momentos da arte dos mestres da humanidade, a chama ardente que lhes serviu de modelo às telas mais perfeitas, a misteriosa balança onde se pesam os destinos humanos. E, no entanto, quantas vezes a mulher, por essa forma tão obstinadamente relegada à sombra, não iguala, ou mesmo não extrapassa o homem, com a afirmação de uma inteligência capaz de realizações de alcance social e intelectual de maior envergadura? Na floração imensa das literaturas de todos os países se encontram os sulcos de sua passagem, os vestígios do seu esforço mental, os relevos impressionantes de sua obra. Mesmo nos domínios áridos da ciência. Mme. Curie é o desmentido formal da inaptidão da mulher para as pesquisas de laboratório, onde se estudam os fenômenos da vida e da morte. E desmentido mais siderante, Helena Petrovna Blavatsky, a russa genial, cuja mentalidade assombrou o mundo, tais os seus conhecimentos teosóficos e a sua obra sobre cosmogêneses, antropogêneses e a ciência em geral.

Através de todos os ciclos da literatura francesa, de modo particular, fulgura o espírito dessas mulheres incomparáveis, que fizeram ressoar toda a gama da sensibilidade humana, por intermédio da arte e do pensamento. Não me demorarei em descrever-lhes o perfil, de suas origens mais remotas ao esplendor de nossa época. Seria uma tarefa interminável a de mostrar os aspectos numerosos da inteligência dessas criaturas excepcionais, que tinham a paixão da glória, e que viveram, frementes e iluminadas, irradiando por toda parte a tradição de clareza, harmonia e equilíbrio da língua francesa, Sainte-Beuve gravou-lhes a máscara e o rosto nas páginas sempiternas de *Portraits de femmes*. Mme. de Sevigné, Mme. de La Fayette, Mme. de La Rochefoucauld, Mme. Stael, as mais luminosas da galeria, aí passam e repassam, por entre a relevância de suas obras, sob a impulsão da inteligência e da sensibilidade. Adstrito à técnica característica dos seus processos de crítica, o mestre dos *Lundis* revive-lhes a vida e as idéias, destrinchando as suas complicadas genealogias, para descobrir a herança psicológica que lhes influenciou as obras e os destinos.

Há outra mulher, situada em tamanha altura nas letras francesas, que só o seu nome bastaria para evidenciar que a inteligência feminina é capaz dos maiores surtos. Refiro-me a George Sand, a voluptuosa Aurore Dupin, que os desbragamentos sensuais não impediram de ser a maior escritora do século em que viveu. Consagraram-na as mais eminentes autoridades da crítica do seu tempo. Aludindo-lhe à eloquência do estilo, Taine não teve dúvidas em julgá-la uma prosadora *hors de pair*, considerando-lhe o estilo “tão grego como o de Goethe, com a

diferença que os versos do poeta alemão pareciam imitados de Homero, e as descrições de Sand inspiradas em Xenophonte”. Edmond Jáloux, que é uma das mais altas sumidades críticas da França contemporânea, e cujos méritos lhe impuseram o nome aos sufrágios da Academia Francesa, onde acaba de ingressar triunfalmente, definiu em duas palavras o seu pensamento sobre o valor da grande romancista, tendo-a como *le plus grand romancier français du dix-neuvième siècle, après Balzac, Stendhal et Flaubert*.

E não esquecer, tratando das grandes inteligências da França, a figura dolorosa de Marcelline Desbordes Valmore, que era a própria poesia, no dizer de Sainte-Beuve, e que, em Baudelaire, pela arte, pela sensibilidade, pelo sofrimento, “foi mulher antes de tudo, foi sempre mulher e não foi, absolutamente, senão mulher”.

Existe uma outra figura na história da literatura feminina francesa, que pode servir de exemplo das possibilidades desmesuradas do talento da mulher. É Mme. Louise Ackermann. Essa não era apenas uma sacerdotisa das Musas, como Marcelline Valmore. Os seus pendores vivos para as ciências naturais e para a filosofia, a sua admiração por Nietzsche, Schopenhauer e Augusto Comte, conduziram-lhe a inteligência para as encruzilhadas perigosas da arte de pensar, para o domínio das concepções transcendentais e das noções abstratas, que pareciam inacessíveis à capacidade cultural da mulher. Ao seu lado, seguindo-lhe os mesmos rumos, destaca-se a personalidade de Daniel Stern, pseudônimo masculino de Marie de Flavigny, que foi uma das maiores pensadoras daquela época.

E que legião de figuras curiosas, talvez de menor projeção, não mostrou a superioridade do espírito da mulher em outras manifestações do pensamento? Na filosofia, na sociologia, na história, na pedagogia, nas ciências morais e políticas. Todas elas – e não me proponho a enumerá-las, que seria longa a nomenclatura, – se esforçaram pela glorificação do seu sexo. E por que não evocar, desde logo, as mulheres deste século, que vieram do fim do século passado, e ainda hoje são o índice da inteligência feminina na França contemporânea? Rachilde, cujo romantismo extravagante e fantasmagórico fizera com que Barrès a cognominasse de Mademoiselle Baudelaire, a surpreendente Colette, a maliciosa Gyp, Marcelle Tinayre, Lucie Delarue-Mardrus, Gérard d'Houville, pseudônimo da filha de Heredia, Myriam Harry, que Lemaitre tanto admirou, – formam uma galeria de escritores e romancistas que honrariam qualquer literatura. E as poetisas de França? Não vos citarei o nome de nenhuma delas, para resumir-lhes o esplendor na figura magnetizante de uma só – a condessa de Noailles, grande entre as maiores, seiva admirável e fecunda, essência fina e requintada da arte, do gosto, da flexibilidade, da originalidade do espírito francês.

Mas a minha insistência em aludir apenas à literatura de França, deixa supor que somente às suas escritoras deve a mulher o nobre conceito que merece em todos os ramos do conhecimento humano. Sem persistir num louvor que pareça descabido, ousou afirmar que na literatura de todas as épocas e de todos os países o esforço intelectual da mulher se tem manifestado, a todos os aspectos, com a mesma harmoniosa vibra-

ção. Gina Lombroso, por exemplo, não é a prova da evolução cultural da mulher, na Itália? A escritora norueguesa Sigrid Undset e a romancista sarda Grazia Delledda, ambas coroadas com o prêmio Nobel de literatura, não atestam que a inteligência da mulher pode atingir, muitas vezes, a culminância que o espírito do homem não conseguiu escalar? E como não referir, nesta oportunidade, o nome de Carolina Michaelis, a notável publicista lusa, cujo vasto saber, especializado dentro dos problemas da filologia e das literaturas comparadas, constitui um patrimônio de cultura na história literária de Portugal?

E as mulheres do Brasil, as figuras femininas que enchem de glória as nossas letras?

Entre nós, evidentemente, não existe a floração magnífica de mulheres propriamente intelectuais, que exsurge nos anais literários de qualquer outro país, sobretudo da França, onde é, sem analogia, a sua preponderância. Seus princípios de moral e de fé religiosa, sua vida afetiva, suas inclinações domésticas, tudo isso levou a mulher brasileira a desconfiar dessas atitudes complexas das escritoras e das artistas, que lhes interpretam de modo diferente os desejos e as aspirações, fazendo-a, conseqüentemente, abdicar das situações que devia preencher no universo do espírito. Por esse motivo, e jamais por incapacidade essencial ou deficiência de cultura, a sua contribuição nas letras tem sido relativamente pequena, ou quase negativa. Em nossa literatura feminina, a rigor, não há nomes de prestígio universal, nomes de criaturas de exceção, que resistam à impiedade destruidora dos séculos. Mas existem, compensadoramente, grandes figuras que teriam realce na história de qualquer lite-

ratura. A da senhora Carolina Nabuco, citaríamos para logo, se nos exigissem a comprovação imediata de tais assertivas. O livro notável em que recorta, na eloquência de traços admiráveis, a biografia do glorioso escritor e diplomata que foi seu pai, é obra definitiva. Concebida e realizada com o equilíbrio e a impessoalidade dos que se compenetraram de que a crítica redundava em severa magistratura, quando há consciência, elevação e sinceridade de julgamento, ficará como um depoimento expressivo da inteligência e do espírito da mulher brasileira. Também o nome da senhora Lúcia Miguel Pereira, de extraordinária irradiação, que honra a galeria das mulheres escritoras e romancistas da nossa época, resistiria fulgurantemente às controvérsias da crítica. O romance *Em surdina*, e o seu livro sobre Machado de Assis, que lhe revelam as harmoniosas belezas do espírito, bastariam para destacá-la como um dos maiores valores mentais da nacionalidade. Albertina Bertha, discutidíssima embora, é outra escritora que, com a *Exaltação*, suscitou para a sua arte os mais desencontrados juízos. E Maria Eugênia Celso, manifestação de um talento singular, que se desdobra numa brilhante variedade de aspectos.

Que outros nomes lembrar, ainda, neste rápido bosquejo, em louvor da inteligência da mulher brasileira? Das figuras de gerações anteriores, a meu entender, apenas o de Júlia Lopes de Almeida, que, no romance, soube patentear, com indiscutível superioridade, o vigor, o engenho, a imaginativa, a curiosidade do espírito feminino; e o de Francisca Júlia, na poesia, revelando, por entre as fulgurações de seus *Mármares*, o temperamento de um dos maiores artistas da época em que floresceu.

Todavia, é muito mais exuberante a nossa flora poética, Não intento aludir, é claro, à farândola desconcertante das versejadoras históricas e medíocres que, à sombra dos dislates de um falso modernismo, e numa linguagem referta de cacologias, do mesmo passo corrompem e desmoralizam a arte e o idioma. Refiro-me aos verdadeiros intérpretes da nossa alma e dos nossos sentimentos interiores, aos grandes emocionados da beleza, artistas de inspiração e sensibilidade, para os quais a poesia não é uma inútil exteriorização. A inteligência da mulher aí é representada por um tríptico radioso: Cecília Meirelles, cuja poesia, no dizer do sr. Andrade Muricy, “é feita de floração ascética, de grande solidão interior, de um travo de cinza”, Rosalina Coelho Lisboa, a gloriosa artista do *Rito pagão*, que “sabe sentir até o infinito a beleza das coisas e a majestade das idéias”, como afirma o sr. Múcio Leão, fixando-lhe o retrato com aguda penetração. A superexcitante Gilka Machado, dos deslumbramentos de *O meu glorioso pecado*, que se fez “a bacante dos trópicos e jamais o sol, a floresta, o oceano, conheceram uma sacerdotisa sem dogmas e sem ritos que os celebrasse com tal fervor e, por vezes, com tamanho furor”, segundo o conceito autorizado do insigne Agripino Grieco, cujo elogio vale por uma credencial para a posteridade.

Esses nomes sintetizam o que há de grande e de admirável na poesia brasileira destes dias. Poderíamos ainda, sem nenhuma indulgência, revelar o de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, que é também uma das nossas Musas favoritas, com a expressão musical e comovedora dos seus versos, que tanto refletem o enlevo dos poetas.

Na Amazônia, pode-se dizer, Violeta Branca é a poetisa supersensível e reflamejante que lhe domina os horizontes da literatura. Todas as paisagens de sua natureza, todos os matizes de seus coloridos, todos os aspectos de suas transmutações vertiginosas, foram transportados para a exaltação febril dos seus poemas, nas formas numerosas e imprevistas que lhes embelezam os contornos.

Ritmos de inquieta alegria é um livro de delicadezas. Dentro das suas emoções se desdobram os refolhos de sua alma de artista e em cada uma de suas páginas, na metamorfose das imagens transbordantes de vida, sente-se a calentura, a dormência, o estuo, o ímpeto, o frêmito voluptuário dos trópicos; e, simultaneamente, os frêmitos secretos e os ímpetos bravios de uma alma, as angústias de um coração, o frenesi dos espíritos que a inquietude convulsiona. Sim, porque tudo na sua poesia é ansiedade e inquietude. Não aquela inquietude que é cepticismo e ausência de fé, que é insatisfação e tendência para os sofrimentos intelectuais, morais e metafísicos, mas a inquietude estética de que nos fala Daniel Rops, infundindo-nos à alma um sentimento raríssimo e que não encontramos senão nos artistas que trazem consigo "l'ardente blessure du génie". Outro aspecto da arte de Violeta Branca que muito nos seduz, é a indisciplina de suas modalidades, o desregramento espiritual de suas concepções. E que significa esse desregramento, senão a vontade de penetrar a natureza, com o desejo de se ver vio-

lentada pelo seu mistério? E de onde vem essa indisciplina, que traduz, a toda evidência, uma das formas características da sua própria sensibilidade, senão da emoção intelectual e um pouco sensual que lhe excita a imaginação de poeta, com o desejo irrefreado de sentir, de perceber, de descobrir a inconsciência das coisas? É visível, de verso para verso, o anseio que experimenta de exprimir-se totalmente, de transmitir, sob emoções diferentes, os seus estados de consciência mais sinceros. Há poemas, nesse livro, com tão dilacerante acento pictural, e de tamanha intensidade evocadora, que parecem um "lavis" de Léon Wack. Somente na acuidade psicológica desse pintor eslavo, que, reproduzindo as feições de Rimbaud, fez o milagre de fixar na tela as nevroses do seu temperamento, iremos encontrar um modelo similar da profundidade introspectiva da sua visão de artista. Há, paralelamente, outros versos, de relevos bruscos, de inquietação desesperada, que dão a lembrar as violências de uma estampa de *Los caprichos*, da concepção satânica de Goya. Há ainda outros, enflorados de beleza, que revelam apenas a graça idealizante de um sorriso. E outros mais, de ritmos indefiníveis, conto em *Mundo novo*, onde a vida rebrilha "como uma deslumbrante maravilha de músculos, sangue ardente e energia". Às vezes, ao revés, na carícia sensual dos ritmos harmoniosos, como em *Poema de sol*, transparecem, na agitação dos seus nervos, que são "feixes de sol", os estados inquietos do desejo e da libertação, "a ânsia de transpor o infinito da distância". O mar, esse "estranho Leviathan verde, formidável pássaro selvagem, que leva em suas asas imensas,

através do mundo, turbilhões de pérolas e turbilhões de música”, assim como, no *Missal*, o definiu a hipérbole esfuziante de Cruz e Sousa, foi o maior inspirador dos seus poemas. Sobre todos os sentimentos, predomina a paixão do mar. O seu panorama, no verde-glaucos das águas revoltas e mucilaginosas, vive nos seus versos e palpita nos torvelinhos de sua imaginação afogueada. É curioso notar que nas linhas suaves de várias de suas produções – *Oração ao mar*, *Motivo*, *Marinha*, se fixam os ardores desse encantamento. Em *Nostalgia do mar* – ela considera-se “uma vela perdida na grandeza infinita do oceano, a emoção esquecida de um porto, que ficou em névoas, na distância”. Em *Poema de amor marítimo* – “uma onda que se desfaz em espumas de carícias, na praia branca”. Em *Afrodite* revela que o seu corpo, a sua arte e a sua sensibilidade nasceram do mar. De fato, aos influxos das perspectivas marinhas e pela sugestão do oceano, na rebeldia de suas ondas e no esplendor de púrpura dos seus ocasos, se espiritualiza cada vez mais a emoção dos seus poemas, inflamados de ardência tropical. Os estádios ascensionais da existência, que lhe perturbam os sentidos, estão descritos em *Festa*. Mais além, nas estrofes da *Vida triunfadora*, onde recendem os aromas fesceninos dos versos de Gilka, quer ter a alegria de sentir, de plasmar em cada um de seus gestos, comunicando-se à carne, a ardência do sol e, no sangue, “cintilarem as faúlhas do entusiasmo, da saúde e da exaltação!” Nos fervores de *Oferenda*, uma jóia de apuradíssima cinzelatura, existe “toute la tiédeur et tout le parfum de son corps de femme, et l’élan harmonieux de son

désir de l'homme", assinalados por Jean de Gourmont, quando estudou a obra poética da francesa Hélène Picard. Refugiam-se no seu pensamento todas as sutilezas da inquietude amorosa:

*Quero ficar na tua vida
como uma flor original e sugestiva
sobre as águas de ouro de um lago quieto.*

*Quero dar-lhe a emocional revelação
da beleza maravilhosamente viva,
do perfume secreto
das minhas formas de flor e de mulher.*

*Quero decorar a tua vida
de luz, de sonho, de harmonia e perfeição.*

*Na tua vida,
quero ficar inesquecida
como um grande beijo,
como uma deslumbrante flor de inspiração
aberta ao sabor da volúpia do teu desejo...*

Nada mais seria preciso aduzir, depois desses testemunhos inumeráveis e rutilantes do talento de Violeta Branca, para deixar no relevo de traços vivos a fisionomia moral e estética da sua inconfundível personalidade de artista, das que mais honram e enobrecem a poesia amazônica destes dias.

No livro de estréia do sr. Djalma Batista, escritor novo da Amazônia, talvez dos mais novos e dos mais lúcidos de sua geração, existem certos aspectos relevantes, que o recomendam desde logo. O estilo, antes de tudo, que é límpido e corrente, imprimindo às idéias exuberância e vivacidade. Depois, há a assinalar o equilíbrio do seu espírito, já acostumado a raciocinar e a deduzir como se estivesse em plena maturidade; e o desenvolvimento de sua inteligência, a que preside uma disciplina mental onde se lhe reconhece de pronto o lastro de cultura e o conjunto orgânico de elementos que preponderaram na sua formação humanística. Antípoda de quantos se iniciam na vida literária perpetrando frioleiras rimadas ou sem rima, é fácil de verificar, no seu processo de evolução, quanto lhe é admirável a capacidade de resistir às influências nocivas e de fugir à servidão da rotina. Só procura estímulos e incentivos quando os julga capazes de lhe trazerem uma impulsão fecunda ao pensamento, ampliando-lhe os horizontes e des-

dobrando-lhe as perspectivas. Nas energias criadoras do seu espírito há uma consciência profunda das inquietações de nossa época, assim na curiosidade com que, pelo estudo e pela meditação, intenta solucionar a complexidade dos seus problemas e desvendar os seus fenômenos sociais e políticos, como na preocupação de condensar, assimilar e irradiar as idéias em movimento, acompanhando-lhes as múltiplas e variadas mutações. Doutorando em medicina, com um tirocínio acadêmico dos mais brilhantes, as exigências dos seus labores científicos não o inibiram, entretanto, de estender o raio de sua inspeção cultural através de determinados setores da atividade construtiva, examinando-os com a mesma solidez e amplitude de visão. De modo especial, no setor estritamente literário, onde a sua excepcional faculdade de compreensão converge sempre para um ideal definido e concreto de beleza e de harmonia. Agora mesmo, desviando-se dos moldes gastos e das praxes consuetudinárias, acaba de publicar um livro interessantíssimo sobre as elites intelectuais do Amazonas. Pode-se dizer que é uma nova tentativa auspiciosa, realizada em proveito da difusão dos nossos valores mentais. Não se trata, porém, desta vez, de uma obra de ficção e fantasia, no gênero das inúmeras que por aí fracassam, abarrotando as montras das livrarias, e nas quais os seus autores, alguns de aptidão restrita e de filáucia desmedida, têm a ilusão de descobrir novamente, exaurindo um filão por demais exaurido, os aspectos fisiográficos, as paisagens, os costumes, as anomalias e as singularidades do rincão portentoso que o gênio de Euclides celebrou, esmerilhado, depois, simultaneamente, por exploradores insignes e por audazes mistificadores. O sr. Djalma

Batista, ao contrário, preferiu revelar inteligências. Objetivando enquadrar em molduras fixas os diferentes ciclos da mentalidade amazônica, particularmente do Amazonas e do Acre, este último a terra do seu nascimento, o novel e já fulgurante escritor conseguiu, de súbito, transmutar a conferência despretensiosa, proferida num cenáculo baiano, no ensaio vigoroso e proficientemente estruturado, que aparece em volume. Através do poder de síntese que, além da sedução do estilo e da segurança das idéias, é um dos maiores enlevos desse livro, aí desfilam num cortejo imenso, em evidente desproporção com a exigüidade da ambiência intelectual, as figuras literárias que, no passado, floresceram no Amazonas e, no presente, lhe constituem os florões dourados da inteligência. Não se lhe pode negar o cuidado extremo em evocá-las e retratá-las com o empenho louvável de não desvirtuar-lhes a verdadeira fisionomia. Na promiscuidade de mestres e discípulos, estão consignados nessa rápida estatística o nome e o esforço de várias gerações de escritores amazônicos, vistos, sentidos e analisados no ângulo entusiástico das simpatias e das admirações do seu autor. Não desejo correr o risco, deveras perigoso, de apreciar o acerto ou desacerto das predileções do sr. Djalma Batista, de vez que me exporia, a mim próprio, antes de mais ninguém, às rigorosas severidades de um autojulgamento. Ainda assim, levando em conta não só a orientação geral como a sinceridade dos conceitos aí expendidos, é transparente o intuito do ensaísta quando estabelece no seu trabalho a técnica inerente à crítica dos valores reais. Seja como for, tendo conseguido ou não essa generosa finalidade, por entre as páginas do seu livro, ressuscitam, arrancados à poeira do esquecimento, os pioneiros

literários de diferentes épocas, focalizados sob a influência direta das correntes de pensamento que atuaram sobre as tendências de cada um, refletidas na imprensa e nas obras que ainda perderam, resistindo heroicamente às devastações do tempo. São nomes tradicionais na história literária do Amazonas, alguns dos quais já esvanecidos com o decorrer implacável dos anos, vão encontrar, afinal, um refúgio amorável à sombra do espírito desse jovem e sorridente animador de espetros.

* * *

Estou convencido de que o autor de *Letras da Amazônia*, prosador sem veleidades nem pedantismos, não poderia ter suposto que nas páginas breves do seu formoso ensaio estivesse a nomenclatura integral dos escritores amazônicos, ou que passaram pelo Amazonas, em todas as épocas, sem omissão de um só. Nem era possível fazê-lo, por circunstâncias compreensíveis e inevitáveis. Todavia, no caso dessas lacunas, uma justificativa deveria ser invocada: a idade do autor. O sr. Djalma Batista – refiro-me à idade biológica – é um escritor muito moço, quase adolescente, e que, apesar disso, poderia enfileirar-se na *equipe* de Brasillach, o reputado crítico francês, que, numa estonteante precocidade, com pouco mais de vinte anos, dominava a sua geração e fazia autoridade nos jornais e hebdomadários de maior prestígio de Paris. Assim, do mesmo jeito, não hesito em afirmar que, pelo descortino do pensamento e desenvoltura do raciocínio, o jovem ensaísta amazônico desponta na vida literária já de cabelos brancos, como Baudelaire, que, no verdor dos anos, pensava e escrevia

com a agudeza e a intuição dos homens encanecidos no convívio das idéias. Porque ninguém ignora que há moços que nunca o foram literariamente, como existem velhos que, reciprocamente, na senectude enregelada, parecem mancebos inexperientes, tal a fragilidade de suas realizações, que dão a lembrar a crosta pedregosa de um arcabouço cubista, no vazio de sua estrutura estética. Quando, porém, invoquei a dirimente da pouca idade, para isentar de culpa o escritor, pelas falhas havidas no seu trabalho, foi com a convicção de que o sr. Djalma Batista não conheceu, nem poderia ter conhecido, alguns dos intelectuais que, também como “aves de arribação”, embora esquecidos na sua resenha, permaneceram e deram ao Amazonas, por anos sucessivos, as luzes, a frescura, o vigor, a vitalidade de suas inteligências. É certo que, por dispersivos e despreocupados dos arestos da posteridade, jamais cuidaram de fixar em volume as suas elucubrações de ordem mental. O livro, em última análise, seria indiscutivelmente o índice informativo do historiador literário, que fosse legitimar-lhes a justeza da nomeada. Com a inexistência desse depoimento e de outros elementos de valor probante, acumularam-se os obstáculos, impedindo assim a consecução de um trabalho completo de pesquisa, pelo qual se pudesse formular um juízo seguro sobre a mentalidade dos homens de inteligência que nasceram ou que viveram transitoriamente em terras da Amazônia, aliás, o sr. Anísio Jobim, considerado, a justo título, por sua ilustração e por seu espírito investigador, um dos amazonólogos de maior conceituação da hora presente, foi compelido a incorrer nas mesmas faltas, quando, em idêntica tentativa, através de esplêndidas pinceladas, procurou esboçar a visão

panorâmica dos homens de letras e de cultura do extremo norte. Tanto um como outro valeram-se da tradição oral, nem sempre justa e verdadeira, por isso que, no ritmo comprometedor dos sentimentos e das paixões do tempo, seria suscetível de subverter, anular ou hipertrofiar a determinação e o sentido dos valores. Destarte, sem nenhuma intenção preconcebida, ficaram no olvido grandes nomes vinculados à vida intelectual do Amazonas, e que souberam, entre os seus contemporâneos, elevar-se pela cultura e pela inteligência, dignificando o meio em que viveram.

* * *

Não é possível rememorá-los a todos na vertigem destas linhas. Rememorar, na acepção de evocar, seria o mesmo que sentir-lhes, por entre as reminiscências cativantes de um contato íntimo e mais prolongado, tudo o que de humano, de expressivo e de comovedor houvesse na personalidade de cada um. Mas as figuras das gerações mais remotas, eu também as relembro compulsando arquivos e revolvendo jornais e papéis velhos. Não as conheci pessoalmente. O Dr. Aprígio de Menezes, o coronel Raimundo Salgado, o professor Marinho, o monsenhor Amâncio de Miranda. Esses nomes estão ligados indestrutivelmente à tradição da imprensa do Amazonas. Foram jornalistas de prol, de imensa projeção no seu tempo, e que nobremente empunharam a pena e deram o máximo de sua coragem e de sua inteligência em renhidas campanhas políticas. Como esquecê-los clamorosamente, desintegrando-os do quadro de valores da nossa mentalidade? De outras gerações menos

recuadas, há que destacar os nomes de Anibal Mascarenhas e João Barreto de Menezes. Esses ainda vivem, ao que me informam. O primeiro, soçobrado num vilarejo do Maranhão, onde se ocupa do preparo de compêndios didáticos para uso das escolas primárias; e o último, num voluntário retraimento, em Recife, escondido na sua modéstia e recordando as glórias do passado. Posto que ainda adolescente, eu os conheci de perto, a um e a outro, no começo da minha vida humilde de homem afeiçoado às letras. Mascarenhas era, então, diretor de um jornal situacionista – “A Federação”, e tinha lampejos de gênio quando escrevia. Temperamento feito para as asperezas da luta, os seus artigos diários revelavam-lhe a cultura, no escachoar de argumentos e de teorias que, não obstante o estilo desordenado e indisciplinado, impressionavam e desarvoravam os seus opositores, pela seriação lógica das idéias. Aprofundava todos os assuntos, fossem quais fossem as diversidades da matéria. Na polêmica era um demônio, tal a astúcia, a sagacidade e a penetração de suas investidas. João Barreto de Menezes, a seu turno, era, também, uma inteiriça organização de jornalista. Árdego e impávido na refrega, jamais esmorecia, por mais temeroso que se lhe defrontasse o adversário. Vi-o muitas vezes exposto aos obuses das trincheiras inimigas, na fúria dos embates políticos acerados, e tive a impressão de que, quanto maior a ofensiva, mais ardoroso e intrépido se mostrava o ânimo do preliador. Assim, na tribuna. João Barreto foi um orador surpreendente. E, coisa singular! Apesar de gago, quando conversava, a sua oratória era uma carretilha, que assombrava pelo tumulto e pelo imprevisto dos conceitos. Sinto verdadeira dificuldade em con-

frontá-la com a dos grandes mestres da eloquência no Amazonas. Nem o equilíbrio, a serenidade, a profundidade e a cintilação da oratória de Adriano Jorge. Nem o espetáculo universal da palavra de Leopoldo Péres. Nem o jorro luminoso e transbordante do verbo de Ramayana de Chevalier. Os discursos de João Barreto davam a sensação do inesperado, e deflagravam em círculos giratórios, descarregando os vapores acumulados do seu temperamento. Era uma vibração incandescente e trepidante, feita de coriscos e labaredas, de relâmpagos e de raios. Atordoava e deslumbrava. De uma feita, em campo aberto, teve pela frente Anibal Mascarenhas, numa polêmica de imprensa. Nessa pugna de mosqueteiros, um e outro portaram-se como titãs enfuriados. Em ambos, defendendo postulados antagônicos, dominavam as mesmas paixões nos seus ímpetos irrefreáveis. As investidas de Mascarenhas se convertiam em acutiladas mortais. O filho de Tobias revidava com a mestria dos esgrimistas de Verona. Mas quem lhe observasse a lâmina espelhante do florete, notaria que o sangue que borbulhava se transformara em fel. Ainda hoje, tantos anos depois, não sei qual dos dois levou vantagem nesse recontro singular, sem equivalente na história do jornalismo do Amazonas.

Justamente por essa época, florescia e dominava os círculos intelectuais da cidade um escritor boêmio, que era, a um tempo, excelente barítono, exímio tocador de flauta e poeta inspiradíssimo: Tecelino de Almeida. Como uma cigarra feliz e descuidada, sendo, na realidade, um grande desventurado, levava a vida cantando e fazendo versos. E que versos! Conservo ainda de memória um lindo soneto de Tecelino, que

podia emparelhar com os melhores sonetos líricos escritos em língua portuguesa. Não esquecer, da mesma forma, o nome de Trajano Chacon, mais tarde trucidado pelos janízaros da política pernambucana, e que por aqui, durante anos, no jornal e na tribuna de conferências, foi um aristocrata de alta linhagem espiritual. Em outros períodos mais próximos, já no tempo em que o sr. Sá Peixoto – fino gentil-homem da estirpe de Talleyrand – era o ás da política e a tal ponto amedrontava os seus adversários que, a uma simples escaramuça dos seus arraiais, os fantoches da imprensa local se depilavam e fugiam espavoridos, aportou a Manaus, e ergueu a sua tenda, um vexilário das belas cruzadas pernambucanas: Telesforo de Almeida. Alto, sangüíneo, bonacheirão, comunicativo, ninguém seria capaz de adivinhar tamanha e tão delicada sensibilidade naquele corpanzil de atleta. Devo a amizade que lhe tive à aproximação promovida pelo meu infortunado Anibal Teófilo. Telesforo, cuja prosa, no jornal, discorria morna e sonolenta, na tribuna, pelo contrário, era arrebatador. Discursando, ficava transfigurado, sob os impulsos da emoção que o sacudia, conseguindo trazer o auditório suspenso aos seus lábios. A riqueza vocabular, o alcândor das imagens, a ginástica dos tropos, a pirotécnica das metáforas e, sobretudo, a vivacidade da memória, o colocaram para logo no primeiro plano dos oradores do seu tempo, Araújo Filho admirava-o extaticamente. Heliodoro Balbi julgava-o alucinante, embora “destrambelhado”. Os seus discursos, na opinião do inolvidável campeador amazônico, apenas trovejavam, hipnotizando momentaneamente. Faltava-lhes a dialética da persuasão. Magnetizavam, mas não convenciam. Como

quer que seja, não se justifica que numa estatística de valores do Amazonas se relembra a figura teratológica de um João Barafunda, cuja vis satírica, resultante das fermentações alcoólicas, se resumia na habilidade de forjar o aleive que lhe servia de ferrão às contumélias insidiosas, esquecendo a de Telesforo de Almeida, grande, generoso, vertical, inclinado à retidão, sem atitudes mesquinhas, com o caráter retemperado pelo fragor das pelejas, e com a consciência de que vivera e iria morrer sem ter cometido nenhuma ignomínia em toda a sua existência.

Há, ainda, outros nomes, que nem sequer de relance foram indicados. O de Oscar de Paula Guimarães, por exemplo. Pois eu confesso que, nos meus caminhos literários, se me depararam poucos homens de espírito com a enfiatura e a compleição intelectual do esteta paraense, que consagrou ao Amazonas um longo ciclo da sua existência. Médico, poeta insigne, violoncelista famoso, conversador fascinante, Paula Guimarães era, além do mais, uma natureza de epicurista, um boêmio que amava e desperdiçava a vida, sacrificando-a em peripécias estúrdias. Lembra-me que, às vezes, nos silêncios da noite alta, repoltreado num *maple* da sua *garçonnière* luxuosíssima, com dicção cristalina, me dizia de cor os versos de Guillaume Apollinaire, que fluíam na redolência de sua voz de ritmos puros. Apollinaire era o irmão gêmeo de sua arte e de sua sensibilidade. Hoje, por uma estranha coincidência, evocando o seu nome, parece que estou a vê-lo, nitidamente, nas rondas da minha imaginação, esguio, alourado, o rosto sulcado de rugas precoces, os olhos azuis despedindo chispas, tal como o poeta francês, no perfil de Ambrière, a perambular pelos *cabarets*, sempre com o artigo em atraso, um

poema na cabeça, um livro antigo debaixo do braço, uma *boutade* explosiva a cada instante ou uma história melancólica nos lábios. Era assim o Paula Guimarães, que eu conheci e admirei no resplendor de uma vida, que foi apenas um sonho vertiginoso. Também de Afonso Cunha, que foi uma sólida constituição de escritor, ninguém se lembrou. Nem a menor referência, nos dois livros, a esse filósofo inadaptado, que se segregara de tudo e de todos, e para o qual nada existia fora de sua percepção espiritual e sensorial. O amargor de um ceticismo e de uma tirania individual que lhe caracterizavam o temperamento *extra-dry*, deixavam-no isolado, vendo os homens e as coisas do alto do seu orgulho, que se rebelava contra os pontífices e os ídolos sagrados. Pertenci, excepcionalmente, ao número reduzidíssimo de seus amigos; e, no meu arquivo, como testemunho notável da sua inteligência de homem e de artista, dos mais graduados que já incursionaram o Amazonas, conservo uma trilogia dos seus melhores sonetos – “Vitória-régia”, “Enchente” e “Contrastes”, três autênticos primores. E como ele, quantos outros aedos cujos nomes se perderam na voragem do esquecimento. João Maranhão, Ignácio Xavier de Carvalho, Hermeto Lima, Themístocles Machado, Eurico Facó, João Medeiros, Mendes de Almeida, Vespasiano Ramos, Gemino Lima, Nestor Cyriaco, Cid Lins, Caio Cavalcante, Octavio Sarmiento. E quantos jornalistas, que desempenharam a sua função com dignidade e sobranceira: Leônidas e Sá, Álvares Pereira, Carlos D. Fernandes, Manoel Lobato, Teófilo de Albuquerque, Osman Pedrosa, Generino Maciel, Victor Hugo Aranha. Sinto, no desatavio destas lembranças, a revivescência dessas figuras que foram os símbolos

gloriosos da fé, do labor e da clarividência espiritual de gerações quase extintas. Vivos e mortos, quantos eu não citaria ainda, no colorido vago das minhas memórias, sonhadores e semeadores que traziam consigo a sua fórmula de beleza, e que deram lustre e tradição de cultura à terra amazônica.

Essas lacunas minúsculas do seu livro, talvez imperceptíveis para os que não conhecem a história dos homens ilustres do Amazonas, afetam apenas a nomenclatura, sem diminuir-lhe o valor considerável. O talento refulgente do sr. Djalma Batista, que se revelou um notável fixador de retratos literários, consegue suprir vantajosamente tais deficiências. *Letras da Amazônia*, onde a sua inteligência irradia o entusiasmo e suscita o êxtase, representa grande e legítimo sucesso. Com o demarcar um prisma impressionante do patrimônio intelectual do Amazonas, no passado e no presente, determina, da mesma sorte, as diretrizes de um espírito novo, liberto de escolas e de absurdos preconceitos, e que vibra, pensa e realiza, sob o influxo permanente de uma cultura peregrina.

Paisagens de uma vida

“**Q**uand on a franchi de beaucoup ce que Dante appelle le *milieu du chemin de la vie*, l'avion du rêve est trop lourd de passé pour s'envoler, et l'aviateur ne voit plus devant lui l'espace nécessaire au décollage...”

Foi assim que respondeu Marcel Prévost, quando, nas malhas de curioso inquérito, procuraram saber do ilustre escritor qual o maior sonho de sua existência. De fato, transposto, de muito, o meio do caminho da vida, do poema dantesco, o avião do sonho, com a sobrecarga do passado, fica sem poder elevar-se, e o aviador não vê mais em sua frente o espaço preciso para levantar o vôo. Sonho, claro está, na acepção de ideal, aspiração, desejo, utopia, devaneio. Sonho, em suma, que traduza o que existe de absurdo e tumultuário no íntimo dos nossos sentimentos — fortuna, amor, ambição e glória. Tentando ressuscitar a história da vida de José Chevalier Carneiro d'Almeida, que foi, talvez, um dos maiores idealistas da minha geração, sinto que as imagens do passado, como nas lentes de um caleidoscópio, se refletem na mi-

na memória, tomando formas caprichosas e recortes bizarros. Vejo esta vida, nos seus grandes lances, nos seus sonhos que não foram sonhados e que o acompanharam, em farândula, até à morte. Não sei, porém, como descrevê-la, não sei como defini-la e objetivá-la, na angústia da contingência excruciante. Mas sinto que, evocando-a, não posso refugir à obrigação de trazer aqui o meu testemunho de amigo de todas as horas, de confiante fiel e depositário dos seus segredos mais ocultos, dos amargores e sofrimentos que o acabrunharam nas dúvidas cruéis e nos acerbos conflitos de consciência. Estaria naturalmente indicado para ser o seu memorialista, não poderia subtrair-se a esse dever moral o amigo que com ele viveu, por toda a vida, na mesma comunhão afetiva e espiritual, surpreendendo-lhe os gestos de nobreza, de renúncia, de orgulho, de altaneria e de generosidade, que se sobrepunham, em reações violentas, aos desígnios inflexíveis do destino. É certo que não intentarei, neste instante de saudade e de recordações, retratar-lhe a biografia, com o objetivo de Sidney Lee, que não a compreendia senão como a transmissão verídica de uma personalidade. Bosquejo apenas um retrato, sem encobrir-lhe as minúsculas irregularidades da estrutura interior. Mas não dissimularei, também, o meu prazer em revelar-lhe as facetas superiores. Em José Chevalier, o homem foi sempre um elemento de ação e de sensibilidade, de vontade e império sobre si mesmo. Rebelde às imposições frívolas do convencionalismo e às vassalagens do preconceito, caldeara-se na pureza de seu próprio caráter, desafiando com arrogância o imprevisível das contingências. Entrincheirado na sobranceira de um tempera-

mento que se tinha argamassado no resistir às atrocidades das pelejas, viveu num ambiente de dignidade e elevação, sem degradar-se aos seus próprios olhos e no conceito dos seus contemporâneos. Não sabia a lisonja, não justificava a subserviência, não atenuava os recuos da pusilanimidade, não se coadunava com as entrosagens e as armadilhas da felonía. Também não se lhe aponta, no rude *steeple-chase* da vida, um só cometimento que não fosse modelado pelos ditames do pundonor e da honra. Diante do perigo investia de frente, face a face, sem dissimulações nem hipocrisias. Sofreu, por isso mesmo, as conseqüências inevitáveis dos seus próprios atos. Foi incompreendido, negado, combatido e achincalhado. Nos seus acessos dipsomaníacos, enveredando para a calúnia, João Barafunda crivava-o de epigramas tenebrosos. Mas, por circunstância curiosa, quanto maior era a fúria dos doestos mais lhe cresciam a autoridade e o prestígio. Eu o vi, por vezes várias, no fragor de situações inverossímeis, quando os rugidos da tormenta lhe faziam experimentar o travo das mesquizezas humanas. Mas o ladrido da matilha desaçamada não lhe quebrantava o ânimo varonil. A insânia dos desafetos jamais o combaliu. Fosse qual fosse a arrancada dos convícios e da difamação, teria que se anular, impotente, no dique de sua reputação inatacável. As crises mais agudas, que se transformavam em explosões de cólera e de torpezas, encontravam-no forrado de exemplar serenidade. Não esmoreceu, não recuou, não transigiu nunca com o absorvente conformismo dos simuladores vulgares e dos impostores servis, que outra coisa não faziam senão louvar os potentados da hora, para captar favores

e galgar posições. O contágio de tais processos não conseguiu deformar a lisura de sua conduta. Dir-se-ia que, pelo excesso de escrúpulos, foi uma vítima do meio e do clima em que viveu. Esteve sempre na penumbra. Ninguém se lembrou de aproveitar-lhe a ilustração, a probidade e a competência, postas à prova, rigorosamente, num tirocínio exaustivo de educador e mestre das gerações brilhantes que refulgiram depois. Os preferidos pela simpatia das potestades politiqueiras, que se assenhoreavam do poder pelo desplante das corrupções eleitorais, eram, fatalmente, por escarninha inversão de valores, os medíocres, os fátuos, os incapazes...

* * *

O biógrafo que lhe pretendesse erguer os lineamentos e as diretrizes da vida, obstinando-se em não desviar ou perder um só detalhe, teria que começar pelo seu primeiro sonho, que se malogrou. Ser poeta, sobrelevando a todas as outras, era a aspiração maior que o dominava. A rigor, porém, José Chevalier não foi um favorito das Musas. Fictícia, convencional, desorientada, a sua inspiração decorria dos arrojos, dos entusiasmos e das impressões instantâneas, à influência do movimento de correntes, escolas e padrões literários. A sua iniciação poética, se me não engano, data do ano em que chegou a Manaus, vindo de Maceió, ainda adolescente, fascinado pelo esplendor e pela fama do eldorado amazônico. Tenho que não seria árdua a tarefa de rememorar o espírito da época, na eclosão do seu primeiro surto literário. O Amazonas ainda não tinha esquecido a legião rebri-

lhante de poetas e prosadores que, descendentes de outras terras, transitoriamente, como aves de arribação, lhe haviam procurado à sombra dadivosa. Entre os mais destacados, Ignácio Xavier de Carvalho, das *Missas negras*; Carlos Fernandes, do *Solaus*; Francisco Mangabeira, do *Hostiário*; e o nosso Jonas da Silva, consagrado de repente, após o advento das *Ânforas* e dos *Ulanos*. Para os versejadores medíocres, que vieram depois, era péssima a oportunidade. Estava em moda, no Brasil, a arte dos sonetos vazios e filigranados de B. Lopes, cujas rimas sonoras cantavam idílios aristocráticos, onde enlanguesciam de amor condessas e arquidquesas. O poeta dos *Brasões* fizera prosélitos de norte a sul. Jonas da Silva chamava-o de mestre, imitando-lhe os ritmos e os arabescos. José Chevalier, por sua vez, foi um dos primeiros a contaminar-se, adaptando-se aos metros em voga e filiando-se à corrente sobrepujante. Em crônicas, anonimamente, fez louvores desmedidos ao joalheiro de *Sinhá-Flor*, e não demorou em dar a lume uma série de sonetos, extraviados no imenso olvido dos jornais daquela época. Conservo ainda no meu arquivo de preciosidades algumas dessas relíquias dos dias longínquos. O poeta alagoano colaborava no *Commercio do Amazonas*, da direção intelectual de Gaspar Guimarães. Nesse matutino tradicional existia uma seção – *Mel do Hymetto* – que, diariamente, refloria com as vergôntes dos aedos amazônicos. As ardências da idade e da vida boêmia que então levávamos contribuíram para que nem eu mesmo conseguisse imunizar-me. O meu ídolo, porém, era Cruz e Sousa. Cometi o pecado inexcusável de perpetrar afrontosos e abomináveis sonetos, que se rotulavam de simbolistas,

publicados com escândalo no jornal de Rocha dos Santos. Era avassalante o influxo da arte peregrina do poeta negro dos *Broquéis*. No entanto, a veia poética de José Chevalier, mais fecunda e de sopros mais veementes, satisfazia-se com a estética belopiana; e, se a fonte inspiradora exauriu bem depressa, é que os versos dos vinte anos não resistem ao bom senso, à experiência e à sabedoria da maturidade. Seja como for, já no outono de sua existência, ao descer da montanha, torturava-o ainda a ânsia absurda de ser poeta e de retornar às loucuras da juventude, traduzindo-as em sinfonias atordoantes e de barulhenta excêntrica. Os que o conheceram não podem ter esquecido a remodelação estética por que, depois, passaram as suas idéias, quando se alistou entre os propugnadores do ultraísmo exótico, da poesia ibero-americana, em cujos moldes estrambóticos extravasou as suas derradeiras elucubrações. Com esta última tentativa, ficou encerrado o ciclo de sua literatura poética. Nesta hora de julgamento póstumo, não prevalecem os subterfúgios e são inadmissíveis as mistificações. Sejam sinceros! De todas as suas incursões pela seara de Apolo restam apenas quatorze versos, inspirados na célebre criação do estatuário de Meudon. São os do soneto *Pensador*. Não se trata, porém, de uma obra-prima, ao jeito do célebre e estafadíssimo soneto de Felix d'Arvers, que bastou para imortalizar-lhe o nome. Mas, talvez, pela forma e pela concepção, o conhecido soneto de José Chevalier pudesse corresponder às exigências da crítica. Como quer que seja, convenhamos que é muito pouco para a glória de um poeta.

Não pretendo, todavia, nestas evocações apressadas, analisar-lhe a formação cultural. Prefiro estender-me sobre o espetáculo admirável de suas lutas interiores, dos seus sacrifícios desmesurados, de sua destemerosa pertinácia, no esforço titânico de conseguir, sem o amparo de ninguém, pelo próprio valor e pela própria coragem individual, vencer a indiferença do meio, que o acolhia, tão hostilmente. O alagoano bisonho, que fugira à estreiteza do ambiente onde exercitara os passos iniciais da vida, lutando pela conquista de um nome e de uma posição, se encontrava, a súbitas, desgarrado em terra estranha, sem recursos materiais, à mercê dos acasos e das emboscadas do destino, emparedado na indiferença agressiva de uma sociedade heteróclita de adventícios egoístas e ambiciosos. Foi por essa época que travamos relações, cada vez mais estreitadas com o decorrer dos anos. Revejo-o agora, nas alternativas pungentes da minha saudade, superando os entraves e as incertezas dos primeiros itinerários. Era, por esse tempo, um belo e insinuante tipo de mancebo, na esvelta robustez de sua conformação atlética, tanto impressionando pela cortesia extrema, como pelo espírito sutil. Estou em que, modelada no entrelaçamento de linhas harmoniosas, de onde lhe ressaltavam o rosto moreno e escanhado, os cabelos negros e luzidios, os olhos penetrantes e vivos, e até o nariz de Cyrano de Bergerac, a sua compleição física, sobretudo, contribuiu singularmente para aquela atração irresistível por ele exercida sobre quantos se lhe aproximassem. Mas José Chevalier ingressava na vida desacom-

panhado dos requisitos indispensáveis para enfrentar-lhe os reveses. Sem protetor e sem padrinhos alcades, fracassavam-lhe, de início, as mais humildes aspirações. Nutrindo, entretanto, o propósito de vencer, caminhava para frente, de ânimo resoluto, na ilusão otimista do triunfo que não tardaria. Jamais deixou a companhia amável dos livros e, por último, só nos livros ia buscar lenitivo para as suas derrotas sucessivas. Nos concursos a que se submetia – e foram tantos! – não lograva a almejada nomeação, a despeito da relevância das classificações obtidas. Deixavam-no, invariavelmente, na retaguarda, preterido pela chusma dos afilhados. Afinal, depois de tentativas inauditas, conseguiu ser nomeado, interinamente, amanuense do Arquivo Público, uma repartição modorrenta, perdida nos confins da rua do Progresso, sob a direção conspícua de Cunha Júnior, figura típica de *rond-de-cuir* acaciano, com o pendor das traças e o treino dos salamaleques de circunstância. Foi a sua primeira etapa na carreira sem lauréis do funcionário público, escravizado ao ponto quotidiano, e cuja maior compensação, na velhice, se limitava à tristeza de uma exígua aposentadoria. De qualquer forma, porém, esta situação subalterna representava um começo de vida, deixando-o a salvo de privações imediatas. Não se restringiam, contudo, à burocracia os estímulos de sua atividade. Procurou exercer o magistério particular em vários colégios, lecionando as disciplinas do curso de humanidades. Aí, nesse novo empreendimento, a sua proficiência de autodidata revela-se indiscutível a todos os respeitos. Ensinava pelo prazer de ensinar. Reconhecia ser essa a tendência primacial do seu espírito. Os problemas do ensino e de educação absorviam-

lhe todas as horas. Não poucas vezes lhe ouvi afirmar que, como Pestalozzi, não desejava ser mais do que um mestre-escola. As posições políticas e as culminâncias sociais não o seduziam. Preferia não se afastar do contato da criança, para descortinar-lhe a vida sobre os diferentes aspectos de suas manifestações, auxiliando-a e despertando-lhe a curiosidade, com os recursos de sua experiência e com a observância dos preceitos adquiridos na prática do magistério. Sonhava construir um grande colégio, servido por um corpo autorizado de professores, onde tivessem expressão, forma e aplicação técnica as modernas idéias pedagógicas, e no qual, por um novo processo de assimilação e socialização, as novas gerações encontrassem a força vital, o vigor, a energia, a consciência educacional, para se defrontarem corajosamente com os perigos e as ciladas das épocas futuras em que houvessem de atuar. Mas, enquanto não transformava em realidade construtiva esse grande poema que lhe resumia a totalidade das aspirações, dispunha e coordenava simultaneamente os métodos de trabalho, contanto que levasse a efeito o anelado ideal. Começou por suprir, desde logo, as lacunas do seu escasso aparelhamento intelectual, entregando-se ao estudo, num labor ordenado e sistemático, não apenas no campo específico da função educacional, para onde se dirigiam as suas inclinações, mas também acumulando reservas de cultura científica e literária, decorrentes de absorção lenta e eficaz. Fraternalmente afeiçoado que eu lhe era, não permaneci estranho a essa mutação súbita de mentalidade. Ao revés, sentindo-lhe as marcadas tendências, se lhe não fui o regulador e o mediador dos excessos e das extravagâncias literárias, pu-

blicadas e sepultadas nas gazetas e nos semanários daquele tempo, concorri para o seu desenvolvimento cultural, nos limites restritos das minhas apoucadas forças, indicando-lhe, nos colóquios que então mantínhamos dia a dia, os planos mais seguros e viáveis, dentro da complexidade e da extensão da tarefa que ele tomara a ombros. Seleccionávamos rigorosamente as obras a percorrer e os autores a consultar, na promiscuidade parasitária das fancarias que nos vinham cair às mãos. Foi uma época intensiva de preparação e programação mental. José Chevalier, que despendia em livros tudo quanto obtinha penosamente no magistério, embarafustou-se por quase todos os setores do conhecimento humano, na ânsia de criar uma personalidade, suscetível de predispor-lo vantajosamente às situações difíceis da carreira profissional que intencionava adotar. Nesse armazenamento vertiginoso de cultura, por vezes caótico e indisciplinado, não só a Pedagogia exercera notável preponderância no seu espírito. A sua natureza sequiosa de saber levou-o, também, às fontes da História, delas se abeberando para penetrar a fundo nas lições, nos exemplos e nas lendas heróicas que lhe constituem o fecundo manancial. Não esqueci até hoje aqueles dias de curiosidade e ressurreição em que o jovem plumitivo alagoano, deixando de lado as vicissitudes das horas aziagas, se enfronhava na sabedoria exaustiva que, em torrentes, jorrava dos volumes bolorentos do velho Cantu e das eruditas, profusas e arrasadoras monografias do alemão Oncken, no intuito de fixar os panoramas históricos universais, revolvendo séculos e séculos de transformações sociais e políticas, através de idades mortas e civilizações desaparecidas. Não

se comprazia, porém, com a vivacidade exuberante do seu temperamento aquela existência monótona e solitária de rapaz solteiro, sem o carinho confortador de uma alma perfumada de bondade e de ternura, que lhe soubesse as alegrias e os desencantos, tendo o condão de apaziguar-lhe as revoltas íntimas. Um belo dia, José Chevalier, no céu que foi buscar para esconder-lhe as tristezas e os avatares, encontrou a fada que guiaria os seus destinos. A magia e a sedução dos seus donaires o enfeitiçaram. Segredou-lhe ao ouvido o harmonioso verso raciniano, de Roxane a Bajazet: *De toi dépend ma joie et ma félicité*. Casou-se. E a sua vida, que até aí não passava de um caderno de folhas em branco, modifica-se de repente, na perspectiva de uma felicidade perpétua, enquanto um sopro novo lhe anima o espírito e a doçura da mulher amada lhe embevece o coração.

Quando, em 1914, regressei de Paris, fugindo à guerra, José Chevalier, por um prodígio de obstinação, já tinha concretizado o seu grande sonho da adolescência. Do arcabouço em frangalhos de um obscuro colégio suburbano, que deperecia à míngua de direção e de alunos, surge o milagre, no centro da cidade, de um autêntico educandário, servido por moderníssimo aparelhamento pedagógico. Do rebotalho do antigo estabelecimento, foi conservado somente, em homenagem à tradição, o título ruidoso que lhe aureolava a fachada: *Instituto Universitário Amazonense*. A profilaxia propedêutica do novo proprietário vetara o resto. O material escolar, por arcaico e imprestável; e os professores, por medíocres e rotineiros. O próprio edifício antigo, vetusto e inadaptável, foi refugado. Transferido desde logo para uma sede provisória, num sobrado à rua dos

Andradas, o colégio depois se instalara, definitivamente, num vasto imóvel senhorial, de paredes cor de açafrão, à rua Dr. Moreira, esquina da Quintino Bocaiúva, com amplos e arejados compartimentos e recortado de janelas por todos os lados. Não obstante haver sido inaugurado há poucos anos apenas, já a sua fama se alastrara pelos recantos mais longínquos do Amazonas, fazendo que, de ano para ano, à força dos prospectos que se espalhavam divulgando-lhe as vantagens de ordem econômica e educativa, a matrícula tomasse vulto e o colégio prosperasse. Os alunos, em massa, afluíam de todas as circunscrições do Estado, assim da capital como do interior; e a sua frequência, em progressão ascendente, contrastava com a dos estabelecimentos congêneres, que lhe sofriam a competição quase acintosa. Por volta de 1916, o Instituto atinge a sua fase de maior esplendor. Os programas de ensino, a evolução dos processos pedagógicos, a idoneidade do seu quadro docente, tudo isso, acrescido da autoridade, do descortino, da disciplina espiritual do diretor, firmou, de súbito, a reputação do colégio. Na realidade, José Chevalier nascera com a vocação de educador. A criança lhe merecia especiais desvelos. Educá-la, a seu entender, era o mesmo que formar homens e criar gerações. Convertendo em sacerdócio a função educacional, todos os esforços e cuidados desse insigne condutor de inteligências se dirigiram para a saúde física e moral dos seus alunos e, simultaneamente, convergiram para o desenvolvimento das possibilidades intelectuais da juventude. Por isso mesmo, com o recurso dos conhecimentos pedagógicos que então adquirira, lhe não foi difícil lançar os alicerces de um educandário modelar, com todas as

condições favoráveis à realização integral dos seus objetivos. A consciência de sua missão apostolar conduzia-o às provas mais arrojadas de reconstrução e renovação pedagógicas. Nada poupava, através de estorvos de toda natureza, no intuito de reorganizar o seu colégio, libertando-o das fórmulas viciadas e retrógradas do antigo sistema de atividades educativas. Adaptara o prédio às prescrições do conforto moderno, reformando-lhe os compartimentos, tornando-os amplos e higiênicos, condicionados aos fins imediatos a que se destinavam. Salas de estudo, sala de espera, tetos estrelados de lâmpadas de porcelana, as paredes recobertas de estampas de história natural e mapas geográficos, dormitórios banhados de sol, refeitórios largos e ventilados, pátios de recreação e de ginástica; e, por fim, o salão de recepção, cujas janelas descortinavam ambas as ruas, modesto, sobriamente mobilado, onde avultavam, de um lado, empoeirado, o velho Bluthner de meia cauda, para as aulas de música, e do outro, o busto do Eça, de monóculo, esculpido em gesso, de cuja fisionomia, na comissura dos lábios, aflorava o sorriso corrosivo do diabólico ironista. Em uma das paredes, no alto, dominando a sala, entronizado nos recamos dourados de aparatosa moldura, o retrato *à crayon* do diretor, com a beca e a toga da formatura. José Chevalier – não omitamos o pormenor – defendendo o lustre dos brasões de educador, e apegado à tradição, não escapara à fatalidade do diploma de bacharel. Lembro-me de todas essas minúcias com a impressão nítida de quem neste instante estivesse vendo e examinando o colégio. O diretor era um dínamo vivo, interessado e preocupado com os detalhes mínimos da casa, tomando

providências, arquitetando projetos, renovando planos, realizando programas de educação e de cultura. Mas não era só. Conhecedor a fundo da psicologia infantil, por um largo tirocínio experimental, através de pesquisas e investigações, o seu olhar inquiridor infiltrava-se, também, pelos subterrâneos da alma dos seus alunos, descobrindo-lhes as manifestações mórbidas, as tendências irreveladas, as taras hereditárias e os distúrbios patológicos. Surpreendia por dentro e por fora os mistérios orgânicos dos seus discípulos e não errava nunca nos conceitos exatos que formava de cada um de per si. Sabia corrigir sem castigar, sem intimidar os alunos, e somente pelo exemplo, pela persuasão e pela doçura, dominava o temperamento dos mais indóceis e subversivos. Educava-lhes a vontade, depurava-lhes o caráter e os sentimentos, exercendo sobre todos decisiva ascendência moral e admirável hegemonia espiritual. Uma vez, pela manhã, como para desobrigar-me dos insistentes convites que me fazia, fui visitar inesperadamente o *Universitário*, em dia de classe. O colégio fervilhava. Estudantes e professores se cruzavam pelas salas de estudo num barulhento *fervet opus*. A sineta tilintava continuamente, anunciando o começo e o fim das aulas. Havia no edifício, como num enxame de abelhas, um rumor de vozes abafadas, de risos indiscretos e de exclamações mal contidas. O diretor, sem nenhum protocolo, recebeu-me à porta, efusivamente, e tomando-me pelo braço, com os gestos expansivos e irradiantes que lhe eram o característico das maneiras polidas, levou-me a percorrer o educandário, sala por sala, classe a classe, apinhadas de alunos, que nos olhavam curiosos e pasmados. Demorou-se no exame das

suas inúmeras reformas e na explicação do sentido e da eficiência de suas aplicações pedagógicas, detendo-se em frente às largas estantes de jacarandá, estilo antigo, atulhadas de livros didáticos, que adornavam a sua biblioteca particular. Depois, cheio de ardor comunicativo, mal dissimulando o seu ar triunfante, entrou na classe de português, da qual era professor. Os alunos levantaram-se com estrépito, em sinal de reverência. Não se notava uma banca vazia. A mesa, ao lado do sol, que inundava, a jorros, o edifício inteiro, estava colocada em frente ao quadro-negro, arrimada por duas tripeças, encobrindo um dos ângulos da sala. O diretor, sentando-se à minha direita, compulsou o livro de matrículas daquele ano: 380 alunos; dos quais 80 internos. Era um deslumbrante *tour de force*. Em seguida, abriu o livro de presença. Começou a chamada. A sua voz estentórica reboava pelo educandário. A princípio, fazia preceder cada nome de uma explicação pessoal, que esclarecia os defeitos, as virtudes e os predicados dos alunos. Depois, temendo tornar-se monótono, voltava as páginas com celeridade, silenciando os comentários. E os nomes, alguns por extenso, outros abreviados, e ainda outros no diminutivo, vibravam ressoantes na cadência da voz microfônica do diretor.

– José Veiga do Amaral!

– Presente! E um garoto ágil e rechonchudo levantava-se lépido, com um risinho delambido nos lábios.

– Weitingh!

– Pronto! – respondia, em falsete, um menino anêmico, de compleição doentia, com as faces descoradas e um ricto amarelo no sorriso alvar.

– Barrinhos!

– Presente! – acudia a voz roufenha de um latagão desempenado, de olhos felinos e maliciosos, cujas peraltices se denunciavam no desleixo da indumentária.

– Charbel! – berrou o diretor.

– Presente! E mal o turquinho dengoso, de olhos azuis e cabelos louros, acabava de atender à chamada, com requebros na voz de ondulações efeminadas, já o diretor gritava por outro nome.

– Azevedinho!

A série era longa, interminável. Os nomes sucediam-se rapidamente, mas o livro de inscrição estava apenas na metade. Confesso que, além de deliciar-me, este espetáculo insólito me espicava a memória. Eu tinha a impressão que conhecia de sobra aquele bando garrido que aí rodopiava diante dos meus olhos. Já sentira, de certo, o contato daqueles homúnculos liliputianos, já os tinha amado, já estivera na convivência de todos eles, na cidade de Vannes, em França, naquele mundo em miniatura que era o seminário de São Francisco Xavier, dos padres jesuítas, evocado no *Sébastien Roch*, através das páginas candentes de Mirbeau. Ah! como eu reconhecia e identificava aquelas figurinhas minúsculas e impressivas! Entre elas deveria estar o pérfido Guy de Kardaniel, o bondoso Jéan de Kerral, o pedante Le Toulic e o Bolorec, o esplêndido Bolorec, com seus requintes de gentil-homem. Todos eles evocavam os meus tempos infantis, as minhas diabruras de estudante, quando eu era interno do Ateneu Paraense, à travessa Dr. Moraes, em Belém, reputado estabelecimento de ensino, de tradições

respeitáveis, dirigido e orientado exemplarmente pelo velho Bertoldo Nunes, figura modelar de educador, que transformara o seu colégio na forja onde se caldearam as gerações que maior destaque tiveram, contemporaneamente, no desenvolvimento político, artístico e social da grande capital amazônica. Na volúpia, daquelas incursões imaginativas, o meu espírito reportava-se a leituras de outros tempos, que se fixaram na memória de modo imperecível. Já não eram mais as paisagens do internato, onde eu passara alguns meses venturosos da minha infância, que se descortinavam diante dos meus olhos absortos. Agora, esplendia a sátira de Raul Pompéia, que tomava forma, expressão e densidade nos alcândores do meu devaneio, exposta na esfusante galeria de adolescentes do colégio famoso de Aristarco. Via-os a todos, na complicada estrutura de seus caracteres e sentimentos, movidos pela *ficelle* do caricaturista genial, como se fossem bonecos de *guignol*. Mas, sem dúvida alguma, aquele cenário era um decalque do *Ateneu*, o modelo vivo de que se tinha servido Raul Pompéia. Todos ali estavam, até o Cássio, decurião, um belo adolescente, magro e comprido, de aspecto melancólico, que no silêncio das noites altas lia o *Bom crioulo*, ruminando coisas... Nem sequer lhe faltava, completando-lhe o *décor*, o tipo másculo do Bataillard, professor de ginástica, que se encarnava na estrutura apolínea do Juca Franco, professor de educação física do *Universitário* e instrutor militar da Legião dos Escoteiros, formada de pelotões luzidos, em uniforme de gala, sob o comando do diretor, em pessoa, que, aos domingos, ao sol ou à chuva, desfilava em ordem de marcha, acordando a cidade com o estridor marcial dos tam-

bores e clarins. Todos, todos ali estavam, até o inspetor Odorico Picanço, depois guindado a chefe de turma e professor de História do Brasil, o qual, pelas posturas bajulatórias, reproduzia, a rigor, o professor Venâncio, “empertigadinho e cúprico”, fazedor costumeiro de discursos destrambelhados, cuja retórica, lardeada de metáforas em louvor de Aristarco, brotava, em catadupas, nas festas esfusiantes do educandário. O meu espírito, que se perdera no torvelinho dessas recordações, vagueava ao longe. De súbito, despertei, atarantado. Era a voz ribombante do diretor que atroava na sala:

- Lúcio Valdomiro Pires!
- Presente!
- Venha à pedra! – ordenou, com o império de fingida autoridade.

Sensação. Os olhares da classe convergiram para o vulto hesitante de um rapazelho pálido e franzino, mas destro e atilado, olhar nervoso e incisivo, feições extremamente delicadas como as dos efebos de Holbein, aprumado num jaquetão cinzento, que lhe dançava no corpo esguio. Era o menino prodígio do colégio. A sua inteligência desnorteava a mestres e condiscípulos. Dela se valia o diretor, quando em perigo os créditos pedagógicos do *Universitário*. O direito de extraviar-se num equívoco, ou de naufragar nos escolhos de uma nota baixa, assistia a qualquer dos seus colegas. A ele, porém, era defeso comprometer-lhe a reputação. Dotado de uma memória vivacíssima, e de um temperamento insofrido, aprendia as lições com surpreendente facilidade e dava quinaus em toda classe. Sabia de cor as poesias de Bilac e, certa vez, conseguiu reter as trinta

e três estrofes de uma ode patriótica de Alberto de Oliveira, que ele declamou por extenso, sem omissão de um só verso, numa noite festiva de solenidade, sob as aclamações da assistência. Estudioso, metódico, infenso às delações, refratário às folganças estudantinas, não tolerava os remques, nem desperdiçava as horas vadias, já contando, entre os louros de suas conquistas, o de ler alcançado, no fim do último ano letivo, a totalidade dos prêmios de honra nas disciplinas estudadas. Essas coisas profundas e consideráveis revelava-me em surdina o diretor, transbordante de ufania, quando Lúcio lhe interrompe o colóquio, perfilando-se diante da lousa, com o giz na mão.

– Escreva um trecho clássico! – determinou, peremptório. E logo em seguida, já com a voz adocicada, insinuante:

– Aquele do Castilho, que está na seleta, o do paralelo entre Bernardes e Vieira. Vamos! O senhor sabe na pontinha da língua.

Antes, porém, que o menino fizesse a análise, mostrando as suas habilidades, a sineta vibrou, advertindo que a aula terminara. Eram dez horas. Levantamo-nos. Quis retirar-me. Mas o diretor insistiu para que eu visitasse as outras classes. No pátio, garboso e mirífico, o Picanço fazia evoluções com as suas esquadras de escoteiros. Os tambores troavam num alarido ensurdecador. Entramos na classe de francês, numa sala independente, contígua ao refeitório. O curso estava entregue à proficiência de dona Raymunda Chevalier, a esposa do diretor. Senhora enérgica, de altas virtudes domésticas e de singular capacidade para o magistério, de sua pessoa exalava-se rara sedução. Era o ídolo do colégio. Os alunos adoravam-na. A sua bondade era o talismã que os enleava. Em verdade, dona

Mundica, assim como a tratavam em família, era a alma tutelar do colégio. Que digo? Era a alma, o coração, o sistema nervoso, o sangue, as artérias, as funções sensoriais daquele poderoso organismo pedagógico. As antenas sensibilíssimas do seu espírito refletiam-lhe as pulsações. Regia superiormente três ou quatro cadeiras do ensino secundário e era a substituta permanente de todas as outras, na ausência fortuita dos respectivos professores. Normalista e diplomada em farmácia, tendo feito as humanidades com destacado brilhantismo, adaptara-se facilmente à profissão do marido, auxiliando-o e incentivando-o de todas as maneiras. Às suas aptidões e iniciativas devia-se a prosperidade crescente do *Universitário*. Porque o diretor, absorvido com outros encargos, entre os quais o de chefe de seção da Biblioteca Pública, era obrigado a permanecer, por horas consecutivas, fora dos seus misteres, deixando o colégio sob a sua vigilância. Ainda empolgado de admiração por aquela figura dominadora de mulher, cujo perfil espiritual resplandecia nos anais do educandário, dirigi-me à “maternal”, ao “jardim-de-infância”, que funcionava numa sala espaçosa, inundada de luz, de flores, de brinquedos e de livros infantis, onde as crianças, risonhas e alvoroçadas, eram felizes por já terem encontrado o pássaro azul de que lhes falava a fada Berylune, na alegoria simbólica de Maeterlinck. Uma senhora idosa, de óculos de aros de tartaruga, com os cabelos completamente encanecidos, e o rosto vincado de rugas, deixando vislumbrar na fisionomia os sulcos apagados da formosura antiga, cuidava daquele santuário familiar, com a alma transbordante de mansidão e de cordura. Era dona Amélia, a mãe do diretor. No meio

da criançada gárrula, destacavam-se dois garotos pimpantes, que traziam no rosto o estigma da linhagem genealógica. O diretor, exultante, indicando-me os pimpolhos, não se conteve:

– Eis os dois enlevos do meu coração! – murmurou-me, comovidamente.

O mais velho, de seis anos apenas, chamava-se Valmiki Ramayana; e o outro, com dois anos de menos, Vladimir Carlyle. Os resíduos de suas leituras das epopéias hindus eram a gênese do nome do primogênito. A do outro, provinha das páginas de um romance eslavo e de sua admiração pelo historiador britânico dos *Heróis*.

– Já lhes surpreendi a vocação, afirmou sorrindo, abraçando os filhos. Valmiki quer ser um Liszt, e Vladimir, um Paganini.

Ambos aprendiam música. Valmiki, à noite, no salão de visitas, azucrinava as ouças do colégio, martelando o piano estridente e desafinado, acompanhado por Vladimir, que esganiçava o arco nas cordas do violino. Não foram nem Liszt nem Paganini. Encontrei-os, muitos anos depois, na correnteza magnética do destino. Um já era médico e escritor notável, grande nome das letras amazônicas. O outro foi advogado e filósofo, mas não teve a glória de ver o esplendor do sol, que começava a despontar nos horizontes da vida.

* * *

O ciclo de grandeza do *Universitário* perdurou por muitos lustros. Não havia em Manaus, por essa época, um estabelecimento de ensino de maior prestígio, resultante da competência

tradicional dos preceptores e do critério rigorosamente pedagógico de sua função educativa. A viagem de José Chevalier a São Paulo e ao Rio, em 1917, além da revalidação do seu diploma de bacharel, na mesma turma de Miranda Simões e Evaristo de Moraes, trouxe para o colégio benefícios inestimáveis em matéria de organização, remodelação, técnica escolar, que supriam as falhas, as velhas praxes, os métodos consuetudinários e outros inconvenientes de ordem pedagógica. À sua volta, munido da experiência que adquirira, imprimiu um surto novo à sua querida Legião de Escoteiros, então composta da fina-flor dos rapazes da melhor sociedade amazonense. Entrementes, ainda lhe sobrava tempo para o exercício de suas funções públicas, e para as aulas que ministrava no Ginásio, no colégio Dom Bosco e na Escola do Comércio, dos quais foi professor por longos anos ininterruptos. Da atuação modelar que teve na Biblioteca do Estado, resta ainda hoje, como um depoimento vivo, o acervo de serviços e inovações que aí realizou, substituindo catálogos antigos e imprestáveis, instalando seções modernas, aparelhando para os leitores salas adequadas e silenciosas, determinando, por fim, que houvesse um outro expediente, à noite, ao qual, com devoção apostolar, ele jamais, sob qualquer pretexto, se eximiu de comparecer. Os vestígios desse esforço ficaram indeléveis. Sei – e afirmo-o sob a dignidade da minha palavra de homem – que até do seu bolso, do seu reduzido orçamento doméstico, quando o funcionalismo se estorcia de inanição, estipendiou os misérrimos serventuários que o auxiliavam, e comprou, à sua custa, móveis, lâmpadas, carteiras e outros objetos imprescindíveis. Quantas vezes não

abandonou as suas classes, no *Universitário*, para atender a um apelo de urgência e fora de horas, no serviço da repartição! Quem, por esse tempo, visitasse a Biblioteca, sentiria o vigor de sua capacidade de bibliófilo e de bibliômano. Porque, para José Chevalier, o livro era um camafeu de valor inapreciável. Além de amá-lo nas suas formas intelectuais de nobreza e espiritualidade, como elemento condutor e divulgador dos infinitos aspectos da inteligência humana, amava-o, também, pelos primores e pela raridade de suas edições. Devem-se-lhe ao apurado critério bibliográfico as rumas de livros de atualidade e dos melhores autores universais, de que, na sua administração, se abarrotaram as estantes mofentas da Biblioteca Pública, de onde haviam desaparecido, levados por mãos inescrupulosas, os inestimáveis *bouquins* que, nos tempos de antanho, custavam preços fabulosos. Os editores espanhóis, principalmente, forneceram-lhe as mais luxuosas coleções. A *Bibliotheca Espasa*, por exemplo. Só eu sei, porque ele me referiu na revolta de sua indignação, os vexames e as humilhações por que passara, quando se dispôs a integrar no patrimônio do Estado esse inexaurível filão de cultura.

* * *

Daí por diante, a vida de José Chevalier pode ser descrita em páginas soltas, como um romance de capítulos imprevisíveis e de ritmos acelerados, à maneira de Aldous Huxley. Apologista fervoroso do golpe militar de 23 de julho de 1924, deu-lhe a sua adesão espontânea. Simples educador, desambicioso, apolítico,

não o interessavam os entrecosques partidários. Mas o gesto de Ribeiro Júnior, apoderando-se do governo e mudando completamente o panorama político do Amazonas, que se debatia na maior das crises administrativas, avultava na hipertrofia de sua capacidade admirativa, tomando as proporções de legenda e de epopéia. Sem pensar sequer na consequência dos seus atos, destemerosamente se alistou nas hostes redentoras e, agitador e demagogo, foi um dos prosélitos mais entusiastas do governo que se instituía. Escreveu e assinou no jornal revolucionário panfletos escorchantes; e, nas praças públicas, através de apóstrofes em brasa, o seu verbo atroou, denunciando os responsáveis pelos infortúnios do povo. Recusou com altivez os postos de emergência que lhe ofereceram por essa ocasião, a fim de evitar que interpretações insidiosas lhe desvirtuassem a nobreza das atitudes. Agiu, como sempre, com desinteresse e patriotismo, no anseio generoso de apenas servir à coletividade. Passado o temporal, recolheu-se novamente à vida obscura do seu colégio, que, já nessa época, assediado e ameaçado pelo florescimento de outros colégios que lhe faziam competência, entrou a declinar. As matrículas diminuía, os alunos dispersavam-se, os encargos aumentavam e os obstáculos cresciam, em perspectivas sombrias e atemorizadoras. Não havia como impedir a vertigem da descaída. Para cúmulo dos seus desalentos, a ausência do filho mais velho, que fazia o curso de medicina, na Bahia, e com a qual não se conformava a extrema afeição paterna, vinha agravar a situação. Mas se o diretor esmorecia, temendo o desmoronamento final, sua esposa empenhava-se heroicamente em manter no colégio o equilíbrio

de outrora, agindo e reagindo com redobrada energia e assombrosa superioridade de ânimo. A interventoria Alfredo Sá veio encontrá-lo nessa aflitiva conjuntura. Foi, todavia, um desaforo a procrastinar-lhe a derrocada. Não só recebera, integralmente, os seus ordenados, em penoso atraso, como também lhe trouxera o evento a esperança de dias mais propícios. Eu o via, frequentemente, por essa época. Chevalier estava mudado. O contentamento extravasava-se-lhe por todos os poros. No contato íntimo da gente mineira, que colaborava na administração, criou um círculo de simpatias profundas. E delas se aproveitou, com a sua proverbial munificência, para servir à causa dos amigos, interpondo-se decididamente a favor dos seus interesses periclitantes. Ao apagar das luzes, no governo Efigênio de Salles, viu-se designado para exercer, em comissão, o cargo de diretor do *Diário Oficial*. Creio que foi o posto de mais alta relevância que ocupou em toda a sua vida. Mas a tal modo se houve, desempenhando-o com dignidade, honradez e competência sem contrastes, que os inquéritos, as sindicâncias, as devassas tendenciosas e esquadrinhadoras, urdidos na sombra pela maldade humana, não lhe conseguiram marear a reputação. As amarugens dessas atribulações, entretanto, dissiparam-se com o aparecimento do livro de Carlyle. A mim coube a primazia de folheá-lo, assim que veio a lume. Tratava-se de uma tradução primorosa da obra de Pedro Landazuri, trabalhada no estilo plástico e com a estrutura vernácula dos que sabem manejar o idioma, e em cujo prefácio, da autoria do jovem filósofo, que ainda não completara dezenove anos, as suas idéias se condensavam e transluziam, revelando-lhe a

beleza e a maturidade do espírito. As formas complexas e luminosas de uma erudição intensiva, aí evoluíram no contato dos grandes pensadores de todos os séculos; e a sua inteligência, revestida de instintiva intuição, denunciava-lhe a mestria do descortino cultural. Fez-me ver o volume, tomado do mesmo alvoroço com que, anos depois, me entrava pela casa adentro, como se fosse o homem mais feliz do mundo, conduzindo-me o livro de estréia de Ramayana – *No circo sem teto da Amazônia* – o grande, o trepidante livro sobre aspectos do vale amazônico, que o Brasil mental distinguiu e consagrou. Não intenciono referir-me demoradamente ao destino desses livros, o último dos quais, no sortilégio dos seus relevos brunidos de sol, figura no *Legendas & águas-fortes*, na minha galeria dos intérpretes da Amazônia. Se deliberei, de passagem, aludir-lhes ao advento, é que a glória dos filhos, na vida conturbada de José Chevalier, era ainda, mesmo na velhice, o único sonho que sobrenadava, escapando ao naufrágio das suas ilusões.

Despovoado e sacudido por todas as crises, o *Universitário* passava por amarga transição. Naquela emergência, a mudança de sua sede, do velho casarão da rua Dr. Moreira para o palacete à avenida Joaquim Nabuco, impunha-se como uma cartada salvadora. Porque o colégio declinava a olhos vistos. O diretor, assaltado por enfermidades contínuas, não obstante os vagares que lhe deixava a aposentadoria, não se julgava mais em condições de superintendê-lo. Os esforços estóicos da senhora Chevalier redundavam em pura perda, de vez que os alunos rareavam, desviados e atraídos para outros estabelecimentos de ensino, nos galarins da fama. Carlyle, já formado em direito, ini-

ciara a sua advocacia em Canavieiras, Bahia, onde ganhava prestígio e renome, e se fizera chefe das hostes integralistas. Ramayana, que também já concluía o curso de medicina e fora orador brilhante de sua turma, fazia incursões bélicas em São Paulo, na defesa da legalidade, seriamente ameaçada pela revolução constitucionalista. O *Universitário*, nos seus últimos anos, apresentava o aspecto desconsolador das casas desertas e abandonadas. Ainda assim, na iminência da catástrofe, que se afigurava inelutável, os seus dirigentes tudo faziam para guardar as aparências. Fui visitá-lo, num desses dias de inquietudes e apreensões, e senti que os repetidos insultos apopléticos haviam produzido enormes estragos no organismo do diretor. Só a muito custo, às vezes através de frases enigmáticas e desarticuladas, conseguia transmitir e esclarecer o seu pensamento. Mas sempre evitando render-se à evidência e nutrindo a esperança de que o colégio, dentro em pouco, ressurgiria com a mesma grandeza de outrora. Passei a vista, de relance, pelas paredes, no salão de espera, já sem o Bluthner, vendido melancolicamente antes da mudança. Meus olhos foram atraídos por algumas fotografias que lhe lembravam os episódios da vida. Numa delas, de 1927, Eugênio Noel, sentado, com as melenas desgrenhadas sobre a fronte, o olhar piedoso de Nazareno. Em seu derredor, de pé, os amigos que se aproximaram mais intimamente do eminente embaixador da cultura ibérica, quando de sua passagem triunfal pelo Amazonas: José Chevalier, Leopoldo Péres, cujo nome tinha sido um florão de glórias nas tradições do *Universitário*, e eu. Ainda outra fotografia, à distância de vinte anos, assinalava a presença de vários acadêmicos, depois de

uma carinhosa homenagem, em despedida, quando Adriano Jorge, o grande presidente perpétuo da Academia, pensou em abandonar o Amazonas, levando para outras terras e no rumo de outros destinos, tudo aquilo que em caráter, cultura, inteligência, coração e generosidade, estivemos prestes a perder. Sentado à extrema esquerda desse grupo, via-se a figura de José Chevalier, de ponto em branco, braços cruzados, flor à lapela, olhos vagos e cismadores. Em outro lugar da parede, uma fotografia de Carlyle, com expressivas palavras de amizade filial; e, fazendo-lhe *pendant*, uma sangüínea, à sépia, com o perfil de Ramayana, devido ao pincel de um Forain amazônico. Quantas evocações! Quantas reminiscências! Não sei porque a presença daquelas relíquias do passado me dava a pungidora sensação de desmoronamento. Uma tarde, quase ao anoitecer, fui chamado às pressas pelo telefone. Um dos alunos do colégio dizia que o diretor desejava falar-me com urgência. Abalei quase às carreiras. As janelas do edifício estavam cerradas, vendo-se o gradil de entrada apenas entreaberto. Transpus a *terrasse* e penetrei no salão, sem fazer-me anunciar. José Chevalier não tardou em aparecer. Estampava-se-lhe na fisionomia a projeção dos abalos morais que o acabrunhavam. Passara uma noite atroz. Carlyle enfermara bruscamente em Canavieiras, e os telegramas, revelando os progressos vertiginosos da moléstia, lhe vinham às mãos de momento a momento. Com o coração retransido, na mesma ansiosa expectativa de dúvidas e esperanças, a esposa, na sua resignação laivada de angústias, não o abandonara um instante sequer. As horas lentas da noite opressiva e interminável aumentavam-lhes a crueldade do suplício. Afinal,

quando amanheceu, chegara-lhe o rádio fatídico. Imóvel, petrificado, as feições contraídas e transfiguradas, sem murmurar uma só palavra, fitou-me dolorosamente. Havia nele uma expressão de dignidade trágica. Depois, os olhos alagaram-se-lhe, e fugiu da sala, num pranto desvairado e convulso.

* * *

A Academia Amazonense de Letras tem para com José Chevalier uma imensa dívida de gratidão. Não apenas porque, na residência de Benjamin Lima, ele ajudasse a fundá-la, merecendo que o seu nome se inscrevesse entre os trinta heróicos legionários de sua primeira cruzada. Mas porque, sobretudo, lhe foi o grande animador nos períodos mais difíceis e vacilantes de sua existência. Era esse irresistível professor de etiqueta, auxiliado pelo devotamento do grande João Leda, quem promovia as tertúlias intelectuais, as sessões comemorativas, as conferências literárias e científicas, as recepções de homens ilustres, que se realizavam no cenáculo, ainda sem créditos firmados e sob os remos da intolerância e do despeito da mentalidade provinciana. Era ele, desdobrando-se em esforços, quem se incumbia da organização, publicação e distribuição de nossa *Revista*, colhendo originais, joeirando elucubrações, estimulando os espíritos mais tímidos e precavidos. Não se cogitava da eleição de um novo acadêmico, sem que a influência de José Chevalier se fizesse sentir. A sua opinião era ouvida e consultada acerca de todos os assuntos de ordem econômica e financeira, e os seus conceitos, não poucas vezes, prevaleceram em definitiva. Visado

pela agressividade do meio, que lhe não compreendia a grandeza da alma e lhe recusava injustamente valor, merecimento e expressão mental para figurar entre os expoentes maiores da intelectualidade amazônica, seria injustiça negar que foi graças aos seus impulsos ultradinâmicos, à sua energia, à sua colaboração, à sua fervorosa dedicação de todas as horas, que, nos seus primeiros tempos, a Academia viveu e floresceu, ganhando de chofre o luminoso, o flamejante renome que conquistou em todo o Brasil. Estou em dizer que, se, a rigor, pelo cabedal de cultura e pelo destaque da inteligência, José Chevalier não foi uma das colunas mestras da nossa Companhia, o foi, sem dúvida alguma, por tudo o que havia de impressionante, de espiritualmente fascinador, na sua personalidade de exceção. Deveras, seria para deplorar que as suas produções intelectuais lhe não refletissem, integralmente, o manancial de erudição construtiva, que lhe serviu de base, de núcleo substancial, à firmeza de suas diretrizes pedagógicas. Quando a intuição clarividente de Nelson de Mello, num gesto espetacular, de ressonância no país inteiro pelo exemplo que encerrava, houve por bem galardoar o esforço dos humildes obreiros intelectuais dos confins do extremo norte, oferecendo-lhes sede própria para a sua Academia e mandando depositar os fundos necessários para a nobre finalidade, foi José Chevalier, já eleito secretário-geral pelo consenso unânime dos seus confrades acadêmicos, quem espontaneamente se apresentou para arcar com os obstáculos da sua nova instalação. Debaixo de sua vigilância escrupulosa operou-se a remodelação completa que então se fez para que se concretizasse o surto generoso de Nelson de Mello. Os mais

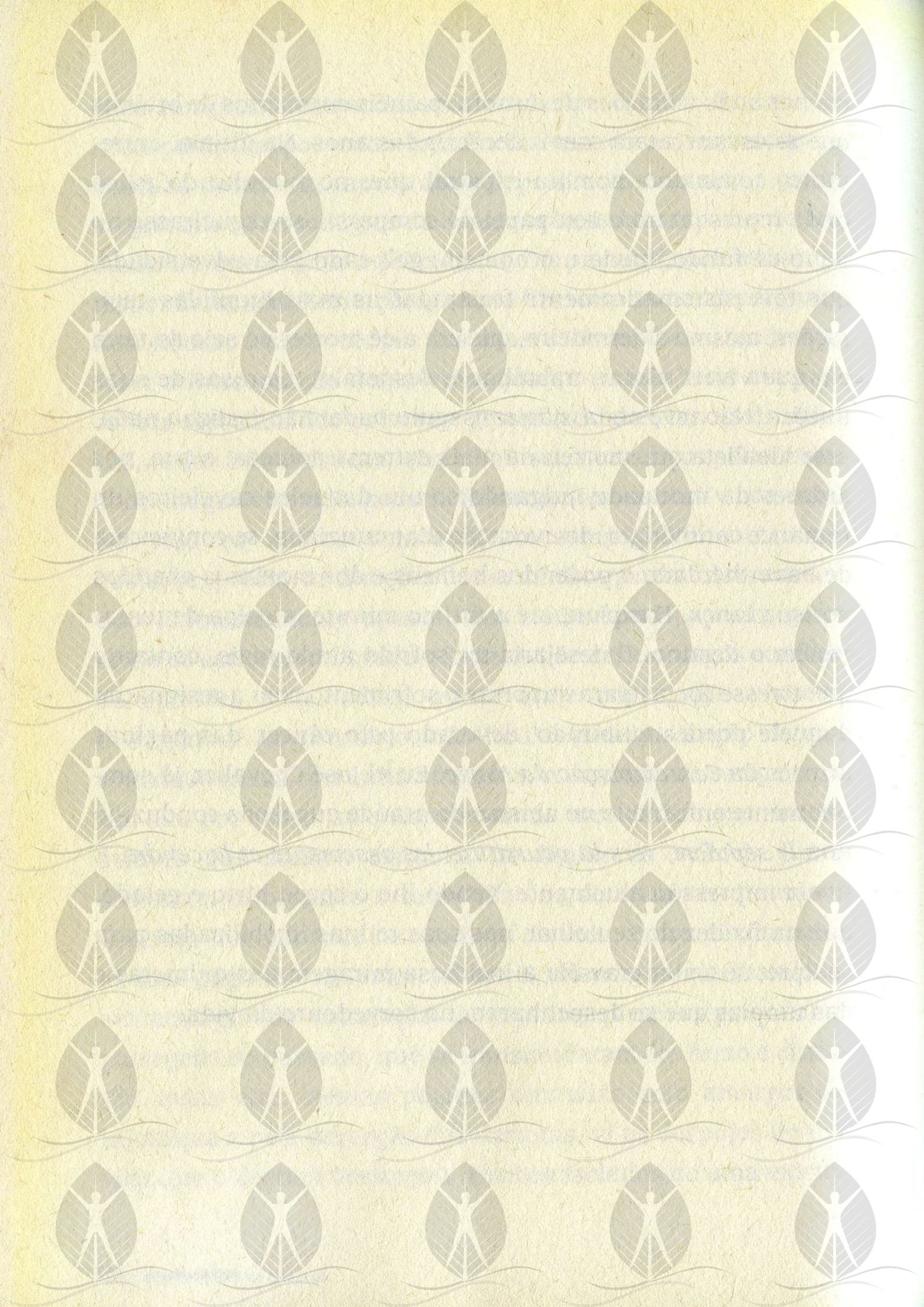
insignificantes pormenores na obra de adaptação do edifício sofreram-lhe a censura e mereceram-lhe a aprovação. Quando se pensou no aparelhamento do mobiliário que devia guarnecer os salões da Academia, se foi o nosso saudoso Coriolano Durand quem planejou e desenhou os esquemas para as decorações simbólicas, devemos a José Chevalier o ter feito executá-las com esmero e prontidão. Adstrito à pequena verba de que então dispusemos, mercê da benemerência do presidente de honra da Academia, adquiriu o que lhe parecia necessário para o seu regular funcionamento. A vida da Academia está vinculada, de extremo a extremo, à vida de José Chevalier, que lhe deu tudo e até o próprio coração, quando se lembrou de integrar-lhe ao patrimônio, para figurar em nossa incipiente biblioteca, os livros que pertenceram a Carlyle, o filho queridíssimo e desventurado, livros que lhe foram os campos de sementeira onde, como em certos homens predestinados que nascem com o instinto da beleza e a intuição da profundidade, germinaram e estenderam-se em ramagens os loureiros sagrados do seu pensamento.

* * *

Já no fim desta dilacerante peregrinação pelo passado, lembra-me de novo o conceito de Marcel Prévost. O avião do sonho, superlotado de lembranças, tem immobilizadas as suas asas tentaculares. Eu desejava ainda, se tivesse alento, reviver outros aspectos e episódios, porventura desconhecidos, da vida heróica de José Chevalier. Sentidas nos dias que vão longe, as

suas emoções, como todas as emoções profundas, ficaram em nós e perduram por toda a existência. Recordo-as, ressuscito-as, sinto-as outra vez, tantos anos depois, com o êxtase e com a alegria que só os milagres da imaginação seriam capazes de produzir. De que é feita a felicidade? Do prazer de lembrar, eu responderia sem hesitações, se me fizessem uma tal pergunta. Rememorar é uma volúpia dos deuses. Se eu fosse, realmente, fazer a introspecção dessa vida, quanto eu não teria ainda de contar, reproduzindo palavras, gestos, atitudes, lances dramáticos, cenas humorísticas, que só eu sei, que só eu, pela intimidade em que vivemos, poderia fielmente reconstituir e comentar. Na vida os nossos rumos foram sempre diferentes. Não obstante, porém, as direções dos caminhos percorridos, em sentido diametralmente oposto, nos entrevíamos a cada passo como se estivéssemos lado a lado. A não ser em vagos conflitos de opiniões e de idéias, nunca entre nós surgiu a menor divergência. Ao contrário, não houve jamais solução de continuidade nessa comunhão fraterna, comunhão de amigos que, um dia, por acaso, se encontraram na mocidade e que, mesmo através dos sonhos extintos, no limiar da velhice, juntos estiveram afrontando o turbilhão dos desencantos humanos. Conheço-lhe, por tudo isso, o livro da vida. Procurei compulsar as suas páginas mais impressivas. E, relendo-as, meditando-as, em amargurada contenção de espírito, pude surpreender as paisagens do passado, que se transmudaram em fumo e cinzas. Em todas elas, nessas páginas crestadas pelo amargor das injustiças e pela decepção das derrotas, vi os despojos de uma vida que o destino destroçou. Trechos isolados de uma existên-

cia nas suas vibrações de outrora, painéis encobertos de brumas que se esvaneceram com o decorrer dos anos. Na última, entretanto, como uma sombra espectral que, no tumulto do palco onde representara o seu papel de comparsa, se esgueirasse no pano de fundo, havia um homem, golpeado pela adversidade, que teve sistematicamente frustradas as mais humildes aspirações, mesmo a derradeira, que era a de morrer no seio da terra em que viveu, amou, trabalhou e despetalou as rosas de suas ilusões. Não teve nada, não conseguiu nada, não realizou nada, esse idealista que morreu na mais extrema pobreza, e que, nos ardores da mocidade, julgando-se um daqueles cavaleiros do romance carlovíngio, da evocação d'annunziana, se convencera de haver herdado o poder dos homens e dos monstros abatidos por sua lança. E expiou, até o último minuto, a culpa de tentar vencer o destino. E desejava ter sofrido ainda mais, contanto que tivesse forças para suportar o sofrimento com a resignação daquele poeta moribundo, devorado pelo câncer, das páginas atrozes da *Contemplação da Morte*. Eu vi José Chevalier, já sombriamente enfurnado no abismo do ataúde que devia conduzi-lo *vers le sépulcre, vers la pourriture, les ossements et la cendre*. E tive a impressão alucinante, vendo-lhe o corpo hirto e gelado, que na fixidez do seu olhar, nas suas retinas imobilizadas para sempre, se tinha gravado a insidiosa miragem das quimeras e das utopias que se despenharam no sorvedouro da vida.



Uma grande figura amazônica

Com *Política e espírito do regime*, Leopoldo Péres colige e fixa em volume, pela primeira vez, alguns dos inúmeros estudos e ensaios que lhe revelam o desenvolvimento, a extensão e a profundidade da cultura sociológica. Temos, afinal, embora concentrado exclusivamente em torno de suas idéias político-sociais, o livro inicial, o grande livro da maturidade, de um dos maiores servidores do espírito na Amazônia. Os que lhe conhecem e acompanham o radioso itinerário da mocidade, triunfante em todos os *raids* da inteligência, já se tinham compenetrado, em face dos testemunhos inequívocos do seu dinamismo intelectual, de que estava faltando apenas o livro para coroar definitivamente essa grande carreira de escritor. Tanto a sua obra de pensador e de artista, que o coloca no primeiro plano das figuras representativas da mentalidade amazônica, como a sua obra de literatura política, que abrange a complexidade dos problemas nacionais, refletindo-lhe, simultaneamente, a bravura combativa e o magnífico ardor cívico,

uma e outra não tinham tido a divulgação suscetível de projetar-lhe o nome para além das fronteiras provincianas. Injustificadamente extraviada na imprensa diária, estava condenada a desaparecer a obra copiosa, erigida sobre os alicerces da experiência, do raciocínio, da disciplina e da meditação, onde lhe transluzia a universalidade da cultura. Quando, em 1935, num dos capítulos de *Legendas & águas-fortes*, tentei esboçar-lhe o perfil de homem de letras, fui obrigado a lastimar, em consciência, que um escritor da sua polimática infibratura, da nobre estirpe dos mais insignes escritores brasileiros contemporâneos, ainda não houvesse concretizado a bela ambição de perpetuar no livro a essência do seu pensamento. Naquela oportunidade, creio que foi, talvez, a minúscula objeção que arrisquei, restringindo a glória desse cavalheiresco campeador das idéias. Não que eu julgue ou esteja convencido da influência que o acervo bibliográfico representa para os arestos da posteridade. Preliminarmente, é fora de dúvida que o fator da produção nada tem a ver, nem pode contribuir de nenhuma forma para a celebridade do escritor. Nada significa a quantidade. O que importa é a qualidade do livro, a súpula do pensamento de seu autor, os horizontes da sua visão. Porque há escritores de cem volumes, cujo nome e cuja obra se destroçam por si mesmos e não conseguem escapar às injúrias do tempo. Como existe, em contra-posição, o escritor de um só livro, no apogeu da glória, cuja fama resiste à poeira dos séculos. Tudo depende dos elementos de consistência espiritual que concorreram para assegurar-lhe a imortalidade. Mas o caso de Leopoldo Péres é típico. Trata-se de um escritor de sólida corporatura intelectual que obstinada-

mente, até hoje, desdenhou a publicidade em grande estilo, adaptando-se ao marasmo esterilizante da Província e sofrendo-lhe as conseqüências inevitáveis. Com eles já se conformara, tendo a certeza de que no Amazonas ou em qualquer outro rincão brasileiro, tirante a capital do país, a displicência e o esquecimento absorvem o esforço dos que trabalham cerebralmente e, o mais das vezes, nem mesmo a notoriedade que lhes cinge o nome tem o poder de salvar o livro do silêncio entorpecedor que o fulmina desde a hora do aparecimento, se em sua lombada não ostentar o rótulo da editora metropolitana. Erroneamente ou não, de tal modo era evidente a sua persistência no dispersar em pura perda os florões da construtiva inteligência, estava persuadido o escritor amazônico de que o livro, quando publicado em plena juventude, ao invés de ser uma contribuição, um elemento de prestígio na conquista das vitórias definitivas, se transforma em aventura comprometedora para os que ainda não consideram em estado de cristalização a soma de conhecimentos adquiridos, capazes de lhes definirem a personalidade. Seria temeroso, a seu ver, arrostar com as intempéries que o livro provoca – refiro-me, é claro, ao livro de idéias, que traduza a estrutura íntima do seu autor, as diretrizes do seu pensamento, e lhe seja o termômetro da sensibilidade – sem certificar-se, antes do mais, de que da transição do inconsciente para o consciente, quero dizer, das imperfeições da primeira idade para a segurança dos anos de madureza, nenhuma fórmula de cultura permaneceu no seu espírito que não estivesse profundamente assimilada. De fato, quando se é muito jovem, escrever em excesso, ou pior do que isso, ter a obsessão de acu-

mular volumes, é um grande perigo. Já de suas conseqüências nos advertiu Jacques Chardonne, com os dissabores resultantes de sua própria experiência, aconselhando que se deve conservar a mocidade para a idade madura. “Se escrevermos cedo em demasia, sobretudo quando se tem a infelicidade de obter um pouco de sucesso, pondera o autor do *Epithalame*, arriscamos a continuar no período da infância por toda a vida”. Na verdade, só os ensinamentos, a secura e a exigência inflexível da maturidade retificam os assomos da juventude, corrigindo-lhe os ímpetos e os entusiasmos. Quantas vezes um livro irrefletido da adolescência não se constitui em pesadelo eterno na vida do homem de letras! O escritor luso Carlos Malheiro Dias, recentemente falecido, e cujo nome resplende na galeria das grandes glórias literárias de Portugal, não sabia como penitenciar-se de haver publicado, no início de sua carreira de romancista, um livro insólito e contundente, erigido de conceitos injuriosos em detrimento dos nossos costumes sociais, o qual, embora relegado desde logo, lhe foi o remorso da existência inteira. Cito apenas um exemplo, podendo enumerá-los às dezenas, em circunstâncias idênticas. Mas, se no caso do livro de estréia do prosador de *Os Teles de Albergaria*, o dano provinha da irreverência agressiva do seu fundo moral, via de regra são a insuficiência de cultura, os defeitos técnicos, as transgressões lexicográficas, a audácia ingênua e a sofreguidão pretensiosa da urdidura literária, índice do limitado alcance introspectivo das visadas primitivas de seus autores, que lhes fazem o tormento, quando na hora meridiana da vida examinam e reconhecem a inanidade dos livros prematuros. Ainda desta vez, porém, não é

esta a hipótese de Leopoldo Péres. Desde a adolescência, a sua prosa já exercia um poder de fascinação extraordinário; e o sentido de sua obra fragmentária, dispersa nas folhas volantes da imprensa cotidiana, singularizava-se pela clarividência, serenidade e equilíbrio do espírito. Posso afirmar, de ciência própria, que quaisquer das composições dessa época, se reunidas em volume, determinariam com extremo brilho as experiências sucessivas e as etapas fundamentais de sua evolução mental, sem nenhum deslustre para o renome e para a reputação do escritor de agora. Sendo apenas para considerar que na sua ascensão transfiguradora, à semelhança de Conrado Brand, o herói da tragédia d'annunziana, Leopoldo Péres sente a necessidade de superar-se a si mesmo, de altear-se cada vez mais nos seus prodigiosos remígios, com a ânsia de atingir a plenitude, a perfeição suprema, como se fosse uma árvore humana, florescendo e frutificando porque o ar e a luz lhe banham as copas frondentes e as suas raízes mergulham em solo exuberante e fecundo.

* * *

Procurei acentuar, de início, sem deter-me, propositadamente, no terreno dos argumentos de ordem analítica, que a obra literária de Leopoldo Péres, ainda não selecionada para a consagração em livro, era um dos espetáculos mais deslumbrantes da inteligência e da cultura amazônicas. Não aventurei uma afirmativa em falso. Antes, porém, de justificá-la, impõe-se um esclarecimento, para evitar os equívocos deturpadores. Aquele

adjetivo, nesta altura, exclui qualquer interpretação ambígua, de referência correlativa com o que se há escrito, superficial e mistificadoramente, sobre as fantasmagorias e os aspectos fisiográficos do vale setentrional, tema aliás interessantíssimo quando o escritor se chama Euclides da Cunha, mas absolutamente alheio e fora de suas cogitações intelectuais. Acudiu-me a lembrança de assim classificá-la, porque lhes são imanentes as características da região portentosa. Da inteligência amazônica, pela trepidação de sua arte de ensofregado colorido estético e pelo afogueado tropicalismo do seu estilo, milagre de ritmo, translucidez, elegância e correção plástica, harmonioso instrumento que lhe ornamenta as idéias, imprimindo-lhes vibração e suntuosidade. Cultura amazônica, no sentido de extensão, superabundância e profundidade, cultura eclética e universal, que se esforça por todos os meios para atingir a complexidade de conhecimentos do espírito humano. Com efeito, as suas grandes páginas, modelos de justeza, solidez, raciocínio e lógica, revelam o admirável Tirteu amazônico, que com a sua fé e a sua mocidade permanente, aquela “juventude imarcessível” a que alude Mauriac, se fez o exemplo e o padrão dos homens que vivem sob o primado da inteligência e nasceram sob o signo da sabedoria. Qualquer delas lhe reflete a visão esquemática das diretrizes estético-ideológicas. Evidentemente, de umas para outras, assinalando épocas diferentes, há modificações de matizes e desvios de orientação, que lhe demarcam a trajetória de escritor. Mas a essência das idéias não se transforma, como não sofre alterações a estrutura original. A maneira de interpretá-las é que se modifica. As imagens revestem-se dos cambiantes de suas novas tendên-

cias e aspirações; e, do mesmo passo, as idéias revivem, remoçam e se renovam ao influxo e no contato magnético do seu talento fascinante. Quanto eu não desejaria, celebrando o aparecimento do seu primeiro livro, demonstrar com o subsídio de provas concretas, mais eloqüentes de que qualquer comentário crítico, a exatidão das minhas assertivas no que concerne à beleza e à substância da obra literária e sociológica de Leopoldo Péres! Os que me seguissem nessa deliciosa peregrinação espiritual, em que as emoções estéticas se repetem a cada instante, teriam a faculdade de, escrupulosamente, exercer o seu próprio julgamento, a salvo de quaisquer sugestões tendenciosas. Porque, a despeito das objurgatórias ineptas dos seus detratores, ela resume todas as formas de atividade mental e condensa, em síntese, o que de mais novo, de mais moderno e de mais curioso se processa na evolução do pensamento contemporâneo. Os seus discursos políticos e acadêmicos, as suas monografias, os seus ensaios, as suas conferências, os seus estudos filosóficos e doutrinários, mesmo os simples artigos de revistas e jornais, dariam a medida do valor e dos recursos de sua onímoda cerebração. Seja qual for o assunto ou a modalidade intelectual em apreço, o seu espírito, como se tivesse o destino das águias, alcandora-se aos cimos mais elevados. Bastaria expor para cada gênero, como elemento de convicção, um só paradigma. Cite-se, por exemplo, se houver o intuito de exhibir um depoimento formal, que retrate impressivamente a fisionomia do orador, dos maiores e dos mais brilhantes de sua época e de sua geração, a conferência *O Brasil e o mundo*, proferida no Teatro Amazonas, em 7 de setembro de 1939. É um documento pensado, profundo

e de excepcional descortino, por onde aferir-se-ia a capacidade investigadora do sociólogo, da linhagem de Alberto Torres, Azevedo Amaral e Oliveira Lima. Da mesma sorte, o seu discurso de paraninfo, no colégio Dom Bosco, do qual se destacam os tópicos sobre *O mundo na visão de Berdiaeff* e o *Destino e compromisso das novas gerações*, subsídios inestimáveis que poderiam ser arrolados no balanço espiritual da obra de Leopoldo Péres. Dar-lhe-iam essa preferência o transunto das idéias e a mesma rigorosa vernaculidade de expressão, que lhe desvelam o traço superior da mentalidade e lhe fazem os primores do estilo flamejante, tão da índole de sua prosa apuradíssima e tão do horror sagrado dos que não sabem ou não podem libertar-se da servidão do estilo espúrio e água-morna, que tanto humilha e envilece as idéias. Não esquecer, nessa vertiginosa resenha das atividades intelectuais do jovem prosador patricio, uma das páginas de estrutura mais perfeita e de melhor acabamento que lhe aprimoram a obra de pensador e de artista. Refiro-me à conferência *Arte e pensamento de Benjamin Lima*, onde, de maneira indiscrepante, se afirmam todas as gradações do seu temperamento de escritor. De mim, estou convencido de que esse trabalho magistral, só por si, far-lhe-ia a reputação de homem de letras. Nos seus contornos coruscantes, a figura de Benjamin Lima – “preliador invulnerável e inadaptado às latitudes da mediania” – exsurge no esplendor de sua glória. Não se trata de uma arrebatada apologética, sem outro desígnio que não o de louvar e exaltar, em períodos ressonantes, a obra e os brasões heráldicos de um dos mais renomados teatrólogos brasileiros destes dias. Bem ao revés disso, na exposição das idéias de singular

serenidade e surpreendente lucidez, que sobrepairam redourando as filigranas de um estilo esmerado, de pureza inconsútil, as facetas múltiplas da inteligência criadora de Benjamin Lima são examinadas e amplamente estudadas. Não só os atributos sedutores do dramaturgo incidem na sua penetrante visualidade crítica. O pensador, o homem de imprensa e o crítico também foram conjuntamente discutidos e postos em relevo. Os aspectos originais de sua crítica, sobretudo, diferente das outras, e que inaugura, na definidora expressão de Leopoldo Péres, “a crítica epigrama ou o epigrama crítica, ao arrepio da crítica retrato, da crítica estudo, da crítica monografia, desenvolvendo-se em ilações, para concluir, em silogismos para justificar a conclusão, a crítica expressionista, espatulada, pictural”. Lastimo o não me ser possível transcrever *in-extenso* essa conferência, que é indiscutivelmente uma das demonstrações incisivas da mestria, da técnica, do poder interpretativo e das variantes proteiformes da sua cultura literária. Em dois estudos sobre a personalidade do autor de *Pascal e a inquietação moderna*, que teriam a maior repercussão nos círculos religiosos do país, se conhecidos fora do Amazonas, manifesta-se o pensador católico. No primeiro, sob a epígrafe *Jackson de Figueiredo e a restauração da inteligência no Brasil*, que é uma profissão de fé espiritualista, está o seu testemunho desapassionado e fervente não só sobre a vida de Jackson de Figueiredo, senão sobre a crise religiosa que, na atualidade, avassala o mundo. Processando-lhe a exegese da obra, ergue, ao mesmo tempo, a apologia da Igreja – “porque só a Igreja é capaz de restaurar à inteligência todas as suas virtualidades criadoras, toda a sua energia militante, a sua coragem e as suas possibili-

dades de sacrifício, evitando-lhe, por outro lado, a inútil vanglória, com o ensinar-lhe as virtudes inefáveis da humanidade e da renúncia”. A vocação apostolar do homem que, consoante Graça Aranha, “foi um exemplo edificante de fé, de valor transcendente e por isso gerador de entusiasmo”, e no conceito do sr. Tristão de Ataíde “a figura mais ardente e expressiva da recristianização militante da inteligência nacional”, aí está bosquejada com ardoroso empenho. Leopoldo Péres considera-o o precursor da campanha em prol da restauração da inteligência no Brasil. De pleno acordo com a tese de Jacques Maritain, no tocante ao mal de que sofrem os tempos modernos, que a super-clarividência do célebre doutrinador francês define como um mal da inteligência, Leopoldo Péres defende-lhe os fundamentos racionais e religiosos, e aproveita o ensejo para traçar com invejável intuição sociológica o perfil do *leader* católico, autêntico “falangiário da fé”, fazendo-lhe, do mesmo passo, através de cerrada argumentação dialética, a síntese da obra e dos seus destinos no espírito brasileiro. Em *O anunciador da ordem nova: Jackson de Figueiredo*, discurso proferido no Centro D. Vital, de Manaus, na sessão comemorativa de um decênio da morte do sociólogo da *Reação do bom senso*, ressaltam, com o mesmo aprumo de idéias e com igual cintilação de estilo, os prismas rebrilhantes da obra do jornalista político, do polemista e do panfletário, experimentado nos prélios mais renhidos, e que “a si mesmo se propusera a tarefa quase sobre-humana, ciclópica, de derrubar, sozinho, toda uma floresta imensa, toda uma selva-selvagem de erros e sofismas, de prejuízos e preconceitos negativistas quais os que se adensavam, parecendo absolutamente

inerradicáveis, sobre a nossa mentalidade incipiente, artificiosa e superficialíssima, de há duas décadas”. Não sei de outro estudo, de tantos e tão notáveis que têm passado diante dos meus olhos, já no que respeita à orientação religiosa e filosófica, já no ponto de vista moral e espiritual, que melhor traduza e defina a figura de pensador sergipano, de tamanha influência na sua época. Esses dois ensaios, que não temem quaisquer cotejos, e que estão deploravelmente sepultados na imprensa regional, à míngua de difusão, poderiam figurar com vantagem no suplemento literário de *A Manhã*, do Rio, publicado sob a direção de Múcio Leão, em seu número consagrado a Jackson de Figueiredo, celebrando o décimo terceiro aniversário de seu passamento, e no qual, sob excelente critério, de pesquisa selecionadora, foram coligidos todos os depoimentos firmados por escritores brasileiros – Graça Aranha, Ronald de Carvalho e o sr. Tristão de Ataíde, à frente – referentes à personalidade numerosa e iluminada do prosador cristão de *Humilhados e luminosos*. Outros estudos, muitos outros ainda, sumidos na voragem do jornal, caracterizam-lhe o sentimento religioso, repassado de fé e de devotamento cristão, virtudes que animam e dignificam a sua vida espiritual. É de mister, no entanto, não omitir, na série de seus trabalhos de diretrizes religiosas, um outro documento de relevância indisputável, que vale por uma prova convincente, à luz dos mais modernos conceitos de ordem sociológica, da sua complexidade cultural. Quero aludir à análise e à crítica ao livro *L'Église et le problème de l'autorité*, da autoria do padre J. P. Coulet, onde se investigam as causas mediatas e imediatas da crise que, na hora atual, abala e pretende destruir o princípio de

autoridade. Menciono apenas a tese do ilustre prelado francês, discutida pelo sociólogo amazônico (*Concepção cristã da autoridade*), sem aduzir qualquer apreciação, embora em resumo, à exegese, à crítica de alta transcendência que lhe foi feita. Seria preciso estender-me em demasia para distinguir e destacar as vigas mestras dessa valiosa contribuição ideológica, das mais importantes de suas atividades mentais. Porque, na realidade, é nos domínios da crítica literária e sociológica, exercitadas com destreza, segurança, agilidade e superior erudição, que mais avultam o prestígio e o fascínio inelutáveis do espírito de Leopoldo Péres. A sua crítica, a todos os aspectos, é uma obra-prima de cultura e de requintes artísticos. Dir-se-ia o impressionismo de Lemaitre, temperado do melhor Thibaudet, o Thibaudet intuitivo e superexcitante que fez da crítica uma espécie de caleidoscópio, onde em cada página, no tumulto de observações vivas, os pontos de vista se transmudam, os temas têm variantes inesperadas, motivando o pretexto para o desdobramento de seus conhecimentos, com a faculdade de adaptá-los ao assunto central, sem nenhum prejuízo para o fulgor das idéias, que permanecem na sua limpidez cristalina. É assim a crítica de Leopoldo Péres. Conservo entre os meus recortes de jornais velhos, que ainda reagem contra a devastação dos anos, alguns dos seus modelos mais primorosos, símbolos transverberantes que lhe evocam a mocidade coroada de louros. Escritos à distância de mais de três lustros, atestam que, já naquele tempo, a sua crítica, de moldes eruditos, recortada em formas castiças, das quais emergiam os sentidos vibráteis do artista conjugados ao ânimo curioso do analista, não era apenas uma criação do

espírito. Deixava-nos, antes de tudo, a sensação desconcertante da obra que dispensa retoques. Cada um deles marca um estádio novo, um traço mais desenvolvido, uma sensibilidade talvez mais aguçada, uma capacidade de exteriorização de maior força sugestiva, induzindo-nos a estar de acordo, sem a menor discrepância, com certas conclusões resultantes do seu poder de lógica e de sua dialética invencível. Dos trabalhos deste gênero, somente a tortura da seleção seria o entrave a antepor-se aos meus objetivos, se eu quisesse levar a termo a tarefa de sumariá-los. Nada obstante, embora delicados escrúpulos de ordem moral me inibissem de qualquer pronunciamento, na contingência de optar, eu me decidiria, sem nenhuma hesitação, escolhendo de preferência aqueles em que a sua *maitrise* prepondera, e onde a faculdade de penetração e expansão das idéias denuncia o escritor integrado na cultura do seu tempo e na plenitude de sua força criadora. Reporto-me – e com que constrangimento o faço, uma vez que estou ostensivamente em causa – aos estudos em torno dos meus livros de ensaios críticos. Principalmente, ao que se acha vinculado ao destino da *Vida luminosa de Araújo Filho*. Não só porque no panorama de suas idéias tudo se fundiu para uma ampla, positiva e cabal demonstração de méritos, como por todos os conceitos generosos a mim dedicados, na hora inquieta em que o meu nome humilde surgia no livro, tornando-se o alvo da impostura e da insídia de quanto bisbórria, arvorado em julgador literário, no frenesi da demolição, lhe tentava diminuir e achincalhar o já apoucado valimento. Foi quando o jovem mestre da crítica, que era também um excelente professor de atitudes – e ainda hoje salteia-me a comoção ao lembrar-lhe o gesto de

pura nobreza! – arrojou-se às peripécias de um lance arriscado. Com a autoridade do próprio nome, cuja reputação se firmara na Amazônia pelo exemplo de insofismáveis provas de competência, não tardou em expô-lo aos golpes vesânicos da estultice agressiva, trazendo sobre a estrutura orgânica do meu primeiro livro, o seu depoimento incorruptível. A crítica de Leopoldo Péres, no advento de *Figuras & sensações*, escudada em preceitos que valiam por acutiladas, derribou de vez as muralhas espessas da hostilidade e da incompreensão.

A que extremos não me levariam os escrúpulos, para evitar omissões, analisando em pormenores os elementos componentes de sua obra, se me predispusesse a contornar-lhe todos os ângulos da cultura poliédrica! Não pretendo, todavia, demasiar-me, no intuito de situar-lhe a posição notabilíssima, em paralelo com outros escritores brasileiros, especializados no mesmo gênero. Como quer que seja, não posso deixar de aludir, nesta hora, ao engenho do retratista literário. Sinto, porém, a dificuldade de restringir, nos limites de um ensaio de reduzidas proporções, o que há de grande e impressionante na sua vasta galeria de retratos. Vejamos o de Rui, por exemplo, modelado com chispas de gênio, semelhante a um monumento em bronze fundido na forja do estatuário insigníssimo de *Portraits Littéraires*. Por si só esse espécime daria uma idéia do tamanho de quem o concebeu. No entanto, por mais decidido que me fosse o propósito de abreviar o curso destas digressões, eu teria de evocar, do mesmo passo, a finura e a beleza de outros retratos, alguns dos quais, pela sutileza do pensamento, imperceptivelmente irônico, discretamente revelador, lembram uma água-

forte gourmontiana, desgarrada do *Le livre des masques*, e aí plasmados com o mesmo rigor de precisão e de técnica. Surpreende-se-lhes desde logo, através das perspectivas, que o escopo primordial do escritor foi fixar por todas as formas o desenho de sua emoção, com o projetar na tela os estos do seu sentimento admirativo. São retratos de intenso colorido pictural, cujas tonalidades ardentes refletem, a um tempo, o *élan* do artista, e a alma, o corpo, o espírito de seus modelos. Ocorre-me, passando-lhe em revista a galeria, o de Oliveira Lima, com o diâmetro de sua cultura, de par com as grandes linhas que lhe definem o sentido reconstutivo da ação diplomática, enquadrado na moldura de um discurso que, na época, fez sensação. Também o de Eugênio Noel, de rara agudeza psicológica, no qual repontam, de permeio com a análise e a crítica da obra do prosador de *España nervio a nervio*, a figura e o verbo trepidante desse diabólico dominador de assistências. O de Alberto Torres (*Restauração do bom senso*), seguindo-lhe os rumos do ideário sociológico, “lavrado no cerne vivo das realidades nacionais”. O de Salazar, “ditador da inteligência” (*No clima do terrorismo*), página de sabedoria e de ensinamentos políticos, onde se focaliza a obra do estadista que fez “o milagre de reconduzir nos quadros da lei, do trabalho e da disciplina, uma nacionalidade que se entregava desvairadamente às volúpias da demagogia”. Há ainda, lucidamente delineado na dignidade de sua láurea de eleito, o retrato de Romain Rolland (*De profundis clamans...*), com referência às desumanidades da guerra, em 1914, e na qual o pensador de *Jean Cristophe*, a seu entender, “encarnou a consciência da Europa e do mundo, em face da bar-

bárie”. Evocado de um só traço, que descreve o drama trágico da Espanha (*Espanha de dor e de glória*), a figura e o pensamento de Alvaro de las Casas, nos sortilégios que lhe fazem o enlevo da palavra faiscante e aristocrática. Na sua molduragem de pilhas elétricas, o vulto envolvente e glorioso de Adriano Jorge (*Um clarão nas alturas*), com a legenda que aureola o homem e o preliador: “a sua palavra traduz um imperativo categórico; seu nome, uma bandeira resplandecente; seu exemplo, uma diretriz inflexível; seu pensamento, uma flâmula de combate, o lumaréu de uma atalaia nos cimos”.

E outros inúmeros retratos da mesma armadura estética, que poderiam figurar, ou antes, capazes de envaidecer as galerias de Pompeyo Gener e Ruben Dario.

Passo a correr sobre a infatigável atividade de Leopoldo Péres, como jornalista militante. A sua fecunda capacidade de homem de imprensa está disseminada, como um filão instantâneo, não só no Amazonas, como por todos os quadrantes do país, através de centenas de editoriais políticos, teses doutrinárias e artigos de combate, nos quais realiza prodígios a cultura enciclopédica desse fagulhante Léon Daudet amazônico, que possui o arrogante *panache* do panfletário francês, no pleitear as causas em que se defronta o perigo, sem contudo imitá-lo nas atrocidades do seu espírito zombeteiro e mordaz. Toda a sua obra é uma força construtiva em ação, operando como um reativo na sua generosa transfusão de sangue novo, força que reanima os sentidos e reconstitui todas as formas harmoniosas do espírito. Ainda recentemente, nesse memorável inquérito sobre o *Discurso do rio Amazonas*, o jornalista *enquêteur* excedeu a todas as medi-

das. Ninguém pôde esquecer, até hoje, o êxito ruidoso dessas páginas de reluzente contextura intelectual, lembrando um poema de Lucrécio ou um epigrama de Meleagro, que serviram de introdução a cada um dos depoimentos exibidos nessa feira da inteligência. Sob aspectos climáticos por vezes insólitos, foram fixados inexoravelmente o valor e as idéias primaciais das contribuições que lhe caíram debaixo da objetiva, aduzidos de uma noção verdadeira, em alguns casos, ou munificentemente exagerada em outros, da mentalidade dos contribuintes.

Tanto já me estendi de referência aos amavios e esplendores da obra esparsa e fragmentária desse heleno da Amazônia, – heleno ao jeito de Barrès, remanescente glorioso de uma raça de heróis e de titãs – e tão pouco me foi possível dizer, em última análise, das transcendências e reverberações do seu espírito mirífico. Essa obra ingente, que é um clarão do pensamento amazônico, obra de sociólogo, jurista, tribuno, conferencista, escritor e jornalista, cujos atributos paradigmáticos lhe traduzem o vigor da personalidade, obra que já deveria estar editada para orgulho de sua geração, não pode ser confinada nos escassos limites de uma configuração crítica perfunctória. Nem a sua obra, nem a sua vida de homem, “profundamente, infinitamente homem”, como a Richepin classificava Paul Bourget, e cuja existência não se circunscreve aos surtos de espírito, mas é também energia e vontade, sensibilidade e sentimento, responsabilidade moral e consciência.

* * *

Política e espírito do regime, cuja projeção no ambiente mental do país já se faz sentir vitoriosamente, revela um dos prismas mais impressionantes de sua possante envergadura de escritor. Livro particularmente característico de quem sabe escrever, pensar, deduzir e meditar, havendo conquistado a autonomia da própria personalidade, nele se enfeixam, em harmoniosa coordenação, os seus mais relevantes trabalhos de estrutura sociológica. Sem nenhuma atitude doutoral ou pedantesca, aí se encontram vários ensaios, todos vivos e interessantes, incidindo sobre curiosos aspectos da atualidade brasileira. Leopoldo Péres, através de todas as páginas, não dissimula as suas predileções políticas, que se manifestam com singular nitidez. Exegeta sagacíssimo do Estado Novo, examinado, analisado e discutido com o concurso de idéias firmes, eminentemente construtivas, nas variantes de suas modalidades mais apuradas, no seu livro estão compendiados o pensamento filosófico e as reflexões ideológicas do escritor político, ou melhor, da ação política do sociólogo, que é ainda uma afirmação peremptória de sua capacidade de pensar e de agir. Na verdade, Leopoldo Péres poderia dizer como Joseph Lacrisse, a irônica personagem anatoliana que vive nas páginas de *Monsieur Bergeret à Paris*: “Moi, je suis l’action, toujours et quand même”. Tanto em sua vida literária, como em sua vida política, como no tumulto de sua vida de jornalista, o fragor dos embates, o aceso das contendas em campo aberto, a fúria dos demolidores fracassados, formaram o homem de ação, o homem que traz consigo a fórmula das convicções inabaláveis, e cujas idéias e ideais representam, em síntese, o espírito novo

do Brasil. O seu livro aí está, numeroso de problemas e afirmações, descortinando-lhe o talento. Talvez que, em muitos casos, sejamos levados a divergir da interpretação e da solução que lhes foi dada, mas temos que reconhecer a lógica, a independência ou até mesmo a ousadia com que foram expostos e resolvidos. Seja como for, a sua consciência, consciência de escritor político e doutrinário, está em ação. Sempre a mesma eloqüência peregrina no desenvolvimento das idéias e opiniões em torno da obra de reconstrução nacional. Já tratando da nova política do Brasil; já profligando, com apóstrofes siderantes, o extremismo e a desordem; já aludindo ao problema da Amazônia, em conexão com a visita do presidente Vargas ao extremo norte; já, principalmente, no referir-se ao papel das novas gerações em face do sentido renovador do Estado Nacional, os conceitos externados em qualquer dos capítulos do seu grande livro, não significam apenas um florilégio incandescente, em perpétua ebulição. Muito ao contrário do que se crê, deixam vislumbrar as reservas da cultura sociológica do seu autor, definindo-lhe os moldes rijos da educação política, que não se fez de improviso, mas que foi conquistada com galhardia nos lances épicos de campanhas memoráveis, nas quais sobressaíram e empolgaram a flama e o desassombro do homem de ação. *Política e espírito do regime*, nesta hora crucial para os destinos da nacionalidade, é um livro que adverte, orienta e faz pensar. Eu o considero, legitimamente, um dos maiores acontecimentos na esfera do pensamento brasileiro, e o tenho, a justo título, como o prenúncio de outras obras, do mesmo poderoso arcabouço mental, que virão logo após. Aurilavradas

na magia de um estilo harmonioso, lembrando a eurtimia raciniana e a pureza vernácula de um Herculano ou de um Vieira, as idéias que lhe formam a disciplina intelectual, sobre constituírem relevante contribuição em defesa e em propaganda do regime, valem por experiências luminosas de sua vida, fervorosamente consagrada ao culto do espírito e da inteligência.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS

coleção  poranduba

Aspectos Sociais e Políticos do Desenvolvimento Regional

Agnello Uchôa Bittencourt

Em Memória de Stradelli

Câmara Cascudo

Flora Médica Brasiliense

Dr. Alfredo da Matta

Os Intérpretes da Amazônia

Péricles Moraes

A Contribuição do Índio à Economia da Amazônia

Eurico Fernandes

Introdução à Sociologia da Amazônia

André Vidal de Araújo

Amazônia – Cultura e Sociedade

Djalma Batista

Textos sobre a Amazônia

Euclides da Cunha

Súmula de História do Amazonas para Professores

Arthur Cezar Ferreira Reis

A Crise Amazônica e a Borracha


J. A. Mendes

Apontamentos sobre a Revolução Acreana

Plácido de Castro

Os Índios Maués

Nunes Pereira



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em outubro de 2000, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Caxton Lt BT no corpo 11/17. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.



Seguiu-se a *Figuras & Sensações* um livro reivindicador da glória de Coelho Neto –, mais uma afirmação da faculdade de crítico de Péricles Moraes. Depois já vos falei na *Vida Luminosa de Araújo Filho*.

Veio por fim o mais conhecido e celebrado dos livros do mestre: *Legendas & Águas-fortes*. Este é completo, na universalidade, que põe a lume, do espírito do autor. Sobre os intérpretes da Amazônia, há um capítulo portentoso, o primeiro do livro, resumindo e analisando o que de melhor se tem escrito sobre tão complexo assunto. Todos os ensaios de *Legendas & Águas-fortes* são merecedores de destaque, mas eu não quero deixar de salientar, mui especialmente, estes dois: "Anatole France, semeador de dúvidas" e "Pela glória de Gonzaga Duque". São dois primores, que já vos deliciaram certamente, como já o fizeram a mim, em crescente entusiasmo.

Djalma Batista



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA